

FUNDAÇÃO UNIVERSIDADE FEDERAL DE RONDÔNIA - UNIR
NÚCLEO DE SAÚDE
DEPARTAMENTO DE PSICOLOGIA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA –
MESTRADO/MAPSI

UM DESCANSO NA LOUCURA: UM ESTUDO PSICANALÍTICO
SOBRE AS RELAÇÕES AMOROSAS E A SEXUALIDADE NA
PSICOSE

PATRÍCIA RAFAELA DE MORAIS HONORATO

PORTO VELHO

2012

PATRÍCIA RAFAELA DE MORAIS HONORATO

**UM DESCANSO NA LOUCURA: UM ESTUDO PSICANALÍTICO
SOBRE AS RELAÇÕES AMOROSAS E A SEXUALIDADE NA
PSICOSE**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Psicologia - MAPSI da Universidade Federal de Rondônia como requisito parcial para obtenção do título de mestre em Psicologia.

Linha de Pesquisa: Saúde e Processos Psicossociais

Orientador: Dr. Luís Alberto Lourenço de Matos

Co-orientador: Dr. José Juliano Cedaro

PORTO VELHO

2012

FICHA CATALOGRÁFICA
BIBLIOTECA PROF. ROBERTO DUARTE PIRES

H774d

Honorato, Patrícia Rafaela de Moraes

Um descaso na loucura: um estudo psicanalítico sobre as relações amorosas e sexualidade na psicose / Patrícia Rafaela de Moraes Honorato. Porto Velho, Rondônia, 2012.
158f.

Dissertação (Mestrado em Psicologia) Fundação Universidade Federal de Rondônia / UNIR.

Orientador: Prof. Dr. Luis Alberto Lourenço de Matos

1. Relações amorosas 2. Sexualidade 3. Psicose Freud Lacan I. Matos, Luis Alberto Lourenço
de II. Título.

CDU: 159.964

Bibliotecária Responsável: Ozelina Saldanha CRB11/947

FOLHA DE APROVAÇÃO

UM DESCANSO NA LOUCURA: UM ESTUDO PSICANALÍTICO SOBRE AS RELAÇÕES AMOROSAS E A SEXUALIDADE NA PSICOSE

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Psicologia - MAPSI da Universidade Federal de Rondônia como requisito parcial para obtenção do título de mestre em Psicologia.

Linha de Pesquisa: Saúde e Processos Psicossociais

Orientador: Dr. Luís Alberto Lourenço de Matos

Co-orientador: Dr. José Juliano Cedaro

BANCA EXAMINADORA

Dr^a. Melissa Andrea Vieira de Medeiros

Instituição: Universidade Federal de Rondônia

Programa: Mestrado Acadêmico em Psicologia (MAPSI)

Assinatura:_____

Dr. José Carlos Barbosa da Silva

Instituição: Universidade Federal de Rondônia

Assinatura:_____

Dr. Luís Alberto Lourenço de Matos (Orientador)

Instituição: Universidade Federal de Rondônia

Programa: Mestrado Acadêmico em Psicologia

Assinatura:_____

Dissertação aprovada em:___/___/___

À memória de Aleida e Valdecí.

AGRADECIMENTOS

Ao Programa de Pós-Graduação Psicologia – MAPSI – e a Universidade Federal de Rondônia por propiciarem a experiência valiosa e singular de adentrar e compor o campo da docência e da pesquisa. Em especial aos professores do MAPSI que se empenharam por concretizar e esforçam-se para manter em constante construção uma via de formação de um meio acadêmico de qualidade.

À Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – CAPES – pelo financiamento que viabilizou a realização dessa pesquisa e do incentivo às pesquisas na região norte, bem como por propiciar e financiar o intercâmbio de saberes e vivências através do Programa Nacional de Cooperação Acadêmica, experiência com a qual fui contemplada e foi de valor crucial para o desenvolvimento dessa dissertação.

À Universidade de São Paulo – USP – e ao Programa de Pós-graduação em Psicologia Escolar e do Desenvolvimento Humano do Instituto de Psicologia da USP, por se disponibilizarem a aderir a uma produtiva aliança com o MAPSI, resultando na experiência do intercâmbio propiciado pelo PROCAD, em especial à Dra. Marilene Proença que recebeu e dispensou aos alunos de Rondônia grande atenção e receptividade.

Ao Centro de Atenção Psicossocial Madeira Mamoré, na pessoa da coordenadora Sandra Cristine Arca pela constante abertura e disponibilidade para receber quaisquer que sejam as atividades vinculadas ao ensino oriundas da UNIR, bem como pesquisas, como neste caso, valorizando o universo acadêmico e a necessidade que há do contato com a prática para a formação de bons profissionais.

A todos os membros da equipe desse CAPS pela colaboração, interesse, disponibilidade e também pela amizade dispensada durante os momentos em que estive presente nessa instituição.

Ao meu orientador Dr. Luís Alberto. Mestre sempre paciente, compreensivo, disposto a instruir e ajudar na construção e no progresso da pesquisa e da constituição enquanto sujeitos, minha e de todos os seus alunos. Sua implicação no desafio da produção deste texto foi crucial para a concretização desta dissertação.

Ao meu co-orientador Dr. Juliano Cedaro pela disponibilidade cedida com amizade e atenção a um desejo de produção no campo da psicanálise, orientando o manejo clínico e colaborando de forma fundamental na escrita, possibilitando a criação

de um sentimento de segurança para que eu pudesse me inserir na clínica das psicoses, na psicanálise e incentivando assim a assunção do desejo do analista ainda novo e surpreendente que surgiu em mim desde as primeiras experiências no campo da saúde mental.

À Dra. Melissa Andrea Medeiros e Dr. José Carlos Barbosa pela aceitação do convite e disposição para participar da banca desta dissertação.

Ao Dr. Luciano Elia, membro de minha qualificação e autor de boa parte da fundamentação teórica que rege esta produção. Agradeço sua disponibilidade e atenção em todos nossos contatos e em sua vinda à Porto Velho.

À psicanalista Ilizabete Rosa pelo tempo de análise sempre manejado com excelência, ética e assertividade, servindo de modelo para minha atuação, pela prestatividade e colaboração na construção de conhecimento para a elaboração desta dissertação e todos os momentos analíticos fundamentais para que eu, como sujeito, fosse capaz de realizar esse e outros desejos.

A todos os meus alunos da graduação que em dois semestres me fizeram reforçar minha certeza pelo amor à docência.

Aos meus pais, Lia e Jorge, fonte de força, estímulo, energia, incentivo intelectual, amor e carinho que são sustento não só para esta realização mas para todos os passos dados em minha vida. Sem vocês nada seria possível.

Aos meus irmãos Nathália e Vítor e cunhada Tatiane pela amizade e apoio neste momento e em todos os outros, atribuidores de amor e significado para o termo *fraternal* na minha vida.

Às minhas tias Ana, Lilian e Leila pela existência em minha vida, são sempre figuras essenciais no meu percurso.

À Laura, Maiara, Tatiane, Landa, Liliane, Clara e Ana Paula pela amizade, amor e carinho. Sempre presentes, responsáveis por momentos maravilhosos de afeto que estarão sempre em minha memória.

A Diego pelo apoio, paciência, suporte, amor e cumplicidade nos decursos do mestrado e do nosso encontro e convivência. És meu amor, meu *descanso* e minha *loucura*.

À Vânia, companheira de jornada acadêmica e de moradia em São Paulo. Sua presença nessa experiência do tempo de formação do mestrado fez toda a diferença em tal caminhada dispendiosa, longa e cheia de percalços.

A Kamila e Mário pela amizade e os momentos que são sempre nostálgicos quando lembrados dos seis meses de companheirismo, estudo e diversão em São Paulo.

Às minhas amigas queridas Claudiana, Dagmara e Luciana, irmãs que a vida me presenteou e que são apoio, incentivo, alegria, companheirismo e amor incondicional nos piores e melhores momentos dos últimos sete anos.

Finalmente, a todos os pacientes que atendi no trajeto construído na saúde mental, em especial aos que fizeram parte desta pesquisa, Antonieta, Giovanni e Caetano. Proporcionaram-me momentos de crescimento no desenvolvimento do papel de analista e, especialmente, de sujeito.

*De você sei quase nada
Pra onde vai ou porque veio
Nem mesmo sei
Qual é a parte da tua estrada
No meu caminho*

*Será um atalho
Ou um desvio
Um rio raso
Um passo em falso
Um prato fundo
Pra toda fome
Que há no mundo*

*Noite alta que revele
Um passeio pela pele
Dia claro madrugada
De nós dois não sei mais nada*

*De você sei quase nada
Pra onde vai ou porque veio
Nem mesmo sei*

*Qual é a parte da tua estrada
No meu caminho*

*Será um atalho
Ou um desvio
Um rio raso
Um passo em falso*

*Um prato fundo
Pra toda fome
Que há no mundo*

*Se tudo passa como se explica
O amor que fica nessa parada
Amor que chega sem dar aviso
Não é preciso saber mais nada.*

(Zeca Baleiro – Quase Nada)

RESUMO

HONORATO, Patrícia Rafaela de Moraes. **Um descanso na loucura: Um estudo psicanalítico sobre as relações amorosas e a sexualidade na psicose.** 2012. 158 p. Dissertação (Mestrado em Psicologia). Programa de Pós Graduação em Psicologia. Núcleo de Saúde. Universidade Federal de Rondônia, Porto Velho, 2012.

O presente estudo propõe uma análise exploratória teórico-clínica dos discursos de sujeitos psicóticos sobre os modos como percebem e vivenciam experiências amorosas e sexuais, bem como apresenta alguns possíveis desfechos que esta espécie de vínculo pode suscitar. A pesquisa toma por teoria e metodologia referencial preceitos psicanalíticos, especialmente os constructos de Freud e Lacan, sendo que do legado lacaniano, enfatiza-se textos produzidos nos momentos iniciais e intermediários de seus estudos, marcados essencialmente por uma concepção estrutural do sujeito e um clamor pelo retorno às proposições freudianas como direção psicanalítica fundamental – A primeira clínica lacaniana.

Palavras-chave: Relações amorosas. Sexualidade. Psicose. Freud. Lacan.

ABSTRACT

HONORATO, Patrícia Rafaela de Moraes. **A rest in madness: A psychoanalytic study about love bonding and sexuality in psychosis.** 2012. 158 p. Dissertation (Master's degree in Psychology). Post Graduation in Psychology. Health Center. Federal University of Rondônia. Porto Velho, 2012.

This study presents a theoretical and clinical exploratory analysis of the discourse of psychotic subjects on the ways they perceive and live love and sexual experiences, and presents some possible outcomes that this kind of bond can arouse. In the research it is adopted as reference the psychoanalytic theory and methodology, especially the works of Freud and Lacan. Regarding Lacan's legacy, it is emphasized texts produced in the early and intermediate stages of his studies, mainly marked by a structural concept of the subject and a claim for the return to the freudian propositions as the fundamental psychoanalytic direction - the first lacanian clinic.

Keywords: Love Relationships. Sexuality. Psychosis. Freud. Lacan.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	12
1. FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICO-METODOLÓGICA.....	21
1.1.Aspectos teóricos e práticos de uma pesquisa em psicanálise.....	21
2. SOBRE A PSICOSE	42
2.1.Conceituação da estrutura psicótica sob as óticas de Freud e Lacan	42
SOBRE O AMOR E A SEXUALIDADE NA PSICOSE.....	78
1. ANTONIETA.....	79
2. GIOVANNI.....	100
2.1. Ser psicótico: uma descoberta.....	100
2.2. No princípio é o verbo.....	113
2.3. O que ser para Deus?.....	120
3. CAETANO.....	129
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	146
REFERÊNCIAS	152

INTRODUÇÃO

Este trabalho trata de uma proposta de investigação das manifestações e vivências amorosas de sujeitos psicóticos e possui como objetivo elencar as alternativas por eles encontradas para lidar com a demanda própria e externa a si de estabelecimento de vínculo amoroso, tendo como aporte teórico constructos psicanalíticos, especialmente os propostos por Freud e Lacan.

A temática “vivências do amor e da sexualidade pelo psicótico” é construída e analisada nessa pesquisa psicanalítica adotando a dialética amor/doença como ponto de partida. Tal dialética é tomada em análise por diversos contextos e sistemas de construção do conhecimento prévios à psicanálise, como a filosofia, a etimologia, a história e o estudo social, evidenciando a significatividade do engendramento desses dois elementos.

Assim, sugiro que seja lançado um olhar sobre alguns recortes extraídos desses diversos meios de vislumbrar a relação existente entre os núcleos que servem de objeto de pesquisa deste trabalho.

As psicoses estão incluídas no grupo de doenças denominadas psicopatologias, modo como em linguagem médica se costuma nominar morbidades que causam alterações mentais. A origem etimológica da palavra psicopatologia é grega, provêm de três outros vocábulos, *psychê*, *pathos* e *logos*. O primeiro termo, *psychê*, em nosso idioma, refere-se à mente e alma; *pathos* significa doença ou paixão; e *logos* significa lógica, discurso ou conhecimento (CECCARELLI, 2005).

“*Psico-pato-logia* seria, então, um discurso, um saber (*logos*), sobre a paixão (*pathos*) da mente, da alma (*psiquê*). Ou seja, um discurso representativo a respeito do *pathos* psíquico; um discurso sobre o sofrimento psíquico; sobre o padecer psíquico” (CECCARELLI, 2005). Tal como menciona Ceccarelli (2005), o termo grego central não corresponde apenas à afecção ou sofrimento. *Pathos* possui outros significados: paixão e passividade.

Fédida (1988) resgata mais a respeito do que comporta o vocábulo psicopatologia. É empregada por Ésquilo, em sua peça Agamenon, a expressão *Pateimatos* para designar tudo que é da ordem do pático, da paixão, do que é vivido. Reitera que psicopatologia, literalmente, quer dizer “[...] um sofrimento que porta em si mesmo a possibilidade de um ensinamento interno. Como paixão, torna-se uma prova e como

tal, sob a condição de que seja ouvida por alguém, traz em si mesma o poder da cura” (FÉDIDA, 1988, p. 29).

Paixão e doença (dor, sofrimento) estão relacionadas para além da questão etimológica. Ainda na cultura grega, dava-se no teatro a representação de tragédias, permeadas pela dor e pela paixão humana, servindo como base para a reflexão de padrões morais, de autoconceito e de tradução das vivências e sofrimentos daquela sociedade. Um exemplo interessante dessa utilidade das tragédias nos é dado por Freud, quando toma a tragédia do Rei Édipo, representada no teatro pela peça de Sófocles, como substrato para sua teoria metapsicológica (QUEIROZ, 1999), inspirando-se na tradição cultural grega.

É interessante mencionar ainda que um componente fundamental das tragédias gregas é o *métron*, conceito que se crê introduzido na cultura grega pelo deus Apolo, tratando-se do limite daquilo que se conhece a respeito de si mesmo, a medida existente entre extremos que levam àquilo que há de externo à realidade, “[...] linha tênue que não deve ser ultrapassada pela fantasia a fim de evitar a confusão entre o mundo onírico e a realidade cotidiana” (BARROS, 2009, p. 3), elemento que apresenta mais uma interessante pista a respeito do ultrapassar de um limiar, remetendo ao excesso, o estopim do sofrimento na tragédia e à loucura.

No Diálogo “O Banquete”, de Platão, peça platônica que é tida por estudiosos como “[...] a matriz de todos os discursos sobre o amor no ocidente” (GUTMAN, 2009, p. 2), o médico Erixímaco define a medicina como a arte de se ocupar dos fenômenos do amor. “O médico está constantemente na relação com o amor porque as doenças físicas em sua evolução se apresentam como paixões amorosas. O médico cuida do *Eros* doente” (FEDIDA, 1988, p. 28).

Na contemporaneidade, a relação dialética entre sofrimento psíquico/loucura e paixão, é identificável em diversas manifestações culturais, tais como na música, nas artes plásticas e na literatura.

A obra de João Guimarães Rosa, “Grande Sertão: Veredas” traz um exemplo de anunciação da relação loucura-amor em um trecho destacado aqui nesse trabalho. No clássico da nossa literatura tal ligação entre amor e loucura é tida como benéfica, essencial para enfrentar a dura realidade da vida. A loucura e o amor são enunciados fonte de saúde e descanso, traduzindo de maneira tão interessante que se encaixa no título da pesquisa.

Todos estão loucos, neste mundo? Porque a cabeça da gente é uma só, e as coisas que há e que estão para haver são demais de muitas, muito maiores diferentes, e a gente tem de necessitar de aumentar a cabeça, para o total. Todos os sucedidos acontecendo, o sentir forte da gente — o que produz os ventos. *Só se pode viver perto de outro, e conhecer outra pessoa, sem perigo de ódio, se a gente tem amor. Qualquer amor já é um pouquinho de saúde, um descanso na loucura* (1986, p. 438 e 439, itálicos nosso)¹.

O amor sendo um descanso na loucura remete a termos populares que reiteram o caráter positivo de expressões que subentendem tal dialética, de alguém que perdeu o juízo, que rompeu com o padrão de comportamento em nome de um amor, como podemos verificar em expressões: “Loucamente apaixonado”, “loucuras de amor”, “louco por alguém”...

Constitui-se uma convenção social implícita que, estando o amor em comunhão com a loucura, ser louco é permitido, é aceitável e talvez o estado mais admirável e intenso do amar. Mesmo quem ama muito parece amar menos do que aquele que ama loucamente.

Assim, as angústias do regramento neurótico encontrariam descanso no único contexto onde é permitido uma experiência alternativa ao modo que se lida com o comum da vida – na vivência do amor. Nas palavras de Guimarães Rosa (1986): ter amor.

No anteriormente mencionado diálogo platônico, o amor é posto em duas perspectivas. Uma delas é apresentada no discurso de Sócrates sobre o que ele já havia escutado sobre o estatuto daquele sentimento. Sócrates resume sua concepção sobre o amor na figura da *escada*, “[...] imagem na qual está contida a ideia de que cada cidadão poderia galgar os estágios que, quando certos, levariam à contemplação das formas essenciais do Belo/Bom” (GUTMAN, 2009, p. 8), sendo esse *desejo do belo/bom* parte componente do que descreve do que se trata o amor, complementado pelo *desejo do que não se tem*. Tratava-se da busca da ascensão àquilo que se desejava, algo puro e imaculado, de natureza celeste. A segunda perspectiva era definida como o amor terrestre, apresentada por Alcebíades a Sócrates, delimitável em *o amor de um sujeito para outro sujeito*. Era ali apresentado o amor em seu nível humano, terreno, longe do contexto dos deuses e da busca por ideais.

Fédida (1988) apresenta também uma perspectiva dialética do amor quando explica sobre o *amor dos excessos* e o *amor celeste*, ao mencionar que o amor é pensado

¹ O trecho citado da obra de João Guimarães Rosa serve de inspiração para o título do trabalho.

como um duplo depois de Parmênides e Heráclito. Há o amor popular, que permite os excessos físicos e o amor celestial, relacionado à justeza do *logos*. Mesmo parecendo ser independentes ou até contraditórios, um não pode existir sem o outro. No amor, o excesso, cuja loucura está atrelada, é essencial ao que é mais sublime e sábio.

Todavia, fora do contexto amoroso o termo loucura é pejorativo, vinculado à doença. Relaciona-se diretamente ao sofrimento psíquico grave, sendo os transtornos psicóticos os principais ilustradores das loucuras. Ser portador de uma psicose está relacionado ao que foge à norma, caracterizando quem se comporta de maneira diferente da maioria. Liga-se à imagem do louco no imaginário popular e, no campo psiquiátrico, a uma ordem de psicopatologias incuráveis e de prognósticos irremediavelmente negativos. É uma sentença de inabilidade social, cultural, para o trabalho e, principalmente, para governar a si mesmo.

As psicoses são conceituadas como doenças mentais graves, relacionadas a severos desequilíbrios da estrutura personalidade. Os tipos de psicose têm majoritariamente como fenômenos delírios, alucinações, depressões e estados de labilidade do humor, bem como uma série de dificuldades quanto às condutas sociais, em especial a dificuldade para criar e manter vínculos de qualquer natureza.

Relaciona-se a dificuldades de ordem primária, como se alimentar, assear-se e conseguir se orientar pelos espaços em que o sujeito habita quando em experiência de crise.

Adotando como referência uma perspectiva psicanalítica, os transtornos psicóticos produzem alterações no modo em que o sujeito se relaciona com a realidade tal como é percebida pela maioria das pessoas, impossibilitando-o de perceber a linha subjetiva que delimita quais são conteúdos internos a si e quais pertencem ao mundo externo.

As pessoas com psicose têm dificuldades para estabelecer vínculos sociais por inúmeras razões, as mais claras dizem respeito aos fenômenos produzidos pela doença, pois em alguns momentos como em situações de crise, podem impedir uma comunicação lógica mínima ou o controle da expressão dos afetos e impulsos. Alguns tipos de psicoses acarretam complicações cognitivas devido a efeitos degenerativos, dificultando mais ainda o desenvolvimento cognitivo e afetivo.

Além de todos esses entraves, que as manifestações da doença causam, existe, especialmente na sociedade ocidental, um forte estigma ligado à doença mental que

reforça as dificuldades de contato social e, conseqüentemente, dificultam ou impedem a vida profissional, cultural e educacional.

Ao longo da história do homem e do ocidente, a loucura já foi sinônimo de castigo divino, de possessão demoníaca, ou mesmo fruto de poderes sobrenaturais ligados a forças malignas. Foi repelida, vista com piedade e desdém, como se os sujeitos em questão fossem destituídos de algo que os tornasse humanos, tanto quanto os ditos normais.

Os loucos foram depositados em navios sem rumo, em sanatórios e prisões. Em todas as situações foram mantidos sempre à distância dos sãos. Assim, eles eram os insanos (FOUCAULT, 2008). Sofreram maus-tratos em hospitais psiquiátricos e outros abrigos; crueldades que se estendem até os dias atuais, conduta cuja lógica está em processo de desconstrução, apesar de vozes contrárias a reforma psiquiátrica.

Nos últimos anos no Brasil passaram a vigorar novos modos de atenção à saúde mental, com a finalidade de prover um tratamento humanizado às pessoas que sofrem de doenças psíquicas. Trata-se da proposta advinda da Reforma Psiquiátrica e da Luta Antimanicomial, que tem como principais prerrogativas a desinstitucionalização, o resgate da cidadania e com ela todos os direitos e deveres de qualquer cidadão, e o restabelecimento da sociabilidade.

Em nosso país, a Reforma pode ser contextualizada sobretudo a partir da década de 1970, período de crise do modelo de assistência centrado no hospital psiquiátrico em função da reação de profissionais diante da violência asilar, gerando novos esforços de movimentos sociais pelos direitos dos pacientes enclausurados em instituições psiquiátricas (BRASIL, 2005).

Esse movimento de reforma pode ser descrito como um processo político social complexo, que é composto por forças do Estado, da sociedade e dos profissionais atuantes na área de saúde mental. Trouxe transformações relacionadas às práticas de cuidados, nos saberes e nas representações subjetivas a respeito da saúde mental e de pessoas que possuem alguma doença dessa natureza, apesar do estigma da loucura relacionado à psicose ainda vigorar na sociedade e em muitos dos serviços direcionados à saúde mental, mesmo que implicitamente ou, até ousa-se dizer, de maneira inconsciente. As questões estigmatizantes, relacionadas às doenças mentais, em especial as psicoses, passam a ser reforçadas por novos rótulos, classificações e dinâmicas institucionais.

Dentro desse contexto e durante um estágio curricular do curso de Psicologia, pude vivenciar a experiência de atuar como psicóloga inserida nessa nova proposta de atenção à saúde mental e desde então vi meus interesses acadêmicos despertados para as questões relacionadas à loucura, principalmente no âmbito das relações sociais.

O estágio foi realizado em um Centro de Atenção Psicossocial (CAPS)² vinculado à Secretaria de Saúde Estadual de Rondônia, sendo a primeira unidade dentro dessas novas propostas, desse estado. Lá me deparei com a questão do sofrimento psíquico e pude conhecer o cotidiano daqueles que tiveram suas vidas atravessadas pelo desencadeamento de algum tipo de psicose.

Pude observar que, apesar das dificuldades da sociedade e do poder público incorporar uma nova visão sobre loucura, naquele ambiente surgia novas formas de cuidado, assim como a convivência entre seus usuários, como mormente são denominados. Germinava contato social, vínculos, amizades amores e desamores.

Ao refletir sobre a questão desses vínculos sociais, em especial as relações amorosas, percebia que muitos deles não se permitiam vivenciar essas relações devido à questão patológica que enfrentavam e o reforço negativo que recebiam dos que os cercavam frente à possibilidade de uma relação amorosa.

A família e os cuidadores, profissionais ou não, parecem muitas vezes esquecer que essas pessoas, às vezes alucinando ou delirando, também têm necessidades, desejos e paixões. Alguns médicos, por exemplo, geravam em mim a impressão de que percebiam a vida amorosa do paciente como algo a ser deixado em segundo plano, sendo algo desimportante. Muitos dos medicamentos utilizados para o tratamento de psicoses inibem a libido e podem causar disfunções sexuais e tais questões eram raramente levadas em consideração.

O despertar de questões quanto à psicose e relações amorosas surgiu dessa experiência, da impressão que o amor, para os loucos, não era passível de ter importância, afinal eles têm uma *doença séria* a se preocupar. Assim, a atenção a essas pessoas se justifica apenas em mantê-las, de alguma forma, próximo à dita normalidade.

Uma reflexão que em minha prática passou a me intrigar compõe a linha de raciocínio deste trabalho. Se o amor e a loucura são tão próximos, dialéticos, sendo o

² Os CAPS – Centro de Atenção Psicossocial – são instituições que têm como objetivo a assistência a psicóticos e neuróticos graves, prestar atendimento clínico diariamente com o objetivo de evitar internações em hospitais psiquiátricos, promover ações que favoreçam a inserção social das pessoas, regular a porta de entrada da rede de assistência em saúde mental e dar suporte à rede básica. Possuem valor estratégico na proposta do novo modelo de assistência à saúde mental instituído pelo SUS, bem como para a Reforma Psiquiátrica Brasileira (BRASIL, 2005).

amor a possibilidade de um pouco de fuga da norma, um *descanso*, uma aceitação do estranho, exacerbado ou diferente, passei a indagar: Por que justamente os loucos vivem um interdito em relação ao amor?

Surgiu em mim a vontade de compreender e estudar, a partir de uma perspectiva psicanalítica, o desejo, a possibilidade do estabelecimento, de manutenção, os obstáculos e especialmente os modos alternativos de tentativa e elaboração da vivência de vínculos amorosos de pacientes portadores de algum transtorno psicótico. Em outros termos, tratou-se da tentativa de investigar a possibilidade da coexistência de dos dois significados do vocábulo *pathos* - doença e paixão.

Inseridos numa sociedade que vislumbra nas relações amorosas um refúgio de prazer, realização e felicidade, esses sujeitos tem de lidar com uma demanda relacional interna constituída de forma alternativa, comumente dual e não simbolizada e também com a forma de amar que o ambiente em que habitam apresenta como demanda.

Ainda no texto platônico “O Banquete”, o destaque às questões do amor são feitos pois deve-se admitir que nesta produção há algo muito característico do modo como apreendemos os sentimentos amorosos no ocidente, em especial o mito relatado pelo personagem Aristófanes.

Comumente nomeado “o mito da alma gêmea”, Aristófanes narra no texto platônico o mito que comporta a ideia de que a humanidade de outrora não era como hoje. Existiam três espécies de seres humanos, os do gênero masculino, os do gênero feminino e os andróginos. Estes tinham o dorso redondo, quatro mãos e quatro pés, dois rostos opostos, eram dotados de grande vigor e extremamente ousados e destemidos, afinal eram ágeis e eficientes no que se prestavam a fazer devido sua forma física. Todavia sua presunção afrontava os deuses e então, a fim de deter esses seres mas hesitando exterminá-los, decidiram-se por cortar esses seres em dois, afinal assim seriam menos ágeis e conseqüentemente menos presunçosos. Depois de divididos em duas metades, suas vidas eram voltadas à busca de completude e união, afinal assim seria a única forma de restituição de sua natureza.

Sinônimo ao mito é o modo como a cultura ocidental tem em si instituída o modo de amar que é reproduzido até os dias de hoje na ideia de que a felicidade e completude do sujeito se faz quando encontra sua metade.

Assim, essa dissertação vem tratar dessa demanda dupla de amor que o sujeito psicótico enfrenta – a externa a si, devido a sua inserção, mesmo que alternativa, num mundo em que o modelo de amor é romantizado e idealizado –; e ainda a necessidade

interna embasada em modelo relacional especular e dual devido à formação estrutural do sujeito. O descanso ao qual aqui é referido diz respeito às alternativas de vinculação encontradas pelo sujeito psicótico de lidar com os modos particulares com que o amor erótico atravessa sua existência e lhe provoca inquietação.

Avisa-se de antemão ao leitor que não se trata de uma investigação a respeito de um descanso da ordem da calma, tranquilidade e resolução da loucura. Tal como o trecho de Guimarães Rosa num jogo de palavras – afinal seu personagem principal não encontra um descanso do sofrimento e dos conflitos, mas vive neles prazer e desprazer, paz e tormento –, objetiva-se a apreensão do descanso *na* loucura, investiga-se a possibilidade da existência e como acontece o defrontamento e vivência de uma espécie de amor própria do psicótico, assim como toda sua subjetivação, única. É exatamente do oposto de um descanso *da* loucura, trata-se de um repouso *nela*, se é possível e como *na* inquietação se concebe um modo de manejar as demandas amorosas.

Apesar da constatação de escassa literatura a respeito do tema, a partir de levantamento realizado em base de periódicos como Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações, o Portal de Periódicos da CAPES, *American Psychological Association* (APA – PsycNET), *Networked Digital Library of Theses and Dissertations* (NDLTD), é possível encontrar trabalhos significativos na área da enfermagem como os de McCann (2000 e 2003) que abordam a questão da sexualidade e da psicose nos EUA e Landeen e Volman (2007), canadenses que recorrem a bibliografias em âmbito mundial para estudar as relações amorosas e sociais de pessoas com transtornos psicóticos.

No contexto psicanalítico, Diogo (2008) e Elia (1992) são referências frequentes que as bases de dados apresentam nas pesquisas a respeito do tema em âmbito nacional. Diogo trabalha a possibilidade do laço social na psicose, partindo da hipótese da possibilidade de estabelecimento de laço a partir da relação transferencial existente na clínica comum e na clínica ampliada. Elia investiga as questões e pontos de encontro entre os limites do campo do sexual e a psicose, pois a última tanto quanto o primeiro é entendida como limítrofe ao que diz respeito à psicanálise, visando fundamentar uma teoria da clínica das psicoses embasado na questão do sexual e do não-sexual.

Outros pesquisadores significantes nesse âmbito são Muñoz (2005) e Bressanelli (2007). A primeira explora diversos vieses da possibilidade de produção de vínculo do sujeito psicótico e a segunda trata da produção erotomaníaca como solução para as questões do amor na psicose.

Devido à carência de pesquisas encontradas relacionadas aos temas psicose e relações amorosas em articulação com a percepção dos indivíduos portadores desta classe de psicopatologias, acredito que este trabalho possa colaborar para o acréscimo de um novo olhar a respeito da possibilidade da existência de vinculação e sociabilidade para pessoas que vivenciam conflitos psíquicos intensos e lidam com a realidade a partir de uma diferente perspectiva, mas que não por isso *devem* abdicar da possibilidade de relacionar-se e amar, mesmo que de maneira diversa ao que se é convencionalizado a respeito das relações amorosas.

De acordo com tais questões, esta pesquisa tem como objetivo apreender e analisar o discurso do indivíduo com psicose a respeito do estabelecimento e manutenção do vínculo de natureza amorosa erótica, adotando como embasamento teórico as formulações de Sigmund Freud e Jacques Lacan.

Para tanto, tal trabalho buscou analisar o desejo e a vivência de vínculos amorosos de pessoas psicóticas a partir do discurso delas próprias e compreender como são administradas as demandas pessoais de diante do amor e da paixão no contexto da psicose.

1. FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICO-METODOLÓGICA

1.1. Aspectos metodológicos teóricos e práticos de uma pesquisa em psicanálise

Este trabalho propõe uma discussão a respeito do amor e sexualidade na psicose subsidiada por casos clínicos de sujeitos psicóticos atendidos em um CAPS que apresentaram em suas falas questões que tocam o campo das relações amorosas.

O desenvolvimento teórico-metodológico está embasado nas promulgas psicanalíticas freudo-lacanianas que se articulam com as problemáticas em discussão. Em decorrência de tratar de uma pesquisa psicanalítica desenvolvida em contexto de produção acadêmica visando à elaboração de uma dissertação de mestrado, emergem aspectos que interrogam e que unem pesquisa e psicanálise.

A argumentação central que justifica a escolha da psicanálise como fundamento metodológico reside no enlace suscitado entre a psicanálise e o objeto de estudo – as relações amorosas e sexuais em sujeitos psicóticos. Quando diante da psicose, seja na clínica ou na teoria, a psicanálise a considera uma questão crucial, que cria instigantes limites a serem superados, como, por exemplo, o da efetivação da clínica da psicose (ELIA, 1992). A perspectiva psicanalítica sobre o tema escapa ao conceito de doença, loucura, defeito de formação de estrutura de personalidade, transtorno.

Contrapõe-se à perspectiva adotada pelas políticas públicas de saúde no Brasil do século XXI, que apresenta atenção especializada e cuidados promovidos por uma rede de saúde pública, mas que escolhe como parâmetro a medicina embasada por preceitos categorizantes³ como referência para diagnosticar e tratar os fenômenos sintomatológicos.

Não sendo suficiente, outros sistemas tais como o previdenciário e jurídico também se baseiam na matriz médica quando diante de situações relacionadas a sujeitos psicóticos, mantendo o mesmo modelo de classificação psicopatológica, sem considerar outras possíveis perspectivas que não a da medicina.

Assim, o estigma e o preconceito tomam nova forma e encontram força nos aparatos governamentais. A institucionalização está aos poucos sendo eliminada, porém a representação dos sujeitos psicóticos na sociedade ainda é resumida à loucura, falta de controle, incapacidade, anormalidade e tais conceitos são reforçados pelos aparelhos do

³ Processo que se faz evidente no uso de manuais diagnósticos como o CID-10 (Classificação Estatística Internacional de Doenças e Problemas Relacionados com a Saúde, décima edição) e o DSM-VI tr (Manual Diagnóstico e Estatístico de Transtornos Mentais, quarta edição, texto revisado).

Estado, afinal usam do escopo médico classificatório portador de uma mensagem subliminar historicamente estigmatizante a respeito da loucura.

É válido ressaltar que os últimos argumentos suscitados sugerem adentrar no mérito da patologização da psicose, questão que invoca uma discussão adjacente existente há algumas décadas – se for tomado como referência apenas o Brasil – envolvendo grandes passos em prol de melhoras (especialmente os avanços decorrentes da reforma psiquiátrica/luta Antimanicomial e da inserção e a adesão cada vez maior a uma clínica psicanalítica ampliada), mas também alguns deslizes e escolhas que vão em direção contrária à desconstrução do conceito de *doença* mental. Tal questão demanda muito tempo e energia que nesta circunstância pode ser voltada à relação entre temática escolhida nesta dissertação e a psicanálise.

A psicanálise, mesmo deparando-se com o impasse que se apresenta ao lançar atenção às questões psicóticas (ELIA, 1992), propõe ouvir o modo de expressão da psicose e se inclina no sentido da escuta do sujeito do inconsciente e todas as questões inalcançáveis por outras ciências que buscam examinar o *significado* do que é dito, não encontrando *lógica* ou *sentido* no discurso que foge ao comum ou normal, deixando de levar em consideração o sujeito que produz o discurso fora de sentido. Sujeito esse certamente diferenciado do modo de subjetivação neurótico, mas sujeito, de sua forma particular, o qual não mede sua significação por um modo central edípico, entretanto a mede de alguma forma que consegue constituir (CALLIGARIS, 1989).

Recebe-a na clínica como um paradigma instigante e não se detém diante dela. Trabalhos a respeito da psicose e suas particularidades e do desenvolvimento da clínica como os recentemente concluídos e/ou publicados entre 2010 e 2011: “Sou homem ou sou mulher”: Sobre a sexuação na psicose (RÊGO, 2011); Os impasses do laço social na psicose (MALCHER, 2011); O lugar do analista no tratamento das psicoses: as perspectivas de Freud e Lacan (ZANOTELLI, 2011); Do impossível da inclusão social à invenção como laço social possível na psicose (LIMA, 2010) – são exemplos dos novos caminhos que vêm sendo traçados e desvendados a partir da possibilidade de estabelecimento de laço transferencial – mesmo que alternativo ao modelo tradicional de neurose de transferência construído por Freud –, e da escuta do sujeito psicótico.

Muñoz (2005), outra representante de um coletivo de psicanalistas pesquisadores que se debruçam sobre tal temática, retomando a trilha freudiana percorrida em relação à produção que toca a questão da psicose, resgata textos de Freud em que essa estrutura de caráter é discutida a partir do que há, até então, desenvolvido sobre a neurose.

Começa lembrando os leitores sobre os parâmetros utilizados por Freud nas primeiras tentativas de delimitação diagnóstica dos fenômenos – a sexualidade, e consequentemente o amor, pois este requisita o sexual (MUÑOZ, 2005).

Para Freud, na fase de seus estudos publicados entre 1893 e 1895, os diferentes destinos diagnósticos eram relacionados ao sexual, ou devido a uma disfunção somática na esfera sexual (as neuroses atuais) ou devido a conflitos psíquicos da sexualidade (as neuropsicoses de defesa), grupo ao qual estavam incluídos certos tipos de psicose.

Muñoz (2005) discorre sobre a discussão na teoria freudiana a respeito da produção de fenômenos psicóticos, apontando a primeira posição de Freud ao definir o fenômeno como um processo projetivo de defesa e mais tarde corrige-se, falando de um processo de rejeição do impasse da ordem do sexual. Tomando essas afirmativas como referência, em um momento posterior na linha cronológica da produção freudiana é possível constatar que mesmo com a evolução teórica, o campo do sexual era reafirmado como de importância crucial para que fosse possível se debruçar sobre quadros psicopatológicos.

No texto de 1911, “Notas Psicanalíticas sobre um Relato Autobiográfico de um Caso de Paranoia (Dementia Paranoides)”, é mencionado que a produção dos fenômenos psicóticos de Schreber, autor da autobiografia analisada por Freud que serviu de base para a produção, não permitia negar a importância que a sexualidade possuía na composição do seu sistema delirante e, consequentemente, na constituição de sua paranoia.

As amostras dos delírios de Schreber já fornecidas capacitam-nos, sem mais, a pôr de lado a suspeita de que exatamente esse distúrbio paranóide pudesse vir a ser o ‘caso negativo’ há tanto tempo procurado: um caso em que a sexualidade desempenhe apenas papel muito pouco importante. O próprio Schreber fala repetidas vezes como se partilhasse de nosso preconceito. Fala constantemente, e no mesmo alento, de ‘distúrbio nervoso’ e lapsos eróticos, como se as duas coisas fossem inseparáveis (FREUD, 1911, p. 40).

Sobre a produção de fenômenos psicóticos neste mesmo texto, depara-se em sua abertura com uma observação interessante de Freud a respeito da psicose: A percepção genial – adjetivo dado por Lacan (1955-56), para a análise deste caso – de um viés alternativo a respeito do fenômeno psicótico.

Freud (1911) ressalta que a investigação psicanalítica seria impossível se os próprios pacientes não possuíssem a peculiaridade de revelar, mesmo que de forma distorcida, exatamente aquelas coisas que outros pacientes neuróticos escondem. Assim os paranoicos não podem ser compelidos a superar suas resistências internas e desde

que, de qualquer modo, só dizem o que resolvem dizer, disso seria decorrente ser a paranoia um distúrbio em que um relatório escrito ou uma história clínica impressa podem tomar o lugar de um conhecimento pessoal do paciente.

Ao justificar a possibilidade da produção de um estudo psicanalítico a partir de um livro, Freud enfatiza com enorme assertividade uma particularidade do modo de expressão dos sujeitos psicóticos e nos dá uma pista sobre a possibilidade clínica da psicose de maneira inteiramente diversa da clínica da neurose, afinal não há esforço interpretativo baseado em um modelo neurótico que vá se adequar ao modo de funcionamento do caráter psicótico.

É possível encontrar resquícios do caminho de construção da ideia apresentada em 1911, construção ressaltada por Muñoz (2005). O escrito de Freud, intitulado “Rascunho H”, datado de 1895(b), apresenta um caso com fenômenos psicóticos e sua tentativa frustrada de tratamento baseado nas prerrogativas clínicas utilizadas em casos de neurose. Trata-se de uma moça que morava com os irmãos e o mais velho locara um quarto da casa para um colega de trabalho que se hospedou naquela casa durante dois períodos. Todos gostavam da presença do sujeito, entretanto a irmã mais nova, tempos depois da partida definitiva do hóspede, relatou uma cena em que ele a chamou perto da cama e colocou seu pênis na sua mão. Depois, ela desenvolveu uma construção paranoica na qual achava que suas vizinhas tinham pena por ela ter sido abandonada pelo homem que seria seu pretenso namorado e sempre faziam insinuações a esse respeito. Breuer encaminhou a paciente para Freud, que tentou auxiliar no processo de lembrança da cena e também com algumas assertivas interpretativas e questionamentos que instigavam a moça a adentrar mais na história. Entretanto, conseguiu apenas que a jovem abandonasse o tratamento, deixando explícito que havia se aborrecido com o médico.

A importância clínica deste texto está situada no fracasso, permitindo-nos constatar junto ao autor que a interpretação analítica não cabe à psicose. A clínica da psicose demanda diferentes perspectivas e aplicações do método psicanalítico levando em consideração as particularidades da estrutura. Nada impede que haja outra formulação de procedimento clínico, pois é possível uma escuta e o estabelecimento de um campo transferencial.

Freud (1896) apresenta uma interessante constatação que podemos usar para embasar essa linha de raciocínio acerca da importância da construção delirante na clínica da psicose. Ao comparar a defesa do paranoico e do obsessivo, constata que

ocorrem devido a um excesso de prazer no encontro sexual, porém na recordação da experiência, uma recriminação primária geraria desprazer. No obsessivo, o recalque falha e quando a representação retorna gerando desprazer, a recriminação liga-se a outro conteúdo, desta maneira o que era intolerável é trocado por algo tolerável ao eu. Na paranoia há um processo completamente diferente, não há a recriminação primária operada pelo recalque, o conteúdo da recordação será distorcido desde fora. Surge a descrença que se converte em desconfiança que gera desprazer, e é atribuída a outras pessoas. Há uma recusa.

Desde seus primeiros escritos publicados, Freud situava a construção delirante como uma tentativa de explicar o que havia sido rejeitado e teria retornado. O delírio substitui um pedaço da realidade, criando um novo contexto para o sujeito. Salienta-se que tal raciocínio aparece para Freud antes mesmo de finalizar sua construção a respeito do narcisismo, em 1914, quando elucida o sentido da construção delirante e da potencialidade de estabilização que o delírio carrega (MUÑOZ, 2005).

Retomando a análise do caso Schreber (1911), podemos assinalar a questão relacional existente entre a construção delirante, a estabilização e a criação de um novo contexto no qual o sujeito percebe a realidade externa.

Schreber tinha como parte de sua construção delirante a ideia de que o mundo se acabaria em 212 anos, e que esse tempo provavelmente já havia passado enquanto estava institucionalizado. Durante a internação, afirmava que todos haviam morrido e aquelas poucas pessoas que via – como os funcionários da clínica – nada mais eram do que homens apressadamente improvisados. Freud argumenta que ele havia retirado das pessoas e do mundo externo a catexia libidinal até então dirigido a elas. Desta maneira, tudo se tornou indiferente e irrelevante, explicando que o que ainda era visto quando olhava em volta se tratava de uma racionalização. O fim do mundo nada mais era do que um reflexo de uma catástrofe interna.

Quando Schreber é desinstitucionalizado e retoma o convívio social, percebe que há ainda um mundo e existem pessoas o habitando. Reconhece que em nada difere daquele que já havia conhecido e ainda acredita ter acabado. Ele argumenta que pode então ser *um outro mundo*, criado após a destruição do primeiro. Tal como essa reconstrução do mundo externo, Freud aponta para as questões do mundo interno do sujeito em questão. A construção delirante permitiu a reconstrução de um mundo interno, nos moldes do antigo e mesmo que com mudanças significativas notadas pelo próprio Schreber.

E o paranoico constrói-o de novo, não mais esplêndido, é verdade, mas pelo menos de maneira a poder viver nele mais uma vez. Constrói-o com o trabalho de seus delírios. *A formação delirante, que presumimos ser o produto patológico, é, na realidade, uma tentativa de restabelecimento, um processo de reconstrução.* Tal reconstrução após a catástrofe é bem sucedida em maior ou menor grau, mas nunca inteiramente; nas palavras de Schreber, houve uma ‘profunda mudança interna’ no mundo. Mas o indivíduo humano recapturou uma relação, e frequentemente uma relação muito intensa, com as pessoas e as coisas do mundo, ainda que esta seja agora hostil, onde anteriormente fora esperançosamente afetuosa (FREUD, 1911, p.78, grifo do autor).

Esse processo de reconstrução apresentado por Freud é retomado e se estende aos fenômenos de outras psicoses no seu artigo sobre o narcisismo (1914). Em sua tese de doutorado, Muñoz (2005) complementa a questão do delírio se tratar de uma tentativa de estabilização se baseando nos constructos de Freud, e evidencia a possibilidade da relação transferencial entre paciente e analista ser o ponto crucial para a promoção dessa estabilização.

A grande contribuição freudiana, em relação ao manejo clínico da psicose, encontra-se justamente na elucidação desse ponto: no delírio, aquilo que paradoxalmente se configura como um risco traz em seu cerne a possibilidade de trabalho clínico com a psicose. Há uma manobra clínica que permite para quem for posto no lugar de perseguidor, poder deslocar-se dessa posição. O próprio trabalho do delírio pode, igualmente, fazer a posição do perseguidor vacilar. Não é incomum, que um psicótico queira obter, daquele que ele crê ser seu perseguidor, uma confirmação, uma reiteração de sua posição, a revelação de suas verdadeiras intenções. Esse pedido, quando endereçado a um analista, pode abrir um meio de manobra no delírio. O trabalho clínico consiste justamente em não reiterar a perseguição, de forma a apreender a tentativa de cura que o pedido de confirmação revela. Pedir que o outro confirme a perseguição que lhe é inculcada pode abrir uma fresta na certeza delirante, possibilitando a criação de uma brecha de trabalho, desequilibrando as certezas, forçando o sujeito a fazer de seu delírio função de cura (MUÑOZ, 2005, p. 36 e 37).

Independentemente de diferenças estruturais, da evolução que decorre nos anos seguintes da psicanálise freudiana e lacaniana no que concerne à psicose, das diferenças de abordagem clínica ou de uma descontinuidade na comparação neurose/psicose, a possibilidade de estabelecer relação transferencial é que permite que a psicanálise alcance. Brousse (1999) e Muñoz (2005) apontam que apesar de questões relacionadas à definição estrutural nas quais psicose e neurose se diferenciam, na via transferencial sempre se encontra condição de produção em ambas as estruturas, de estabelecimento de uma relação sustentadas nas reedições emocionais da história do sujeito.

Nesse mesmo sentido, Elia (1992) apresenta nas instruções metodológicas de sua tese de doutorado as ideias centrais sobre a importância da transferência para a pesquisa em psicanálise, ressaltando que o que há de necessário para que seja possível o sujeito

tornar-se analisante não diz respeito a um diagnóstico psicológico, psiquiátrico e muito menos uma definição *a priori* a respeito da estrutura do sujeito. Os elementos fundamentais são os conteúdos transferenciais e o modo como se manifestam, eles ajudam a redefinir o diagnóstico e articular a nosologia. É o que há de essencial para o início de análise. O autor afirma a necessidade de transpor um límen, uma marca ou limite específico a ser alcançado – o estabelecimento de transferência. Quando há demanda transferencial – entendida como uma suposição de saber do paciente para com o analista de que este sabe ou saberá algo de essencial de seu inconsciente, o que lhe concerne enquanto sujeito – de um paciente psicótico, ele se torna analisável. Caso não haja, independentemente da estruturação do sujeito, não há possibilidade de início de análise.

Abordar a psicose, o amor atrelado à sexualidade a partir da perspectiva psicanalítica é apoiar-se num saber que não se detém diante do diferente, que interroga as fronteiras do que ainda não foi elucidado e que é embasado em preceitos originados de um modo de investigação: a clínica. É lançar um olhar por meio de um parâmetro clínico que não se guia pelas diferenças, mas pelas possibilidades que permitem alcançar os fenômenos da psicose pelas vias transferenciais e, especialmente, sem rotular, segregar, discriminar ou fazer calar o sujeito psicótico.

Além do modo particular da psicanálise de abordar a psicose, outro ponto de fundamental influência na escolha desse referencial na presente produção diz respeito à delimitação escolhida para ser estudada: a psicose articulada à sexualidade e ao amor. A psicanálise tem uma perspectiva particular a respeito de ambos. Quando entram em discussão questões que conectam a psicose, o amor e a sexualidade, a psicanálise apresenta-se então como possibilidade de promover essa discussão e associação multi temática, tanto na clínica como no âmbito teórico.

Na realidade, é perfeitamente cabível afirmar que a psicanálise nasce da observação da importância da sexualidade para a formação do sujeito. O campo do sexual é composto por fatores que estão imbricados nos mais diversos momentos, conceitos, construções e fases da concepção psicanalítica do sujeito, argumento esse passível de constatação quando nos propomos a consultar obras psicanalíticas, mesmo aquelas produzidas no início da formulação e desenvolvimento da psicanálise.

A sexualidade para a psicanálise constitui um conceito divergente do senso comum ou da perspectiva biológica. Elia (1992) define a sexualidade freudiana como a “[...] operação de clivagem e conjugação simultânea que estabelece entre Pulsão e

Linguagem, um novo referencial de construção da subjetividade [...]” (p. 57). O autor relembra o fato de que na teoria de Freud, a sexualidade ganha um “estatuto axial” (p. 58), perceptivelmente diferente da localização periférica que ocupa nos saberes vigentes como a psicologia, a biologia e a sociologia.

Tomando essa concepção como fundamental para a psicanálise, Freud, desde seus estudos iniciais a respeito de sintomas histéricos, situa no campo do sexual a etiologia dos traumas, das formações sintomatológicas, das neuroses e demais afecções psíquicas. É possível encontrar registros da hipótese de uma etiologia de cunho sexual da histeria em escritos de 1888⁴, por exemplo. No texto “Três Ensaaios Sobre a Teoria da Sexualidade” (1905), afirma com veemência o que já vinha especulando e esboçando em trabalhos anteriores a respeito da fonte energética da neurose – esta é, sem dúvida, baseada em forças pulsionais de cunho sexual. Tal formulação a respeito do campo do sexual como a potencial causa das afecções psíquicas passou por diversos momentos de desenvolvimento.

Nas etapas iniciais do tratamento e teorização psicanalítica da histeria, Freud identificou diversos relatos que demonstravam a existência de abuso sexual na infância de suas neuróticas, cometido pelo pai ou por outro familiar próximo. Por um dado momento supôs ser essa a etiologia das neuroses, mas encontrou uma falha em seu raciocínio. Era em grande número que os relatos de abusos ou seduções infantis eram situados e feitos de maneira incongruente ou ilógica. Freud, então, percebeu que essa sedução poderia advir de uma produção fantasística da histérica. Houve uma troca do fator externo para o interno, transição registrada oficialmente no texto “Minhas teses sobre o papel da sexualidade na etiologia das neuroses” de 1906.

A nova construção a respeito do sexual e sua presença na infância e toda a influência durante a vida do sujeito é complementada de modo fundamental quando Freud então se dá conta do valor geral do complexo de Édipo.

Da mesma forma que a sexualidade, as questões do amor estão altamente em voga quando é proposto perceber o sujeito a partir da psicanálise. Imbricado com o campo do sexual de tal forma está o amor, que Freud em alguns de seus textos se refere aos dois como um único fator – amoroso sexual – e correspondente à etiologia das neuroses.

⁴ Verbete elaborado por Freud intitulado “Histeria” de 1888.

Lejarraga (2002) discute os conceitos de amor e sexualidade na primeira tópica freudiana e constata que, até 1905, Freud se referia aos dois como sinônimos. A partir dos “Três Ensaios Sobre a Teoria da Sexualidade” (1905) passou a apresentar variações conceituais, propondo um afrouxamento do elo entre objeto e pulsão sexual, mencionando a independência inicial da pulsão diante do objeto e a possível variabilidade dos objetos sexuais, sem deixar de mencionar agora uma equivalência de amor e supervalorização do objeto sexual. Todavia não abandona a forte implicação relacional existente entre amor e sexualidade.

Ao longo dos *Três ensaios*, Freud se refere indistintamente à sexualidade e ao amor, como vemos quando usa a expressão híbrida “moções amorosas sexuais”. Mas já se perfilam, nesse texto, algumas ideias que serão centrais na teoria do amor, como a tendência a restabelecer uma relação originária, a supervalorização de partes corporais ou psíquicas do objeto e a ideia de ternura pelo outro. Essas noções, porém, tanto se referem ao amor como à sexualidade. A tendência a restabelecer uma relação originária alude a um reencontro com um objeto sexual originário; a supervalorização sexual parte da excitação e do prazer ligados originalmente aos órgãos genitais e a ternura é uma forma de sexualidade inibida no seu fim (LEJARRAGA, 2000, p. 6 e 7, grifo da autora).

No texto de 1907, “Delírios e Sonhos na Gradiva de Jensen”, o leitor se depara com o objeto de amor apaixonado “[...] resultado de um recalque de impressões eróticas infantis, que retornam como atração intensa por uma figura (nessa história, de pedra) que se associa àquelas impressões recalçadas” (LEJARRAGA, 2000, p. 7), sendo deixada de lado por um momento a referência de objeto sexual como visto no texto de 1905.

Os trabalhos de Freud que tratam a respeito de contribuições a psicologia do amor, de 1910 e 1912, apresentam construções sobre os vieses do afeto e da genitalidade, analisando a escolha amorosa e a influência dessa espécie de sentimento no desejo sexual. Freud possibilita a conclusão, a respeito do texto de 1912, de que o amor sempre remeterá à sexualidade, pois carrega a supervalorização do objeto sexual, entretanto a sexualidade não corresponderá sempre ao amor, afinal muitos homens, na escolha objetal tendem a ter dificuldades de conciliar sentimentos amorosos e desejo sexual, conseguindo sucesso no exercício das questões sexuais quando não há vínculo de supervalorização (LEJARRAGA, 2000).

Sobre a escolha de objeto de amor e/ou objeto sexual, outro grande indicativo que demonstra a imbricação da sexualidade e do o amor diz respeito ao modo como Freud, direta ou indiretamente, menciona as escolhas amorosas relacionando-as a escolhas objetais investidas de pulsões sexuais e herança de modo de escolha objetal

definida no desenrolar do desenvolvimento sexual do sujeito e do modo de atravessamento da etapa narcísica.

Apesar de na sequência bibliográfica freudiana nos depararmos com questionamentos e diferenciações a respeito dos dois elementos – amor e sexualidade – Lejarraga (2000) enfatiza que essa marca de indissociação é corroborada por questões culturais às quais estava imerso, relativas à concepção do amor e sexualidade diante de questões românticas, características do século XIX. Desta forma, encontramos uma marca de complexidade entre os elementos amor e sexualidade, nos permitindo constatar que toda a teorização psicanalítica é permeada pelos dois, afinal encontra-se nomeadamente na sexualidade – e de certa forma nos vieses amorosos – como descobre Freud, o fundamento das neuroses, psicoses, demais estruturas, conceitos e elementos psicanalíticos.

Sendo assim, o alcance da psicanálise em relação ao amor e a sexualidade de sujeitos psicóticos é de certo privilegiado, afinal exime a psicose de estigmas, como já mencionado, colocando-a diante da possibilidade da clínica e conseqüentemente diante da teoria psicanalítica, a qual que considera as questões do campo do amoroso e do sexual como prioritárias.

O avesso da situação elucida o quanto se trata de uma via de mão dupla, afinal, como nos apresenta Elia (1992), quando nos propomos a tomar a psicose a partir do campo da psicanálise, temos a implicação de colocá-la diante das questões da sexualidade, afinal a última é o fio condutor desta teoria que é adotada como base metodológica e conceitual. Mais além, a psicose diante do sexual conceitualizado por Freud faz com que exista a necessidade de problematização da sexualidade, e de ser repensado seu alcance quando tomada em consideração a psicanálise, como enfatiza Elia (1992).

A psicose, diante das questões do sexual desenvolvidas pela psicanálise, impõe-se de maneira a exigir um desenrolar distinto, captar o sexual e o que há além do seu limite. Talvez se faça aqui possível parafrasear o dito lacaniano a respeito da genialidade de Freud ao decifrar o delírio de Schreber de maneira inovadora e singular. Logo após o elogio, um pedido de cautela, em especial em relação ao registro simbólico que a psicanálise alcança: “Mas, tomem cuidado, ela [a tradução sobre o delírio] deixa no mesmo plano o campo das psicoses e o das neuroses” (LACAN, 1955-56, p. 20). Estendendo-o então, nos atentemos às questões do sexual e do além do sexual que a psicose carrega.

Por não se estruturar pelo viés da significação fálica, do recalque e de um funcionamento recalcado do inconsciente (ELIA, 1992), a psicose se encontra no “fora-do-sexo”, posicionando-se para a psicanálise no status de impasse a ser desenvolvido, instigando os operadores da clínica psicanalítica a buscar o campo do sexual e do não-sexual em Freud, pois somente devido a esse debruçar sobre a distinção destes dois vieses na teoria freudiana é que há possibilidade de produção a respeito da psicose para a psicanálise.

Sendo assim, do que trata então esse campo do não-sexual no qual a psicose se insere e a faz ser considerada de maneira distinta na psicanálise quando diante da sexualidade? O desenrolar deste impasse reside na conceituação do sexual para a psicanálise.

A concepção de “sexual” a partir da perspectiva psicanalítica, difere terminantemente do conceito biológico do termo como mencionado anteriormente. Escapa aos limites da genitalidade, conclama o que está além – a dimensão do não-sexual – pois apenas assim que é possível um delineamento e circunscrição do que trata o campo do sexual.

“Dizer, portanto, que em psicanálise trata-se do sexual é dizer, no mesmo ato, que a psicanálise trata do sexual para, desde o lugar definido por esse mais-além, constituir-se como um saber em torno do eixo e do objeto definidos pelo sexual” (ELIA, 1992, p. 46).

A respeito da natureza desse campo do não-sexual, se encontra no que define o conceito de pulsão – antes de tudo vinda de estímulo motor e a princípio não sexual, caráter esse conferido quando atinge uma zona erógena (ELIA, 1992) –, diversas vezes obscurecida por fatores práticos relacionados às traduções e reedições das obras de Freud e reiteraões feitas pelo próprio autor ao longo dos anos de seus estudos, porém reapresentado de diversas outras formas, especialmente quando Freud expõe o que está além do princípio do prazer (1920), além do caráter sexual e de conservação da vida, aspectos esses até então definidores do que era concebido como pulsão. É especialmente quando fala de pulsão de morte que Freud resgata o caráter não-sexual da pulsão.

Não se trata de uma dinâmica dialética, mas de níveis pulsionais diferentes. A pulsão de morte não se opõe à vida mas consiste em uma energia não-sexual que move

o Eu⁵: Eros e Tanatos. Neste sentido, Elia (1992) faz uma explanação acerca da perspectiva não-sexual e seu engendramento com a questão pulsional.

[...] acompanhando Freud, não podemos deixar de fazer alguns comentários sobre a obra de um autor contemporâneo, que se ocupa precisamente da questão de investigar os destinos do conceito de narcisismo a partir da introdução da teoria pulsional de 1920, que supostamente opõe vida e morte. Dizemos supostamente porque, na verdade, a teoria pulsional de 1920 opõe sexualidade à morte, não como categorias de mesmo patamar, portanto não como dicotomia, dualidade, mas como o patamar do sexual e seu mais-além, situado, portanto, em outro patamar. Eros e Tanatos não representam, assim, a vida (no sentido que esse termo assumia, por exemplo, na expressão “pulsão de vida”, isto é, de auto-conservação, do Freud antes do narcisismo) e a morte, como planos niveláveis do vivenciável. Eros como pulsão de união, conjunção, articulação entre pulsão e o inconsciente, entre a sexualidade e a linguagem. Tanatos como pulsão de desagregação, disjuntiva, isto é, como pulsão por excelência, desarticulada do plano da linguagem, do significante, do inconsciente, como lugar “inconsciente” mas para além do inconsciente recalcado, vale dizer, com Freud, como lugar do Isso e com Lacan, como lugar do Real, como lugar, finalmente, do não-sexual (ELIA, 1992, p. 98 e 99).

É possível inferir questões relacionais à sexualidade em diversos momentos da obra freudiana tomando então o campo do sexual na psicanálise – sempre margeado e considerado a partir do não-sexual – mesmo que eles ainda não tivessem sido tocados por concepções elaboradas posteriormente, pois somente assim não se perde a perspectiva total da mensagem freudiana. Especialmente no que diz respeito à negação do paralelismo efetuado por campos da ciência entre sexualidade e genitalidade. Eis então na conceituação do sexual mais uma grande peculiaridade da perspectiva que a psicanálise presta à psicose.

Antes de adentrar questões estritas de procedimentos metodológicos, mas prosseguindo nas justificativas da escolha teórica psicanalítica, percebo como já deveras esclarecido o motivo da utilização da teoria freudiana nesse trabalho, entretanto elucidado em apenas alguns patamares. Reapresento então a importância destes constructos teóricos, em especial, para esta produção. A obra de Freud compõe a origem da teoria psicanalítica e a matriz para todo e qualquer desenvolvimento psicanalítico, mesmo daqueles que mais se distinguiram deste primeiro modelo de teorização. É a partir de Freud que podemos ver surgir outra possibilidade de clínica, ao avesso da de

⁵ Onde se lê *Eu*, neste trecho e em outras partes desse texto, entenda-se equivalente ao termo *Ego* utilizado em diversas citações desta produção. Da mesma forma, os termos utilizados para nomear as demais instâncias psíquicas *Isso* e *Supereu* correspondem respectivamente a *Id* e *Superego*.

natureza médica, constituída de fatores que mudam a percepção do sujeito – tais como o inconsciente e a transferência.

Os fundamentos teóricos de Freud são considerados por Elia (1999) de certo modo não ultrapassáveis, situam o saber sobre o sujeito no campo do inconsciente como antes nenhuma outra ciência ou construção teórica havia suposto. Independente do avanço ou modificações propostas por pós-freudianos, nenhum pôde superar a elaboração psicanalítica fundamental a respeito do inconsciente, afinal esta fundamenta até mesmo especulações e tentativas de diferenciação teórica.

Sendo assim, considerar os escritos freudianos que abordam a temática neste trabalho escolhida é, sem dúvida, essencial para a elucidação da perspectiva psicanalítica.

Mas, e quanto aos constructos de Lacan? Qual a importância que justifica uma limitação da teoria que fundamenta esta pesquisa? A resposta é simples, Lacan priorizava um retorno ao caminho teórico adotado por Freud. Todo seu ensino e sua doutrina estão embasados em um fundamento essencial – uma retomada do lugar do qual Freud partiu ao construir seus enunciados psicanalíticos (ELIA, 1999).

Elia (1992) apresenta uma construção que ilustra como é possível compreender o caminho tomado por Lacan em seus estudos:

Imagine-se um viajante caminhando através de uma floresta espessa, dirigindo-se, em sua caminhada, de modo decidido, em determinada direção, sem contudo conhecê-la; em algum ponto esta caminhada é interrompida; outros decidem prosseguir-la, e vemos que há duas formas de fazê-lo: pode-se prosseguir caminhando, a partir do ponto da interrupção, tomando qualquer direção, supondo-se que se está "prosseguindo" o caminho daquele que o iniciara, mas sem considerar a direção que até então norteava o trajeto, e pode-se proceder de modo inteiramente diferente: pode-se retomar o caminho percorrido até então, deixando-se afetar pela direção que ele tomava, e, ao prosseguir, deixar que o novo percurso seja afetado por esta direção. É óbvio que o caminho assim tomado não pode ser confundido com aquele que o viajante teria tomado caso não o tivesse interrompido, (lembremo-nos de que nem mesmo ele sabia muito bem onde ia com tanta determinação). O caminho tomado pelo segundo procedimento é, em todo caso, afetado pela direção primeira (ELIA, 1999, p. 9 e 10).

Ao considerar os ditos freudianos, Lacan não se atém a repetir a produção de Freud, mas se permite compreender e produzir utilizando de um ponto de vista considerado pelos demais pós-freudianos como algo a ser superado. Resgatar o já construído é o que proporciona a Lacan a possibilidade de produzir algo novo sem deturpar ou desviar do caminho considerado como fundamental. Caminho ostentado durante o percurso de Lacan, como fica evidente no famoso comentário proferido em

Caracas em 1980, quando reafirma sua opção pela causa freudiana, dando margem a paráfrases até os dias de hoje no contexto psicanalítico.

“Pensamos que a obra de Lacan é, entre outras coisas, um grande empreendimento lógico para dar conta daquilo que Freud manteve no registro mítico⁶, ao invés de buscar satisfazer-se com falsas soluções, de resto mais fáceis” (ELIA, 1992, p. 73).

Optar por constructos de Freud e de Lacan é ir em direção à clínica que se depara sempre com o singular, com o um-a-um, com o modo diferenciado de cada sujeito, de suas afetações pelo inconsciente e o modo como elas se manifestam bem como comungar de prerrogativas conceituais cunhadas pelo campo dessa clínica.

Freud (1922) afirma, ao desenvolver um pequeno texto enciclopédico a respeito do que trata a psicanálise:

Psicanálise é (1) o nome de um procedimento para investigação dos processos mentais que são quase inacessíveis por qualquer outro modo, (2) um método (baseado nessa investigação) para o tratamento de distúrbios neuróticos e (3) uma coleção de informações psicológicas obtidas ao longo dessas linhas, e que gradualmente se acumula numa nova disciplina científica (FREUD, 1922, p. 253).

Psicanálise é, portanto, um método de tratamento de distúrbios que, necessariamente se constitui uma atividade da investigação dos processos inconscientes, possibilitando a constatação, o tratamento de afecções psíquicas, bem como o alcance das manifestações do inconsciente.

Tal atividade de investigação difere de outros campos metodológicos que a antecederam. A psicanálise se distingue do que é denominada pesquisa científica, independente da influência desta na origem da primeira. Constitui-se de todo um coletivo de diferenças e discordâncias em relação ao descritivo, à análise do fenômeno, à busca por uma neutralidade do objeto de pesquisa em relação ao sujeito.

É por meio da tomada de consideração do dito *objeto* – pela via do discurso analítico –, a partir da fala do sujeito, é que se constitui a metodologia e a teoria psicanalítica, proporcionando uma nova forma de produzir um saber. Foge da reprodutibilidade, objetividade ou generabilidade; busca produzir acesso do sujeito ao saber sobre suas determinações singulares e fundamentais.

Mas, se situa seu ponto de mira para além do fenômeno, pelo que atesta de sua derivação e partir da Ciência, a psicanálise, contudo não se identifica com ela; não busca, nesse mais-além do fenômeno, as explicações redutíveis a

⁶ Neste trecho o conceito explicitado corresponde à definição da natureza o termo pulsão ou Trieb – mítico, além de uma simples definição ou conceito.

uma racionalidade compartilhável, uniformizante, normatizadora. Se a ciência visa a fundar, produzir, com efeito de seu discurso, um objeto, recalçando, em seu movimento, o sujeito, a psicanálise ao contrário, faz agenciar a sua prática discursiva (clínica e teórica) pelo objeto, dirigindo-se assim a um sujeito, situado como o Outro dessa prática, tomado em sua singularidade (ELIA, 1992, p.12).

E este objeto da psicanálise, o inconsciente, só se faz possível essencialmente por intermédio do sujeito. É diante do inconsciente e das construções que são alcançadas por meio do discurso analítico que acontece no decorrer de uma análise que a psicanálise se produz.

A pesquisa psicanalítica concebida através do discurso, viabilizado pela produção clínica, evidencia a relação dialética existente entre clínica e teoria. Sem a primeira, a segunda seria inconcebível, mas há a necessidade de reconhecer as construções teóricas norteadoras da prática, prevenindo a produção psicanalítica de decair em um *clanicismo*, como nomeia Elia (1992), mas sem, no entanto, transformar a clínica em reprodução teórica, em repetição de teoria já elaborada.

A clínica psicanalítica, meio de pesquisa e de construção teórica, não se trata de um simples lugar de verificação do que já há teorizado. Trata-se do que vai ao limite do que pôde ser alcançado e interroga o desconhecido, permitindo que haja evolução, constituindo o cerne da descoberta da psicanálise.

Sendo objeto da análise o conteúdo inconsciente inesgotável, tudo que provém deste é produzido/revelado como aquilo que ainda não foi dito e elaborado, situando a clínica como local de constituição de novo conhecimento. Utiliza de uma verificação diferente do que há de corriqueiro nas produções científicas. A verificação psicanalítica em uma pesquisa busca sempre a possibilidade de uma nova descoberta, e não a comprovação ou refutação de uma hipótese.

Não é mais, assim, um processo distinto da descoberta, posterior, no sentido linear da temporalidade, um processo incidente sobre uma hipótese ou teoria que teria sido 'inventada' ou 'descoberta' anteriormente ao próprio momento da verificação. Uma hipótese ou teoria psicanalítica é verificada quando o sujeito é capaz de recriar a sua história, reescrevê-la, a partir da descoberta que fez na análise, a partir da teoria que assim se produz.

[...] A verificação não é, assim, verificação de uma hipótese primeira, prévia, com a qual produziria um confronto, um diálogo em retorno, do tipo corroboração/refutação, mas é sempre a possibilidade de deslocamento dessa hipótese para a outra, a possibilidade de uma nova descoberta. A verificação é, portanto, uma nova descoberta que produz o efeito da reestruturação subjetiva (ELIA, 1992, p. 28).

A psicanálise subverte o sujeito da ciência, tomando-o pela via do simbólico, obrigando a suposição de um ser sem qualidade alguma, sendo sempre suposto pelo

significante, diferenciando do objeto das ciências humanas que o transforma em indivíduo, revestido de qualidades humanizadoras. Entretanto, mesmo sem essas qualidades, o modo que a psicanálise subverte esse sujeito diz respeito à tomada dessa exclusão que a ciência o coloca e a inclusão no campo de sua própria experiência pela via do inconsciente (ELIA, 1999).

A proposta de pesquisa embasada em preceitos psicanalíticos metodológicos e teóricos adotada neste trabalho acata a clínica como lugar de origem do novo, onde se encontra sujeito de pesquisa e pesquisador, sem tornar o sujeito da pesquisa em objeto a princípio excluído como faz a ciência. Essa clínica subverte a relação sujeito-objeto. Propõe uma nova composição regida pelo elemento transferência, onde um ocupa lugar de analisante e o outro de Outro da dupla. Admite a clínica na psicanálise como o lugar de produção do saber a respeito do sujeito por vias do inconsciente. Constitui-se do contexto de descoberta da psicanálise, deixando de ser, como na ciência, o lugar de verificação, o campo de pesquisa, afinal não há teoria psicanalítica sem a existência da clínica.

A clínica é local de pesquisa, encontro com o objeto – especificamente nessa produção, o amor no contexto da psicose –, de espaço de manifestação do sujeito e de surgimento de relação transferencial, possibilitando a análise posterior dos atendimentos. Mesmo que esta clínica se constitua de maneira *nova*, decomposta de alguns elementos, mas viabilizada pelo essencial.

A psicanálise se faz possível num novo contexto devido a ideais que o constituem – a própria psicanálise, a politização e uma visão social do paciente –, herdados da reforma psiquiátrica italiana que serviu de inspiração para impulsionar o movimento no Brasil.

A partir da *reforma psiquiátrica* que, aqui como em diversas partes do mundo, pôs em questão a hegemonia do saber médico-psiquiátrico no tratamento da chamada “doença mental”, o campo da saúde mental se tornou multidisciplinar, heterogêneo e plural, com diversos saberes e práticas se entrecruzando. A escolha do significante “saúde mental” para designar esse novo arranjo de forças representou a tentativa de positivar um campo antes negativizado pela cultura manicomial e excludente que, sob a égide do saber médico, objetificou o sujeito, abolindo-o sob o rótulo da doença mental. É nesse novo campo, junto do dispositivo psiquiátrico redimensionado e dos dispositivos de atenção psicossocial trazidos pela reforma psiquiátrica, que os psicanalistas procuram inserir o dispositivo analítico, com sua ética própria, por intermédio de uma clínica que visa ao sujeito (ALTOË; LIMA, 2005, p. 88, grifo do autor).

Fora do consultório, a psicanálise se depara com disposições físicas diferentes – salas, consultórios médicos, oficinas de pintura e artesanato, quadra de esportes etc. Este é um dos empecilhos e, concomitantemente, uma das condições que regem a eficiência desta proposta de aplicação da psicanálise. Neste novo contexto, não há mais o limite do espaço físico do setting terapêutico ideal, com o divã e outros requisitos clássicos. O que vai promover a psicanálise no novo modelo de aparelho de atenção à saúde mental diz respeito ao espaço discursivo, criado quando um dos participantes assume a função e lugar de analista e outro dos participantes seja tomado como sujeito, o sujeito da palavra e do inconsciente, o “[...] operador engendrado pelos efeitos da linguagem sobre o indivíduo da espécie humana” (ALTOÉ & LIMA, 2005, p. 114).

Retomando a análise de Freud sobre o caso Schreber (1911) encontramos uma observação interessantíssima a respeito da importância da instituição para os avanços dos estudos de psicopatologias como as psicoses, registro que evidencia a possibilidade e importância da extensão da psicanálise para além do espaço clínico convencional.

Freud afirmou que a investigação analítica da paranoia apresentava raras possibilidades de um exame mais minucioso para médicos que não estavam ligados a instituições públicas. Não era possível, ao seu ponto de vista, aceitar pacientes que sofriam desta enfermidade, ou mesmo que os aceitasse na clínica, não acreditava na viabilidade de mantê-los por longo tempo, afinal não poderia oferecer tratamento com qualquer perspectiva de sucesso terapêutico. Assim, somente em circunstâncias excepcionais é que se conseguiria obter algo mais que uma visão superficial da estrutura da paranoia, ou mesmo ainda prover tal diagnóstico, que demandava observação cautelosa.

Tal registro possibilita identificar a coexistência e engendramento da psicanálise e do contexto institucional. Mesmo que com características atuais diferenciadas, não se deve ignorar as possibilidades que no passado as instituições de tratamento de doenças mentais promoveram para avanços dos estudos psicanalíticos e, no presente, a função que exercem na sociedade contemporânea como espaço de possibilidade de escuta e manifestação do sujeito estigmatizado. Ao mesmo tempo, tal engendramento é evidente também quando se toma como perspectiva a psicanálise. Ela exerce grande influência nas modificações e criações de novos modelos e princípios institucionais direcionados à saúde mental, compondo o grupo de preceitos fundamentais da reforma psiquiátrica/luta antimanicomial.

Adotando como prerrogativa os argumentos aqui apresentados a respeito da dupla instituição-psicanálise, o ambiente que constituiu o espaço analítico durante esta pesquisa se trata de um Centro de Atenção Psicossocial, o CAPS estadual Madeira-Mamoré, de Porto Velho, Rondônia, instituição onde realizei estagio curricular do curso de psicologia, conforme já mencionado e, posteriormente, iniciei atividades voluntarias como psicóloga.

Este CAPS é de importância estratégica na rede de atenção à saúde mental em Rondônia, pois recebe grande parte da demanda de atenção e tratamento de questões relacionadas à saúde mental da cidade e de alguns municípios do estado. Tem como objetivo o atendimento de pacientes considerados necessitados de atenção intensiva e semi-intensiva, tornando-se assim o campo ideal de pesquisa para este objeto de estudo, pois é referência no tratamento de pacientes psicóticos.

Atualmente, nos CAPS e outros aparelhos da rede de atenção à saúde mental atuam equipes constituídas por diversos profissionais (psicólogos, terapeutas ocupacionais, assistentes sociais, médicos, enfermeiros, fisioterapeutas e pedagogos), trabalho nomeado *entre vários* (ZENONI, 2000), no qual o psicanalista é incluído, contribuindo com atuações de caráter institucional e clínico nesses novos serviços da rede de saúde mental.

De acordo com essa proposta de inserção da psicanálise nos aparelhos de atenção à saúde mental é que se formalizou o voluntariado e foi dado início a atendimentos psicológicos individuais direcionados especialmente a pacientes psicóticos que manifestassem demanda de espaço para a fala.

Dentre tais processos de atendimento, alguns daqueles nos quais foi possível identificar o estabelecimento de vínculo e/ou relação transferencial – demarcador essencial para considerar o espaço de escuta criado como setting psicanalítico –, e ainda recorrência da temática amor e sexualidade, serviram de fonte de material analisável que subsidiam esta pesquisa, sendo apresentados aqui em três casos clínicos.

É válido ressaltar a importância crucial do vínculo transferencial para a tomada do atendimento como caso clínico analisável psicanaliticamente. É apenas através desta via que se faz possível a escuta do sujeito; e ainda neste caso específico do tema selecionado para a pesquisa, é o que permite reconhecer a possibilidade do sujeito possuir uma estruturação psicótica e então finalmente ser passível de recrutamento sua produção clínica para fins de elaboração deste trabalho.

Altoé e Lima (2005) trazem afirmações a respeito do tema. Defendem que a posição do sujeito só se revela sob transferência, único meio de confirmação que tal posição é estrutural, sobredeterminada e inconsciente. Ele não pode ser considerado um indivíduo bio-psíquico portador de um quadro clínico ou certa patologia. “Assim, sua estrutura clínica não se definirá senão por sua relação com a linguagem e com a palavra, dita e proferida na presença do analista (sob transferência)” (ALTOÉ; LIMA, 2005, p. 114).

E ainda sobre a questão transferencial, mas especificamente ligada à escolha e aplicação metodológica Elia (1999) enfatiza:

O que quer que seja uma *metodologia de pesquisa* em psicanálise, ela deve incluir a transferência entre as condições estruturantes (e estruturais) da pesquisa. Isto se torna ainda mais contundente sob a força das palavras de Freud (1913/1969): "a psicanálise faz em seu favor a reivindicação de que, em sua execução, tratamento e investigação *coincidem*." (p.152) Mas, de que transferência se trata? Evidentemente, num primeiro nível, trata-se da transferência do sujeito ao analista-pesquisador. Poderíamos, nesse sentido, afirmar que só se pode fazer pesquisa em psicanálise *sob transferência*. Se tratamento e pesquisa coincidem, como afirma Freud, podendo ou não o analista elevar o tratamento que dirige à condição de uma pesquisa, querendo ele ou não tirar disso as consequências, e se a transferência é condição de tratamento, ela será igualmente uma condição de pesquisa, dedução esta que assume aqui a formulação de um silogismo (p. 6 e 7, grifos do autor).

Desta maneira, entende-se como fundamental a valoração das questões de vínculo e relação transferencial entre analista e analisando, e conseqüentemente, nos moldes da circunstância aqui descrita, pesquisador e sujeito.

Os atendimentos inicialmente duravam cerca de cinquenta minutos e aconteciam uma vez por semana. No decorrer do processo de escuta alguns pacientes apresentaram necessidades particulares de extensão ou encurtamento desse tempo, de mais encontros semanais etc. Eram então atendidos em sua demanda quando em supervisão se verificava as questões envolvidas, sobretudo no que diz respeito às implicações transferenciais dessas modificações do formato temporal.

A cada atendimento eram transcritas falas dos pacientes e do analista, observações e acontecimentos a respeito dos sujeitos para que fosse possível uma análise perante a discussão teórica que toca a questão do amor e da sexualidade na psicose.

Nogueira (2004) comentou em uma aula proferida na Universidade de São Paulo em 1999 a respeito da pesquisa psicanalítica e propôs algumas observações sobre procedimentos de registro característicos deste modelo de produção, mencionando as

transcrições e o uso de gravador. Argumentou apontando motivos pelos quais a psicanálise demanda a escrita para uma melhor elaboração das questões que surgem no setting e não se adéqua bem ao uso de gravações, pois não é possível apreender o contexto em que as palavras são proferidas.

Pode-se pensar cada caso como um romance, como se fosse escrito por um escritor. Eu posso, digamos assim, fazer diários das minhas sessões analíticas. Eu analisante, posso, a cada vez que faço uma sessão de análise, chegar em casa e fazer um diário, e acumular diários de muitas sessões. Essa seria uma primeira construção, porque eu passo da relação de vida para a relação de linguagem, percebem? Já há uma mudança de nível. Quando eu consigo colocar no papel aquilo que ocorreu entre eu e o meu analista, ou quando o analista faz isso em seu consultório, escrevendo o que aconteceu entre ele e o analisante, cada um de nós está construindo uma pesquisa. É por isso que não adianta gravar a sessão de análise, porque a gravação da sessão de análise é a objetividade de um recorte, assim como a escrita do analista ou do analisante são recortes. Nós não conseguimos reproduzir aquilo que foi vivido. A nossa linguagem é irreproduzível: o passado passou. Mas a descrição, digamos assim, daquilo que ocorreu - que é muito cara à ciência experimental, porque ela tem a natureza para ser investigada - aquilo que nós podemos descrever no diário, é a descrição de uma construção. Qual construção? A investigação do analisante. (p. 14)

E além, questões do próprio método psicanalítico se colocariam em contradição, afinal haveria uma distorção do lugar do analista, que se tornaria confundível com um entrevistador que estaria gravando uma fala, afinal as gravações requisitam autorização prévia do paciente, podendo confundi-lo, atrapalhando o estabelecimento de vínculo e ainda gerar uma impossibilidade ou distorção da relação transferencial, alterando completamente a ordem flutuante da emersão dos conteúdos e das manifestações do inconsciente.

Dada a condição da realização da pesquisa na instituição, não se pode deixar de enxergar os possíveis benefícios, percalços, atravessamentos e confusões que esta impõe à pesquisa, à clínica e aos sujeitos atendidos.

Esses procedimentos de transcrição e supervisão clínica contêm o intuito de conservar a fidedignidade à abordagem psicanalítica do sujeito, independente do fato da pesquisa acontecer dentro de uma instituição ou de um consultório. Separar escuta de cuidado é necessário, sendo assim, tais procedimentos se fizeram fundamentais para confirmar o sentido do trabalho com fundamentação psicanalítica.

A escuta é um instrumento fundamental para fazer advir esse *sujeito*, que “não é uma coisa tão óbvia”, surgindo nos fenômenos da linguagem, nas descontinuidades e interstícios do discurso e na maneira particular como esse discurso se articula para cada um. O sujeito, portanto, não é alheio aos fenômenos psicopatológicos que o acometem, uma vez que esses fenômenos são também eventos de linguagem. Seja no sintoma, no caso da neurose, seja

no delírio e nas manifestações alucinatórias, no caso da psicose, é nessas formações que devemos escutar a verdade do sujeito, mesmo quando ela não pode ser reconhecida como tal. Não se trata, contudo, de qualquer escuta e muito menos de uma escuta compreensiva subordinada à perspectiva do *cuidado* e preocupada com as questões do sentido, que muitas vezes recai em uma prática moral educativa, mas sim a escuta da articulação significante inconsciente, na qual o sujeito se produz. Acolher a fala do psicótico e oferecer um lugar de escuta a isso que para nós parece excessivo e sem sentido é a via privilegiada pela psicanálise na clínica da psicose, uma vez que ela abre possibilidades de produção de sujeito (ALTOË; LIMA, 2005, p. 94, grifos do autor).

O processo de proporcionar um espaço para a fala de sujeitos psicóticos exige atenção à posição daquele que se propõe analista. Dispor-se neste setting da clínica da psicose na posição de analista exige colocar-se como *secretário* (Lacan, 1955-56), aquele que auxilia através da escuta e da constatação do surgimento do sujeito nesse cenário.

Rinaldi (2005) menciona a importância do analista se colocar em posição humilde ao invés do lugar do Outro absoluto que assola a existência do sujeito psicótico desde fora. Citando o termo utilizado por Lacan, deixa evidente a necessidade de permitir a fala do sujeito emergir, ouvindo suas construções, seu discurso.

A respeito dessa particularidade e do espaço de fala do sujeito – um dos vieses que caracterizam o espaço terapêutico – Lacan, retomando o caso Schreber, afirma:

Por que então, condenar de antemão à caducidade o que se externa de um sujeito que se presume estar na ordem do insensato, mas cujo testemunho é mais singular, e mesmo inteiramente original? Por mais perturbadas que possam estar suas relações com o mundo exterior, mesmo assim não guarda talvez seu testemunho seu valor? [...] Metodologicamente, estamos, portanto, no direito de aceitar o testemunho do alienado em sua posição em relação à linguagem, e devemos tê-lo em conta na análise de conjunto das relações do sujeito com a linguagem” (LACAN, 1955-56, p. 243 e 244).

A psicanálise produz enunciados teóricos a respeito da psicose embasados em experiências clínicas, possibilitando a produção de mais caminhos norteadores, fazendo surgir então um ciclo teórico-clínico que possibilita o avanço psicanalítico diante das questões da psicose. Sendo assim, na clínica psicanalítica não se admite recuo ou estagnação devido o defrontamento com a psicose, menos ainda diante do amor e à sexualidade paralelos às questões psicóticas, pois a partir de abordagens do sexual e do não-sexual é que se é permitido produção de saber a respeito da psicose na psicanálise (ELIA, 1992), configurando-se este o terreno investigativo do presente trabalho.

2. SOBRE A PSICOSE

2.1. Conceituação da estrutura psicótica sob as óticas de Freud e Lacan

Sob o ponto de vista psicanalítico a psicose trata de uma perturbação primária da relação libidinal com a realidade. A maior parte dos fenômenos manifestos, tais como os delírios, são uma tentativa de restauração desse rompimento com a realidade como as pessoas ditas normais a reconhecem, sendo a psicose um terreno delicado mesmo para a psicanálise.

Do contexto psicanalítico e de seus campos teóricos dissidentes, é possível enumerar alguns autores clássicos que arriscaram enveredar no campo da psicose. Entre eles podemos mencionar representantes como Freud, Jung, Melanie Klein, Lacan. São escolhidos como fundamento para a discussão proposta aqui o primeiro e o último dessa breve lista, pois, suas construções teóricas apresentam peculiaridades que constituem, preservam e dão continuidade à teoria psicanalítica primeira e original.

A Freud se deve o pioneirismo de discutir questões que frutificaram e se apresentam já há mais de um centenário como de grande relevância, compondo fundamentalmente uma nova perspectiva que escapa ao escopo científico-filosófico – a da psicanálise. Quanto a Lacan, a justificativa da opção neste trabalho por suas construções teóricas se encontra no fato de seu propósito da produção psicanalítica ser embasada num retorno à Freud, ou seja, buscar a fonte e os caminhos da evolução para a psicanálise, entretanto sem abandonar a direção freudiana, seguindo seus passos e continuando um trabalho margeado sempre pelo reflexo de seus constructos iniciais, princípios que não são exatamente comuns a outros teóricos de origem psicanalítica.

Ao contrário, alguns deixaram transparecer durante o desenvolvimento de suas formulações certa sombra de discordância e, em certos momentos, de falta de arcabouço que servisse de fundamentação, afinal em algum ponto abandonaram justamente a base daquilo que os estimulou e os fez despertar em seu caminho de busca pelo conhecimento do modo de funcionamento psíquico do ser humano.

Sobre a dedicação de Freud ao que tange o campo das psicoses, é possível afirmar que ocorreu de maneira sucinta porém crucial, fornecendo subsídios para que seus seguidores pudessem, posteriormente, se debruçar sobre suas conclusões sobre o tema. Não fez parte da maioria das discussões centrais de suas investigações científicas explicar o funcionamento ou o desencadear de um transtorno psicótico nem mesmo empreender esforços na causa da clínica da psicose – não acreditava esta ser possível –,

entretanto, durante o desenvolvimento de seus trabalhos, Freud inúmeras vezes defrontou-se com a psicose e não recuou, resultando em algumas importantes postulações a respeito desse campo.

Jacques Lacan atendeu psicóticos nos preceitos da clínica psicanalítica freudiana e muito do seu legado se refere às questões em torno da estrutura psicótica e da produção de uma clínica possível para a psicose. Percebia que o método psicanalítico permitia a compreensão dos fenômenos de ordem psicótica e proporcionava uma possibilidade de tratamento, mesmo que de modo ímpar, diferente da psiquiatria de sua época que prezava pelo silenciar, afastamento e enclausuramento do sujeito psicótico. Com Lacan se efetua a valorização da fala desse sujeito de forma a permitir que ele adentre a clínica, sua produção passa a ser valorizada a partir da proposta de escuta do delírio, embasada em afirmações freudianas de que a produção delirante poderia, de alguma maneira, ser a busca por uma estabilização (FREUD, 1911).

Quanto à influência freudiana na produção de Lacan direcionada à psicose, deve-se considerar que não só o que concerne às questões diretas a respeito do tema é essencial, mas todos os pontos angulares da psicanálise freudiana favoreceram o desenvolvimento teórico lacaniano sobre a estrutura psicótica, especialmente os constructos a respeito do inconsciente e sua estruturação em moldes de linguagem, o complexo de Édipo, o conceito de castração e a formulação da teoria da libido.

No seminário no qual Lacan aborda especificamente as psicoses (1955-56), destaca logo de início um dado curioso sobre o percurso freudiano – a preferência pela paranoia que Freud deixava transparecer nas suas produções iniciais, e não pela esquizofrenia, como era marcadamente a primeira opção dos estudiosos da época.

Ao iniciar leituras que contém a temática da psicose na produção de Freud, é possível encontrar as primeiras observações relevantes no texto “As Neuropsicoses de Defesa” (1894). Neste trabalho ele reflete sobre a função de defesa da paranoia, da histeria e da neurose obsessiva. O autor afirma que as doenças mentais são a expressão de defesas inadequadas e mórbidas do Eu.

Nas neuroses, Freud afirma que as defesas são substitutivas, organizam-se ocupando o lugar de uma representação insuportável por outra representação mais aceitável para o Eu, e quando esse mecanismo fracassa surgem os fenômenos tipicamente neuróticos. Entretanto, nas psicoses haveria uma espécie de defesa muito mais poderosa e mais bem sucedida. “Nela o eu rejeita a representação incompatível juntamente com o afeto e se comporta como se a representação jamais lhe tivesse

ocorrido” (FREUD, 1894, p. 64). Na defesa psicótica o Eu utiliza da projeção para o mundo externo aquilo que o perturba, retirando de si o que seria a representação intolerável.

À época dessas afirmações, Freud não havia ainda desenvolvido sua teoria do recalçamento, o que dificultava e colocava como problema principal a função da projeção nas psicoses. Era questionável se a projeção se tratava de um mecanismo específico no caso das psicoses (KAUFMANN, 1996). Em um rascunho (Rascunho H), enviado a Fliess em 1895(b), existem observações a respeito desse impasse sobre a projeção. É explicado que a projeção da representação incompatível era um mecanismo comum, sem restrições à paranoia.

É relevante o fato de que Freud, no período de formulação do citado texto, tratava da psicose no interior do que havia promulgado sobre as neuroses, fazendo com que traços de mecanismos neuróticos que não se dão de forma igualitária no sujeito psicótico entrassem na discussão de suas explorações.

O artigo “Observações adicionais sobre as neuropsicoses de defesa” de 1896 traz formulações sobre a paranoia em paralelo à neurose obsessiva. Freud utiliza da classificação dos fenômenos da última adequando-os à primeira, havendo discriminação entre a questão projetiva da paranoia que é remetida ao mundo exterior, e a da neurose obsessiva, em que a projeção é realizada no mundo interior do indivíduo.

Na carta 125 a Fliess (1899), Freud ressalta pela primeira vez a questão do autoerotismo na paranoia, tirando de foco a projeção, e delega a questões relacionadas à sexualidade à *escolha da neurose*. A sexualidade, logo adiante na produção freudiana, se destaca como fator altamente relacionado à patogênese psicótica, afirmação encontrada num estudo de caso a partir de um relato autobiográfico de um sujeito paranoico, publicado em 1911.

As “Notas psicanalíticas sobre um relato autobiográfico de um caso de paranoia” são apresentadas ao público depois de, em 1910, Freud ter sua atenção despertada pelas “Memórias de um doente dos nervos” de Daniel Paul Schreber. No texto de 1911 é feita uma análise dos escritos de Schreber, derivando em formulações teóricas fundamentais a respeito da paranoia (*dementia paranoides*) e interpretação da simbologia do delírio schreberiano.

Schreber era um homem de meia-idade à época do desencadeamento de sua patologia, casado, sem filhos e ocupava uma função jurídica. Adoeceu oito anos antes do surgimento de fenômenos paranoicos, apresentando na primeira doença sintomas

hipocondríacos. Foi tratado pelo médico psiquiatra Flechsig que, na ocasião do segundo adoecimento, teve grande repercussão em toda a construção delirante, e tal como supõe Freud (1911), relação com o desencadear da patologia final de Schreber. Esta teve sua eclosão cerca de um mês após a nomeação de Schreber para um importante cargo público no âmbito de seu trabalho, no qual enfrentou sobrecarga mental devido à função que exercia.

Pouco tempo antes do desencadeamento da doença psíquica, Schreber teve alguns sonhos que posteriormente vieram apresentar sua importância. Sonhou algumas vezes que sua patologia antiga voltara e, em uma ocasião específica, durante uma manhã, num estado entre o sono e vigília, surgiu a ideia de que deveria ser muito bom ser mulher e se submeter ao ato de cópula. Nesta época, rejeitou terminantemente a ideia, ficando indignado com o que lhe ocorrera.

Logo depois, sua segunda enfermidade começou a se manifestar, retornou à clínica onde o doutor Flechsig atuava devido a uma terrível crise de insônia e desde este ingresso sua condição só piorou, sendo transferido para um segundo local pouco tempo depois, o asilo Sonnenstein.

Em um relatório redigido pelo diretor do lugar foi descrita a condição do paciente e sua evolução no decorrer da internação. Inicialmente expressava ideias hipocondríacas, se queixava de um amolecimento cerebral, tinha certeza que morreria em breve, apresentava esporadicamente algumas ideias persecutórias baseadas em ilusões sensoriais, quadro acompanhado ainda de alto grau de hiperestesia. Com o passar do tempo, as ilusões visuais e auditivas e distúrbios cenestésicos se tornaram frequentes, dominando seu pensamento totalmente. Schreber por vezes tinha certeza de estar morto e em decomposição, em outros momentos pensava sofrer de peste, vociferava que seu corpo estava sendo manejado de maneira repugnante, registrando em seu livro posteriormente que havia sofrido os piores horrores naquela época, tudo com sagrada finalidade.

Durante a internação o paciente apresentou períodos de estupor alucinatório e catatonia, apresentando-se incessível a qualquer contato com o mundo externo a si. Ansiou pela morte por diversas vezes devido a todo sofrimento que lhe era infligido por suas ideias, tentou suicidar-se inúmeras vezes.

Aos poucos, suas construções delirantes assumiram um caráter místico e religioso, encontrava-se nesta etapa de sua enfermidade em contato com Deus e as mais diversas criaturas divinas e infernais. No final da estadia no asilo Sonnenstein

acreditava estar vivendo em outro mundo.

Naqueles anos, seu quadro clínico percorreu fases que marcaram a construção de um sistema delirante, alterações deste e finalmente sua cristalização e restabelecimento do contato com a realidade e reconstrução de sua personalidade. Esses dois últimos pontos ficam especialmente evidentes quando se explica a ocasião da composição do relato autobiográfico. Schreber pede diante da lei a retomada dos direitos sobre a própria vida e, após sua saída, publica um livro relatando toda sua experiência delirante nos anos de internação.

Da construção delirante que cristalizou e reestruturou o sujeito (ao menos temporariamente), permaneceu essencialmente a crença na missão de redimir o mundo e restituir-lhe um estado de beatitude perdido, fatos que só se concretizariam se Schreber se transformasse em mulher, com o intuito de exercer a função de ser quem Deus poderia gozar a todo o momento.

“A ideia de ser transformado em mulher foi a característica saliente e o germe mais primitivo de seu sintoma. Mostrou também ser a única parte deste que persistiu após a cura e a única que pôde permanecer em sua conduta na vida real, após haver se restabelecido” (FREUD, 1911, p.31).

Na análise de suas memórias, Freud interpreta o delírio de Schreber a fim de compreender o processo ocorrido entre o desencadeamento e seu restabelecimento, bem como investigar as possibilidades explicativas de tal acontecido em um homem que, durante mais da metade de sua vida, não apresentara nenhum desequilíbrio comparável a tudo que lhe ocorreu nos anos de surto psicótico.

Lacan, mais tarde em seu seminário sobre as psicoses, ressalta a importância dessa produção freudiana. Frisa que dentre as criações principais de Freud como a *Traumdeutung* (A Interpretação dos Sonhos), a análise do caso Schreber se destaca. Aponta para a genialidade freudiana ao pegar o livro que conta a vida de um paranoico e decifra os delírios ali descritos como se decifram hieróglifos. “Uma decifração champollinesca” (LACAN, 1955-56, p. 19).

Tanto quanto nos estudos a respeito dos significados dos sonhos (1900 - 1901), o texto de 1911 ressalta a estruturação do inconsciente como linguagem, exibindo o deslanche em ordenação desconhecida que ocorre neste sistema e sua característica de se manifestar *a céu aberto*, sem a operação das resistências neuróticas. Nas “Notas Psicanalíticas sobre um Relato Autobiográfico de um Caso de Paranoia”, Freud decifra significantes dispostos numa ordem um tanto quanto desconhecida apresentados na

construção delirante. Desta forma, atribui sentido (possibilidade de interpretação) à mensagem apresentada.

Dos diversos pontos essenciais para todo estudo posterior a Freud a respeito da psicose semeados no caso Schreber – implicações entre a patologia e o modo que se deu a vida relacional infantil com as figuras de autoridade primeiras, desejo homossexual e seus vestígios na psicose, retorno ao narcisismo, a ligação entre a fixação no narcisismo e questões persecutórias, a simbologia utilizada pelo inconsciente, questões ligadas à *verwerfung*, a não diferenciação dos sexos... – destaco em especial dois deles que englobam muitos dos temas citados neste parágrafo.

O primeiro diz respeito à sexualidade, viés fundamental desde o início até esse momento (1911) da construção teórica freudiana. Como mencionado anteriormente, já havia alguns anos que Freud vinha abordando a sexualidade como etiologia dos distúrbios neuróticos. Atualmente, ao se vislumbrar o caminho percorrido na psicanálise freudiana podemos afirmar que, quando se trata da perspectiva psicanalítica, leva-se sempre em relevância a sexualidade pois é simplesmente disto que a psicanálise, no seu âmago, trata, apreendendo o sujeito a partir do sexual.

Freud afirma a impossibilidade de considerar a psicose sem considerar a sexualidade observando a história pregressa e a construção delirante schreberiana. Mesmo quando tratando da paranoia, contexto que não emite nenhuma mensagem explícita a respeito da sexualidade (FREUD, 1911), o conteúdo do caso Schreber apresenta especialmente desejos homossexuais que Freud descobre subjacentes a constituição paranoica. O caso confirma a influência marcante do sexual, manifesta na fala do próprio sujeito que mencionava distúrbios nervosos e, ao mesmo tempo, emitia lapsos eróticos, como se fossem inseparáveis.

Antes de sua enfermidade, o *Senatspräsident* Schreber fora homem de moral estrita: ‘Poucas pessoas’, declara ele, e não vejo razão para duvidar de sua assertiva, ‘podem ter sido criadas segundo os estritos princípios morais em que fui, e poucas pessoas, durante toda a sua vida, podem ter exercido (especialmente em assuntos sexuais) uma autocoibição que se conformasse tão estritamente a esses princípios, como posso dizer de mim mesmo que exerci’ (281.) Após o severo combate espiritual, do qual os fenômenos de sua moléstia foram os sinais exteriores, sua atitude para com o lado erótico da vida se alterou. Chegara a perceber que o cultivo da voluptuosidade lhe incumbia como um dever e que somente pelo cumprimento desse dever é que poderia terminar o grave conflito que irrompera dentro dele - ou, como pensava, a seu respeito. A voluptuosidade, assim as vozes lhe asseguravam, havia-se tornado ‘temente a Deus’, e só lhe restava lamentar que não se pudesse dedicar a seu cultivo durante todo o dia (FREUD, 1911, p. 40 e 41).

É diante do desejo homossexual que se dá a irrupção da psicose de Schreber, e também é devido às transformações imaginárias relacionadas ao sexual – a transformação em mulher – que se faz possível a reestruturação do sujeito e a reassunção do contato com a realidade.

Localiza-se também na construção delirante de Schreber o “estado de beatitude”, uma espécie de além-vida. Este estado apresenta uma elaboração complexa criada pelo sujeito sobre a distinção entre o feminino e o masculino, sendo o primeiro qualificado como inferior ao segundo no que dizia respeito à voluptuosidade, além de assinalar, em outros pontos do texto, uma surpreendente sexualização desse estado, afinal era nele que Deus demandava a presença de em Schreber e sua emissão de raios divinos incidia sobre essa condição, para que pudesse gozar dele.

Este “estado de beatitude” ainda apresentava indícios de uma relação inconsciente presente no delírio de Schreber entre a morte e a sexualidade, questão destacada por Freud ao analisar o significado da palavra *selig*, provável derivação do conceito de “estado de beatitude celestial” de Schreber. Tal palavra possui tanto o significado de “falecido” tanto quanto de “sensualmente feliz”.

A demarcação do conteúdo homossexual neste texto aparece quando Freud o elabora tratando da paranoia e seus indícios narcísicos. Retoma a explicação dada nos Três ensaios sobre a teoria da sexualidade (1905) sobre a possibilidade da ocorrência de fixação e, conseqüentemente, um ponto disposicional, em qualquer um dos estádios do desenvolvimento da psicosexualidade. Segue exemplificando, a partir da fixação, como isso aconteceria com o estágio do narcisismo, suas conseqüências para os destinos libidinais e analisa a possibilidade dessa hipótese justificar a dinâmica paranoica, proposição evidenciada nos paranoicos devido ao modo como ocorre o manejo libidinal nesses sujeitos.

As pessoas que não se libertaram completamente do estágio de narcisismo - que, equivale a dizer, têm nesse ponto uma fixação que pode operar como disposição para uma enfermidade posterior - acham-se expostas ao perigo de que alguma vaga de libido excepcionalmente intensa, não encontrando outro escoadouro, possa conduzir a uma sexualização de seus instintos sociais e desfazer assim as sublimações que haviam alcançado no curso de seu desenvolvimento. Este resultado pode ser produzido por qualquer coisa que faça a libido fluir regressivamente (isto é, que causa uma ‘regressão’): quer, por um lado, a libido se torne colateralmente reforçada, devido a algum desapontamento com uma mulher, ou seja diretamente represada devido a um infortúnio nas relações sociais com outros homens, ambos os casos sendo exemplos de ‘frustração’; quer, por outro lado, haja uma intensificação geral da libido, de maneira que ela se torne poderosa demais para encontrar um escoadouro ao longo dos canais que já lhe estão abertos, e, conseqüentemente, irrompa por suas margens no ponto mais fraco. Visto

nossas análises demonstrarem que os paranoicos *se esforçam por proteger-se contra esse tipo de sexualização de suas catexias sociais instintuais*, somos levados a supor que o ponto fraco em seu desenvolvimento deve ser procurado em algum lugar entre os estádios de auto-erotismo, narcisismo e homossexualismo, e que sua disposição à enfermidade (que talvez seja suscetível de definição mais precisa) deve estar localizada nessa região (FREUD, 1911, p. 58 e 59, grifo do autor).

O autor localiza no delírio paranoico schreberiano, sinais de defesa contra impulsos homossexuais e esclarece que a origem disto estaria ligada a uma fixação na etapa narcísica.

Sendo assim, as proposições freudianas a respeito da etiologia das psicopatologias se situar no campo do sexual, adotando como referência o modelo de produção da neurose, são estendidas. É identificada nas questões do sexual uma imbricada relação com a psicose, inclusive inclinando as investigações sobre a psicose às formulações edípicas, ponto crucial da sexualidade infantil, e às vicissitudes do desenvolvimento e economia libidinal.

O segundo ponto que é enfatizado no presente texto a respeito do caso Schreber (FREUD, 1911) consagra o fenômeno psicótico – uma construção delirante paranoica –, destacando a teorização que tenta elaborar mais sobre sua formação, causa e função.

No decorrer do relato feito por Freud, é frisado que em momento algum, nem mesmo quando buscou retomar seus direitos civis, Schreber negou seu delírio. É observável o desenvolvimento e o estacionamento da construção delirante quando atinge um patamar onde as questões vividas nesse âmbito não mais se mostram como incompletas e incompreendidas pelo próprio sujeito que as produz, apesar de ela nunca deixar de existir no discurso manifesto de Schreber. Dessa forma, Freud demonstra em seu texto as possibilidades de esclarecimento a respeito da patologia que o delírio carrega, seu potencial estabilizante e a instigante ligação entre os quadros psicóticos, especialmente a paranoia, e a etapa do narcisismo, a qual, à época, estava em processo de elaboração conceitual e funcional.

No texto de 1911, o fenômeno começa a ser discutido a partir de seu desencadeamento e conteúdo. O que haveria feito com que surgisse? E qual conteúdo nele estava expresso?

Como mencionado anteriormente, Freud localizara no delírio schreberiano evidências que indicavam conteúdo homossexual. Esse desejo, direcionado ao médico Flechsig, à primeira vista, quando escapa do controle da repressão faz com que ecloda a segunda doença e surge então o quadro paranoico do paciente.

Os sonhos e a fantasia [anteriores ao segundo adoecimento] são comunicados por Schreber em sucessão imediata; e, se também reunirmos o tema geral de ambos, poderemos inferir que, ao mesmo tempo em que rememorava a doença, uma recordação de seu médico foi-lhe despertada na mente, e que a atitude feminina que assumiu na fantasia foi, desde o início, dirigida para o médico. Ou pode ser que o fato de o sonho de sua enfermidade haver retornado simplesmente expressasse algum anseio tal como ‘Quisera poder ver Flechsig novamente!’ A ignorância do conteúdo mental da primeira doença barra nosso caminho nessa direção. Talvez ela houvesse deixado no paciente um sentimento de dependência afetiva do médico, o qual havia agora, por alguma razão desconhecida, aumentado até chegar ao grau de intensidade de um desejo erótico (FREUD, 1911, p. 51 e 52).

A fantasia feminina defrontou-se com um repúdio indignado de Schreber, que Freud, no texto de 1911 descreve com a expressão de Adler, dando-a outro sentido – protesto masculino. Porém, na aguda psicose que irrompeu em seguida, a fantasia feminina vence todas as dificuldades. Tais indícios fornecem subsídios para que Freud pudesse concluir que a causa ativadora da doença de Schreber tivesse sido uma manifestação de libido homossexual, e o objeto desta libido haveria sido, provavelmente, desde o início, o médico, Flechsig. As lutas do paciente contra o impulso libidinal produziram o conflito que originou os fenômenos.

Entretanto, estas afirmações fizeram emergir dúvidas sobre o motivo do desejo homossexual ter se apresentado exatamente com o seu inverso, afinal Schreber proferia conteúdo acusatório e difamador direcionado ao médico; o que explicaria escolher como alvo Flechsig especificamente; e ainda por que o deslocamento desses sentimentos para a figura de Deus e do sol.

Freud afirma que se tratava de uma reprodução, afirmando que nada menos do que figuras masculinas da história infantil do sujeito estavam representadas na figura do médico e posteriormente na figura de Deus, do sol e dos deuses superior e inferior, fato que podia ter iniciado devido a uma relação transferencial estabelecida entre médico e paciente na ocasião do tratamento da primeira patologia. Sendo assim, as questões eróticas eram reativações daquelas vividas em etapas infantis em relação ao complexo paterno.

Quanto ao desejo homossexual ser representado em forma de delírio de perseguição, Freud comenta questões ligadas à resistência e adaptação da repressão. Logo que o conteúdo original veio à tona, o fenômeno paranoico atuou como forma de segunda tentativa de conter o conteúdo inconsciente, afinal a repressão primeira não tinha sido suficiente. Sendo assim o que era uma fantasia sensual assume a forma de delírio de perseguição, criando o fenômeno psicótico. Seria uma válvula de escape ainda

mais alternativa, afinal os desejos de cunho homossexual que deveriam lá na história pregressa do sujeito ter tomado a direção da sublimação, por alguma razão são reativados e novamente se manifestam, tendo assim de achar uma nova forma de ser administrados.

Uma resistência intensa a esta fantasia surgiu por parte da personalidade de Schreber, e a luta defensiva que se seguiu, e que talvez pudesse ter assumido alguma outra forma, tomou, por razões que nos são desconhecidas, a forma de delírio de perseguição. A pessoa por que agora ansiava tornou-se seu perseguidor, e a essência da fantasia de desejo tornou-se a essência da perseguição (FREUD, 1911, p. 56).

Quando atinge esse ponto de desenvolvimento de suas análises, Freud se depara com um impasse. Indaga-se sobre qual haveria sido o motivo de produção daquele tipo de fenômeno, afinal não havia nada de exclusivo da paranoia nas questões do complexo paterno, todo conteúdo que havia sido encontrado no delírio schreberiano não se diferenciava de um possível conteúdo neurótico. Conclui que o problema havia sido o mecanismo de reação ao conteúdo reprimido, e não especificamente o conteúdo em si.

O caráter distintivo da paranoia (ou da dementia paranoides) deve se procurar alhures, a saber, na forma específica assumida pelos sintomas; e esperamos descobrir que esta é determinada, não pela natureza dos próprios complexos, mas pelo mecanismo mediante o qual os sintomas são formados ou a repressão é ocasionada. Tenderíamos a dizer que caracteristicamente paranoico na doença foi o fato de o paciente, para repelir uma fantasia de desejo homossexual, ter reagido precisamente com delírios de perseguição desta espécie (FREUD, 1911, p. 67).

A respeito do mecanismo de formação dos fenômenos que culminaram na construção delirante – que pode ser resumida como uma crença de Schreber no fato de que tinha a missão de redimir o mundo e restituir o seu estado de beatitude, o que só se realizaria através de sua transformação em mulher e servidão como instrumento de gozo de Deus –, Freud reitera a hipótese da projeção como mecanismo paranoico (1894), mas corrige certos aspectos dessas afirmações anteriores.

O conteúdo da projeção, no caso da paranoia, não seria simplesmente projetado para o exterior, mas se comporta como *algo internamente abolido e que retorna desde fora*.

Freud destaca que a característica mais notável da formação de fenômenos na paranoia se dá por um processo denominado projeção. “Uma percepção interna é suprimida e, ao invés, seu conteúdo, após sofrer certo tipo de deformação, ingressa na consciência sob a forma de percepção externa. Nos delírios de perseguição, a deformação consiste numa transformação do afeto” (FREUD, 1911, p. 73).

Na paranoia o amor é percebido como ódio, entretanto a constante atuação da repressão não permite que esse conteúdo inconsciente seja conhecido dessa forma, então os sentimentos pessoais de amor transmutados para ódio passam a ser percebidos como vindos de fora, desta forma acontece a projeção. “*Ele me odeia* (persegue), o que me desculpará por odiá-lo.” E, assim, o sentimento inconsciente compulsivo surge como se fosse a consequência de uma percepção externa” (FREUD, 1911, p. 71, grifo do autor).

É válido ressaltar que Freud deixa em aberto pormenores relacionados à projeção na paranoia, pois ela não exerce a mesma função em todos os tipos de construções paranoicas, e ainda relembra que ela não aparece apenas nas paranoias e/ou psicoses, mas em outras diversas condições psicológicas.

No que concerne à questão da formação sintomática paranoica, o mecanismo de projeção e a forma como o fenômeno se constitui está ainda imbricado com algo que este texto de 1911 tem de fundamental – postulações a respeito de componentes narcísicos na formação do sujeito. Freud retoma um tema formulado no seu texto “Três Ensaios sobre a Teoria da Sexualidade” (1905). Relembra que existe uma etapa denominada narcisismo, que se situa entre o autoerotismo e o amor objetal. Neste momento, o sujeito em desenvolvimento reúne seus instintos sexuais a fim de conseguir um objeto amoroso, iniciando um abandono à priorização do autoerotismo. Toma primeiramente seu próprio corpo como objeto amoroso e só então passa para uma escolha que não se trata de si mesmo, mas um objeto outro. Este objeto tende a ser alguém do mesmo sexo, e posteriormente esse direcionamento evolui (com desenrolar do complexo edípico) para um sujeito de outro sexo.

A referência a esse trabalho é devida à formulação de que, caso haja alguma fixação na etapa narcísica, esta pode servir de disposição para uma enfermidade posterior, vindo então a reativar de algum modo esse ponto que ficou marcado de modo especial na história psíquica do sujeito. Freud une as pistas fornecidas por seus estudos a respeito de uma frequente incidência de desejos homossexuais e o modo como o paranoico lida com a catexia libidinal objetal e localiza no narcisismo a possível origem do fenômeno paranoico.

O mencionado processo de repressão, dividido em três fases (FREUD, 1911) – fixação, repressão e irrupção – apresenta em sua terceira etapa o processo de irrupção do reprimido, que impulsionado pela fixação, faz com que aconteça uma regressão libidinal, suscitando novamente a etapa narcísica, no caso da paranoia.

Essa catexia libidinal retorna para o Eu, causando um desligamento do sujeito em relação ao mundo a sua volta. Da mesma maneira que projeta o amor transformado em ódio, projeta também essa retirada de investimento libidinal, fazendo com que tudo a sua volta deixe de parecer interessante, refletindo a crise interna que decorre desta regressão ao narcisismo.

Que emprego se faz da libido após ela ter sido liberada pelo processo de desligamento? Uma pessoa normal começará imediatamente a procurar um substituto para a ligação perdida e, até que esse substituto seja encontrado, a libido liberada será mantida em suspenso dentro da mente, e aí dará origem a tensões e alterará o seu humor. Na histeria, a libido liberada transforma-se em inervações somáticas ou em ansiedade. Na paranoia, porém, a evidência clínica vai demonstrar que a libido, após ter sido retirada do objeto, é utilizada de modo especial. Recordar-se-á [ver em [1]] que a maioria dos casos de paranoia exhibe traços de megalomania, e que a megalomania pode, por si mesma, constituir uma paranoia. Disto pode-se concluir que, na paranoia, a libido liberada vincula-se ao ego e é utilizada para o engrandecimento deste. Faz-se assim um retorno ao estágio do narcisismo (que reconhecemos como estágio do desenvolvimento da libido), no qual o único objeto sexual de uma pessoa é seu próprio ego. Com base nesta evidência clínica, podemos supor que os paranoicos trouxeram consigo uma *fixação no estágio do narcisismo*, e podemos asseverar que a extensão do *retrocesso do homossexualismo sublimado para o narcisismo* constitui medida da quantidade de regressão característica da paranoia. (FREUD, 1911, p. 79, grifos do autor).

O mundo parece acabar para o paranoico, mas também devido ao mecanismo de funcionamento do fenômeno esse mundo é reconstruído. Essa reconstrução se dá através do delírio. A formação delirante se apresenta não mais como o produto patológico, mas como uma tentativa de restabelecimento.

Este processo de repressão e desligamento da libido se faz de maneira silenciosa, de modo com que não seja notado, sendo possível inferir sua existência apenas devido aos acontecimentos que se seguem. Tais eventos subsequentes, estes sim, se apresentam evidentes. É efetuado um processo de reconstrução da realidade e da personalidade do sujeito, ao menos de forma parcial (FREUD, 1911). A libido retirada retorna para as pessoas e as coisas do mundo devido à projeção e o desenvolvimento da construção delirante.

A investigação do processo de formação do fenômeno psicótico publicada em 1911 serviu de fundamento para um grande avanço na teoria da libido. Freud, devido às assertivas elaboradas a respeito do mecanismo paranoico, conseguiu vislumbrar como certos pontos se estendem, se encontrando na constituição do sujeito e de sua percepção do mundo ao seu redor.

Por fim, não posso concluir o presente trabalho - que, mais uma vez, constitui apenas fragmento de um todo maior - sem prenciar as duas teses principais

no sentido de cujo estabelecimento a teoria da libido das neuroses e das psicoses está avançando: a saber, que as neuroses surgem, principalmente, de um conflito entre o ego e o instinto sexual, e que as formas que elas assumem guardam a marca do curso do desenvolvimento seguido pela libido - e pelo ego. (FREUD, 1911, p. 86).

Lacan (1955-56) enfatiza que com a análise das memórias de Schreber, Freud se deparou com algo singular e extremamente parecido com sua teoria da libido, entretanto não se pôs maravilhado pois todo o desenvolvimento trabalhado no texto de 1911 tende a mostrar no delírio schreberiano uma aproximação entre a estrutura de troca interindividual e a da economia intrapsíquica que já fazia parte de suas investigações.

Em 1914, aplica as conclusões que emergiram do caso Schreber a um novo trabalho, utiliza de sua teorização a respeito do estado patológico psicótico e da libido discutidas no texto de 1911 para corroborar com afirmações sobre o desenvolvimento sexual normal e sua relação com o narcisismo, se aprofunda ainda em problemas da relação entre o ego e os objetos externos e introduz um conceito crucial – o ideal de Eu, que mais tarde é enunciado como o Supereu (1923).

O hiato cronológico entre essas duas publicações é conhecidamente conturbado na história do movimento psicanalítico, especialmente no que diz respeito a divergências ideológicas entre Freud, Adler e Jung (e membros da escola de Zurique). O penúltimo e o último ocupavam cargos de presidência da comunidade psicanalítica em Viena e Zurique respectivamente quando as controvérsias emergiram. A esta época os dois discípulos começaram a sugerir que a psicanálise estava de alguma forma hipnotizada pela sexualidade, esquecendo que o Eu também pode ser fonte de traumatismo psíquico. Para Adler a prova do potencial patogênico do Eu estava localizada no complexo de inferioridade, já para Jung as psicopatologias, em especial as psicoses delirantes crônicas indicavam que as questões sexuais eram secundárias diante dos complexos de um Eu grandioso, reivindicante e sensitivo (COSTA, 1988).

Elia (1992) comenta os reflexos desta polêmica nas correntes da psicologia até os dias atuais, evidenciando o quanto os preceitos psicanalíticos originais se distanciam do que Adler e Jung deram forma em suas teorias dissidentes:

Podemos assim perfilar as diferentes escolas psicológicas, respectivamente: o behaviorismo, o gestaltismo, a epistemologia genética de Piaget, a psicologia analítica de Jung, as teorias de Reich e a psicologia social experimental. Algumas correntes ditas psicanalíticas, e efetivamente abrigadas no campo do instituído da psicanálise, de forma devida ou indevida, como é o caso da psicologia do Ego [...], também poderiam perfilar-se entre as escolas psicológicas. Mais modernamente, têm-se procurado fazer do conceito freudiano de narcisismo mais um pretexto para fazer recair o pensamento de Freud no campo dos saberes sobre o indivíduo psicofísico – legitimamente

denominado psicologia: trata-se da psicologia do Self. Nesse rol, o que precisamente não cabe é a psicanálise, tal como Freud a concebeu, e não vemos como permanecer no campo da psicanálise se a pensarmos fora dos principais eixos estabelecidos por aquele que a criou. Ora, o principal desses eixos é a sexualidade. [...] podemos situar aquilo que esta noção traz de inaugural e radicalmente irredutível a tudo que procedeu, e o que a torna a mola de arremesso da psicanálise para fora do campo da psicologia (p. 51).

Elia (1992) discorre sobre a discussão a respeito da sexualidade lançada naquele momento do movimento psicanalítico. Introduz a questão demonstrando a diferenciação do conceito do sexual que era compreendido por alguns de seus seguidores de maneira errônea e transmitido de forma mais deturpada ainda. Em especial sobre o conflito com Jung, que tinha como núcleo uma tentativa de desconstrução da ênfase dada ao campo do sexual, intencionando uma produção de um pansexualismo e uma pan-libidinização – a totalização da vida psíquica em torno de uma concepção dessexualizada da libido. Freud se manteve contrário a essa totalização do sexual, independente do sentido ser o proposto por Jung. “O sexual, para Freud, é necessariamente o que não se totaliza, o que não é o todo psíquico, aspecto fundamental que situa a psicanálise nos antípodas dos sistemas especulativos filosóficos, caracterizados pelo totalitarismo” (ELIA, 1992, p. 57).

Obviamente havia questões de ordem da vaidade envolvidas nestes conflitos que se deram quase concomitantemente, como mostra Freud (1914) no relato da história do movimento psicanalítico até aquela data. Todavia, os apontamentos teórico-conceituais são os que merecem maior atenção. O conflito instiga em Freud a necessidade de providências e resposta àquelas divergências, impulsionando uma busca por melhor elaboração de problemáticas relacionadas ao investimento/desinvestimento libidinal e a dinâmica psíquica em relação ao narcisismo, sinalizadas na análise das memórias de Schreber.

É apresentado então no texto sobre o narcisismo (1914) arguições relativas à libido e as formas de investimento possíveis a ela, descrevendo este processo e remetendo-o a detalhes da formação e dinâmica do Eu.

Elia (1992) define o narcisismo especificamente como a inclusão do eu na teoria da libido, explicando que este não era passível de estar inserido no discurso psicanalítico a não ser pelo viés da teorização da libido, fato formalizado na elaboração do texto de 1914 sobre o narcisismo.

Antes da formulação do conceito de narcisismo tínhamos:

Uma pulsão sexual, sem sujeito, oriunda do inconsciente, a investir objetos (fora do eu-subjetivo, embora pudesse investir no corpo do indivíduo). O eu estava ali, incômoda e inexplicavelmente situado diante de tais investimentos, defendendo-se, reprimindo, produzindo e administrando conflitos, mas não entrava, enquanto instância subjetiva, no circuito pulsional (ELIA, 1992, p. 86).

Freud (1914) inicia com a distinção entre libido do Eu e libido objetal. A existência original apenas da libido do Eu, que investe em si mesmo, posteriormente é transportada para os objetos, de modo que essa libido original nunca se esgota. Por outro lado, a libido objetal pode ser investida e retirada por diversas vezes.

As questões de direcionamento do investimento libidinal contemplam diretamente um viés fundamental – a constituição do Eu. Neste artigo Freud esclarece que o Eu não pode ser inato, é constituído através de uma *nova ação psíquica*, marcando a transição para o narcisismo.

Recorre à descrição de estados psicóticos para melhor explicar sobre a questão do direcionamento da libido. Trata do desvio de interesse do mundo externo que ocorre nas pessoas acometidas por tais estados, comparando novamente à histeria e à neurose obsessiva.

No entendimento de Freud (1914), a falta de interesse pelo mundo externo pode ocorrer nas neuroses, enquanto a doença persiste. Porém, não ocorre um desligamento ou corte com os objetos do mundo real. Os neuróticos os retêm na fantasia, substituindo os objetos imaginários por reais ou misturando-os, renunciando a qualquer iniciativa para obtenção de seus objetivos relacionados aos objetos.

Na psicose o processo seria diferente. A libido afastada dos objetos externos é dirigida para o próprio Eu, dando margem a uma atitude denominada como um retorno ao narcisismo, que já existiu em etapa primitiva na vida do indivíduo, conclusão obtida através da observação da megalomania.

Neste trabalho, Freud alega, como em outros momentos, que não pretende explicar as questões da psicose, mas o que se torna evidente é a inviabilidade de negar as colaborações que quadros desta natureza proporcionam, em especial neste texto no que diz respeito às vicissitudes econômicas.

Ainda sobre os meios de investimento libidinal, a formação do caráter explanada no texto de 1914 evidencia o que há de prévio a todo e qualquer direcionamento da libido objetal, fundamentando os métodos de escolha destes objetos bem como busca

esclarecer o modo de formação das instâncias psíquicas, em especial o Eu. Discussão que recebe elaboração conclusiva em 1923, no texto freudiano nomeado “O ego e o id”.

No trabalho “Sobre o Narcisismo: Uma introdução”, Freud (1914) discorre sobre a formação dessa instância e sobre um conceito denominado *ideal de Eu*.

O Eu é formado, na sua maior parte, partindo de identificações que tomam o lugar de catexias abandonadas pelo Isso, sendo a primeira delas a identificação com as figuras parentais. Esta identificação se comporta como uma instância especial no Eu. Tal como ocorre na melancolia, esses objetos são introjetados. O processo patológico descrito na melancolia foi descoberto como semelhante às fases mais primitivas do desenvolvimento humano.

Alcançamos sucesso em explicar o penoso distúrbio da melancolia supondo [naqueles que sofrem] que um objeto que fora perdido foi instalado novamente dentro do ego, isto é, que uma catexia do objeto foi substituída por uma identificação. Nessa ocasião, contudo, não apreciamos a significação plena desse processo e não sabíamos quão comum e típico ele é. Desde então, viemos a saber que esse tipo de substituição tem grande parte na determinação da forma tomada pelo ego, e efetua uma contribuição essencial no sentido da construção do que é chamado de seu ‘caráter’. A princípio, na fase oral primitiva do indivíduo, a catexia do objeto e a identificação, são, sem dúvida, indistinguíveis uma da outra. Só podemos supor que, posteriormente, as catexias do objeto procedem do id, o qual sente as tendências eróticas como necessidades. O ego, que inicialmente ainda é fraco, dá-se conta das catexias do objeto, e sujeita-se a elas ou tenta desviá-las pelo processo de repressão (FREUD, 1923, p. 41 e 42).

Tal processo existente na formação do Eu, entretanto, não se trata exatamente de uma catexia objetal, mas de uma identificação direta e imediata que se efetua primitivamente, anterior a qualquer catexia. Aquela *nova ação psíquica* necessária para a formação do Eu mencionada anteriormente corresponde exatamente ao processo de identificação.

Elia (1992) assinala do que trata essa ação psíquica inovadora. Menciona a ilusão da individualidade que carrega o narcisismo, que antes de qualquer coisa é a marca do oposto. É justamente no processo de formação do Eu no qual o narcisismo se faz essencial que a marca da dependência da alteridade afirma sua presença. “[...] a imagem do semelhante é a fonte da imagem de si” (ELIA, 1992, p. 58).

No texto de 1914, Freud define o Eu como sua imagem investida libidinalmente. A libido não tem mais a função de conservar a vida, mas a de produzir reconhecimento, uma identificação.

Essa temática se estende por diversos textos freudianos, obviamente por se tratar de um assunto crucial para a construção de conceitos como as instâncias psíquicas e todos os processos delas oriundos.

Em “Psicologia de Grupo e Análise do Ego” (1921) a identificação é definida como a mais remota expressão de um laço emocional com um outro (objeto), remetendo os leitores ao complexo edípico, bem como ressaltando o caráter ambivalente que a identificação carrega.

A identificação, na verdade, é ambivalente desde o início; pode tornar-se expressão de ternura com tanta facilidade quanto um desejo de afastamento de alguém. Comporta-se como um derivado da primeira fase da organização da libido, da fase *oral*, em que o objeto que prezamos e pelo qual ansiamos é assimilado pela ingestão, sendo dessa maneira aniquilado como tal (FREUD, 1921, p. 115, grifo do autor).

Além dessas duas características – primeiro laço emocional e ambivalência –, a identificação pode ser definida como sucedânea para uma vinculação libidinal de objeto por meio de uma espécie de introjeção desse objeto no Eu, passível de surgir a partir de qualquer percepção nova de uma qualidade comum partilhada com outra pessoa que não recebe investimento sexual, fazendo surgir a possibilidade de identificações parciais.

Em 1923, no texto sobre o Eu e o Isso, Freud menciona uma identificação nomeada como primária, que emana reflexos por todas as próximas identificações parciais. Porém esta identificação primária não pode ser tomada como resultado de uma catexia objetual, é de natureza direta e imediata e se efetua anteriormente a qualquer catexia de objeto, direcionada às figuras parentais.

França Neto (2005) chama a atenção para um primeiro complicador das questões relacionadas à identificação e a formação do Eu. Ele indica que quando Freud descreve a identificação primária como da maneira mencionada no parágrafo anterior há uma proposta impossível aos olhos de uma lógica clássica, se trata de afirmar que ocorre simultaneamente neste momento da existência do sujeito o *ter/ser*. *Ter* no que diz respeito ao investimento de objeto – desejar ter um objeto –, e o *ser* corresponde à identificação com o objeto. Esta proposta recebe a carga dessa mensagem controversa ainda mais por no texto anteriormente citado de 1921 e no trabalho a respeito da dissolução do Édipo de 1924, ter sido feita a distinção do *ser/ter*, desfazendo o sentido de coexistência.

A identificação primária, ao constituir-se como marca fundadora, inscreve-se, ao mesmo tempo, como um único elemento e dois elementos diferentes. Ela carrega em si o seu oposto, que é a instauração, no próprio seio, de uma

diferença irreduzível consigo mesma. Este é um dos primeiros impasses desse difícil conceito (FRANÇA NETO, 2005, p. 3).

É em impasses como esse que residem as peculiaridades pouco simplistas do conceito de identificação e sua implicação na constituição do Eu elaborado por Freud. Outro componente desse grupo se trata da problemática colocada por França Neto (2005) como dentro/fora. Aqui se encontra a possibilidade do Eu se constituir como instância interna e concomitantemente ser tomado como objeto, fato instituído devido à identificação, que toma um objeto externo como referência, surgindo assim uma representação interna desse objeto no Isso, porém essa representação recebe investimento libidinal e passa a ser tratada como um objeto externo. Sendo o Eu constituído de identificações, esse paradoxo se apresenta em relação à sua conceituação.

O eu, enquanto identificação, é, ao mesmo tempo, sujeito (investe representações) e objeto (é investido pulsionalmente, inclusive por si próprio). Embora se tratando de uma diferenciação do isso e, portanto, não deixando de ter com ele algum tipo de continuidade (dentro), o eu é visto pelo isso como objeto (fora) (FRANÇA NETO, 2005, p. 3 e 4).

Esse acontecimento corresponderia também ao modo de formação do Ideal de Eu, que sendo parte do Eu, diferencia-se e adota um comportamento especial, observando e criticando o Eu a partir de identificações com elementos primários do contato com a alteridade.

França Neto (2005) observa que esse caráter necessariamente paradoxal da identificação, demonstra sua complexidade comparando-a a uma hiância impossível de tamponar relacionada à gênese do sujeito – o que Lacan nomeia como algo que *faz buraco*.

Nós nos constituímos a partir da separação de uma unidade originária (mãe-filho), e, após esse momento, tal unidade tornar-se-á algo sempre buscado, mas necessariamente jamais alcançável. Essa impossibilidade de reencontrar a completude é estabelecida justamente pela ambiguidade da operação que nos constitui como sujeito. As ferramentas de que dispomos para a tarefa de retorno ao Todo — a identificação e seus avatares — têm algo de paradoxal no seu processar (FRANÇA NETO, 2005, p. 5 e 6).

Jacques Lacan também aborda a identificação, em especial no texto sobre o estádio do espelho (1949). Refere-se ao nascimento de uma nova instância psíquica, onde a alteridade cria o Eu, o Outro dá origem a um novo sujeito.

Basta conhecer o estádio do espelho *como uma identificação* no sentido pleno que a análise dá a este termo: a saber, a transformação produzida no sujeito quando assume uma imagem, cuja predestinação a este efeito de fase está suficientemente indicada pelo uso, na teoria, do termo antigo de *imago* (LACAN, 1949/1998, p. 97, grifos do autor).

Sobre essa imagem e sobre a construção do Eu, Lacan (1949/1998) menciona que a função do estádio do espelho se dá como um caso particular da função da *imago*, um estabelecimento de relação do organismo com sua realidade, ou do *Innenwelt* (algo no sentido de “mundo interno”) com o *Umwelt* (meio, meio ambiente, contexto em que se vive). Trata-se de uma dialética temporal que projeta na história a formação do sujeito.

Lacan (1949/1998) infere o papel da identificação – aqui de modo primevo, como um reconhecimento de limites físicos em outro corpo, fato este investido de toda a carga inconsciente que tal processo carrega – quando menciona em seu texto o modo como os bebês se portam na frente de um espelho, comparando e exemplificando a constituição do Eu do homem e da existência de um protótipo desse processo em diversos animais.

Considerando o mesmo intervalo de tempo de vida entre o filhote do homem e o filhote do primata, há uma superação pelo segundo sobre o primeiro em termos de inteligência instrumental, ainda que nesse momento, o filhote do homem já reconheça a própria imagem no espelho. A argumentação concentra na discrepância entre as habilidades motoras do filhote do homem, diante da possibilidade de visualizar uma imagem e reconhecê-la como um referente para si mesmo. Porém, o reconhecimento da imagem no espelho acompanha a impossibilidade do filhote do homem em verbalizar que tal imagem seja um contorno de si, ou propriamente anunciar que tal forma seja um *EU*. Sendo assim, como de fato, assegurar que tal operação psíquica está em vigência em tempos tão precoces? É através das expressões corporais do filhote do homem diante do espelho e dos primeiros balbucios que Lacan supõe a evidência de inscrição psíquica (BONI JÚNIOR, 2010, p. 86).

No bebê, o autor nomeia esse espelhamento numa outra figura como uma duplicação, que lentamente é constitutiva de um novo sujeito pelas vias da imagem.

Essa imagem especular constitui uma *imago* do próprio corpo, os limites que imaginariamente contém o sujeito.

O *estádio do espelho* é um drama cujo impulso interno precipita-se da insuficiência para a antecipação – e que fabrica para o sujeito, apanhado no engodo da identificação espacial, as fantasias que se sucedem desde uma imagem despedaçada do corpo até uma forma de sua totalidade que chamaremos de ortopédica – e para a armadura enfim assumida de uma identidade alienante. Que marcará com sua estrutura rígida todo o seu desenvolvimento mental. Assim, o rompimento do círculo do *Innenwelt* para o *Umwelt* gera a quadratura inesgotável dos arrolamentos do *eu* (LACAN, 1949/1998, p. 100, grifos do autor).

Lacan frisa que a necessidade da existência do estádio do espelho na constituição do Eu indica uma relação do homem alterada com a natureza, afinal é apenas através de tal processo que é possível entrar em contato com a realidade externa,

sendo o ser humano desprovido dessa capacidade depois do nascimento pois se trata de um ser prematuro, despreparado para o mundo.

Na dissertação de Boni Júnior (2010) que possui como objeto de estudo os meandros da elaboração do texto sobre o estádio do espelho de 1949, o autor lança luz sobre a complexidade que o processo especular tem na constituição do Eu, enfatizando que apenas através do reconhecimento da imagem que é possível a primeira inscrição psíquica representativa a respeito do Eu do sujeito.

O autor comenta que Lacan promove uma abertura em seu texto que converge, em primeiro lugar, para o fato de um corpo humano neotênico, o que implica numa perspectiva que transcende a objetivação do desenvolvimento visto apenas de forma filogenética. Em seguida Lacan demonstra que essa realidade corpórea nos quesitos de maturação ou de contingência libidinal está intimamente dependente das atividades mentais, porém não se limita às teorias cognitivas do desenvolvimento humano, mas é contemplada em um modelo sobre os efeitos da imagem na constituição subjetiva e organização do corpo.

Trata-se de uma concepção da exterioridade do sujeito que influi de maneira direta na organização interna, sua imagem especular – a alteridade com a qual se depara quando vislumbra outra figura humana – é nada menos que um esboço imaturo do que o sujeito há de se tornar no futuro.

Dá-se um passo em direção à fundação simbólica tomando o que é o outro para si, como material constitutivo e única via de se conhecer interna e exteriormente. É o início da possibilidade de concepção do Eu.

A assunção jubilatória de sua imagem especular por esse ser ainda mergulhado na impotência motora e na dependência da amamentação que é o filhote do homem nesse estágio de *infans* parecer-nos-á pois manifestar, numa situação exemplar, a matriz simbólica em que o [eu] se precipita numa forma primordial, antes de se objetivar na dialética da identificação com o outro e antes que a linguagem lhe restitua, no universal, sua função de sujeito.

Essa forma, aliás, mais deveria ser designada como [eu]-*ideal*², se quiséssemos reintroduzi-la num registro conhecido, no sentido em que ela será também a origem das identificações secundárias, cujas funções reconhecemos pela expressão funções de normalização libidinal. Mas o ponto importante é que essa forma situa a instância do *eu*, desde antes de sua determinação social, numa linha de ficção, irreduzível para o indivíduo isolado – ou melhor, que só se unirá assintoticamente ao devir do sujeito, qualquer que seja o sucesso das sínteses dialéticas pelas quais ele tenha que resolver, na condição de [eu] sua discordância de sua própria realidade (LACAN, 1949/1998, p. 97 e 98 grifos do autor).

Sendo assim, o que Lacan sustenta em 1949 com o seu “O estádio do Espelho como Formador da Função do Eu” é a existência da necessidade de uma ação psíquica que forneça condições para o desenvolvimento físico e motor que são naturais da espécie humana (BONI JÚNIOR, 2010).

Lacan, sobre a efetividade do estádio do espelho, afirma que no momento em que ele se dá por concluído é tempo de inauguração da identificação da imago do semelhante e do drama do ciúme primordial, fatores estes que liga o Eu a situações socialmente elaboradas.

A respeito desse ciúme primordial e dessas identificações que se seguem e também se dão por constitutivas na ocasião da formação do sujeito, Lacan se reporta à problemática edípica.

É esse momento que decisivamente faz todo o saber humano bascular para a mediatização pelo desejo do outro, constituir seus objetos numa equivalência abstrata pela concorrência de outrem, e que faz do [eu] esse aparelho para o qual qualquer impulso dos instintos será um perigo, ainda que corresponda a uma maturação natural – passando desde então a própria normalização dessa maturação a depender, no homem, de uma intermediação cultural, tal como se vê, no que tange ao objeto sexual, no complexo de Édipo (LACAN, 1949/1998, p. 101 e 102).

Precursor de Lacan, Freud também vislumbra a explicação sobre a formação do caráter e das demais instâncias psíquicas no complexo de Édipo, o qual deve ser tomado em perspectivas diferentes para o menino e para a menina.

A respeito do Édipo masculino, o autor (FREUD, 1924) explica que, num primeiro momento, o menino desenvolve uma catexia objetual pela mãe, decorrente do amamentar e do seio materno, inferência ao investimento libidinal na boca como zona erógena no despertar do processo edipiano. Nessa etapa há pouca ou nenhuma interferência do pai, trata-se de relação dual mãe-bebê. Lentamente, o pai começa a aparecer na dinâmica relacional, apresentando-se como um terceiro, mas sem que a criança consiga visualizar claramente sua função na tríade.

O menino dá início então a uma identificação com o pai. Esses dois relacionamentos por um tempo andam lado a lado, porém, quando os desejos do menino em relação à mãe se tornam mais intensos, tal como as tentativas de demonstrar e efetuar a satisfação desses desejos e ao passo que o investimento libidinal se desloca, primeiro para a mucosa anal e depois para os genitais, o pai passa a ser percebido como um obstáculo. É indiretamente, através das repreensões da mãe às manifestações

masturbatórias do menino, usando uma referência à figura paterna que surge a inscrição deste incomodo.

Essas repreensões são denominadas ameaças de castração, que obviamente têm sentido figurado mas que faz surgir um temor na criança, especialmente depois que avista, em alguma situação, o órgão sexual feminino e constata a existência de um ser sem pênis – que, no imaginário infantil, muito provavelmente foi resultado da concretização da ameaça como punição.

A relação com o pai se torna hostil e ambivalente, originando o conflito edípico, pois este, mesmo por via da mãe, se impõe no caminho da satisfação do desejo do menino. Nesta etapa do complexo, a criança se vê sem maiores opções além das seguintes: ou insiste no seu desejo e se expõe à iminência de ser castigado ou renuncia e conserva seu órgão genital.

Ao optar pela renúncia, o menino tem de lidar com os sentimentos em relação àquilo que se inseriu e interfere seus planos desejosos em relação à mãe.

As catexias de objeto são abandonadas e substituídas por identificações. A autoridade do pai ou dos pais é introjetada no ego e aí forma o núcleo do superego, que assume a severidade do pai e perpetua a proibição deste contra o incesto, defendendo assim o ego do retorno da catexia libidinal. As tendências libidinais pertencentes ao complexo de Édipo são em parte dessexualizadas e sublimadas (coisa que provavelmente acontece com toda transformação em uma identificação) e em parte são inibidas em seu objetivo e transformadas em impulsos de afeição. Todo o processo, por um lado, preservou o órgão genital - afastou o perigo de sua perda - e, por outro, paralisou-o - removeu sua função. Esse processo introduz o período de latência, que agora interrompe o desenvolvimento sexual da criança (FREUD, 1924, p. 196).

Com a resolução do complexo de Édipo, a catexia objetual investida na mãe é abandonada, surge então uma identificação com a mãe e uma intensificação da identificação com o pai, o que permite que a relação com a mãe seja mantida, mesmo de forma alternativa ao desejado, e constituindo finalmente o que havia tido suas fundações erguidas na etapa narcísica – o Supereu.

A construção da repressão se dá nesse processo, quando os pais são percebidos como obstáculo à realização dos desejos edípicos. Desta maneira, o Eu infantil fortifica-se para a execução da repressão erguendo esse mesmo obstáculo dentro de si próprio. Para realizar esse feito, toma emprestada a “força do pai”, assim surge um Supereu ou Ideal de Eu repleto de características dessa primeira figura que instaura um impedimento. Identifica-se, introjeta essa figura como algo a ser atingido, um modelo a ser seguido. (FREUD, 1923).

[...] E aqui temos essa natureza mais alta, neste ideal de ego ou superego, o representante de nossas relações com nossas relações com nossos pais. Quando éramos criancinhas, conhecemos essas naturezas mais elevadas, admiramo-las e tememo-las, e, posteriormente, colocamo-las em nós mesmos (FREUD, 1923, p. 48).

O Supereu representa o mundo interno do sujeito, e o Eu, representante do mundo externo. Devido ao seu modo de formação, o Supereu se relaciona com a herança arcaica de cada indivíduo, aquilo que não só os pais, mas a sociedade e suas normas e leis, o que na história da existência da humanidade foi construído como permitido e proibido, conteúdo que os pais repassam quando atuam na situação edípica. O pai não é a lei, mas é o portador, é quem representa a lei.

O Supereu tem então uma relação direta com o isso e ao mesmo tempo se trata do que há de mais elevado no ser humano, tudo que o diferencia dos outros animais (FREUD, 1923).

Mais além, esse processo em que ocorre a experiência imaginária do medo da castração, que se estabelece no inconsciente como experiência simbólica após sua elaboração, se trata da primeira vez que a criança reconhece, com angústia, a diferença anatômica entre os sexos. Antes desse momento, a criança vive numa ilusão de onipotência, acreditando que todos são iguais a ela fisicamente. A partir da experiência da castração, o sujeito passa a ter que aceitar que o universo seja composto de homens e mulheres e que seu corpo, assim como a busca desejante do que falta, tem limites (FREUD, 1923).

Quanto ao Édipo feminino, o próprio Freud enfatiza a complexidade da tarefa de discorrer sobre esta etapa e, por extensão, sobre a sexualidade feminina. “Nesse ponto material [o Édipo feminino], por alguma razão incompreensível, torna-se muito mais obscuro e cheio de lacunas” (FREUD, 1924, p. 197).

Freud afirma que as mulheres também desenvolvem tal complexo, bem como um Supereu. Ainda se faz correto atribuir o caráter fálico à organização genital feminina e mencionar a castração, porém não se dão de maneira igual ao modo que ocorre nos meninos.

Inicialmente, os investimentos também são dirigidos à mãe, passando, da mesma maneira que o menino, por etapas de deslocamento erógeno da libido.

Quando o investimento libidinal passa a ocorrer por vias genitais, a menina toma seu clitóris como um pênis. Porém, quando se depara com a visão do corpo de outras

crianças ou com a de um pênis de um adulto percebe que há alguma disparidade. Consola-se inicialmente com a ideia de que o seu um dia há de crescer, ainda que internamente já tenha se deparado com um sentimento de inferioridade.

O primeiro passo na fase fálica iniciada dessa maneira não é a vinculação da masturbação às catexias objetais do complexo de Édipo, mas uma momentosa descoberta que as meninas estão destinadas a fazer. Elas notam o pênis do irmão ou companheiro de brinquedo, notavelmente visível e de grandes proporções, e imediatamente o identificam com o correspondente superior de seu próprio órgão pequeno e imperceptível; dessa ocasião em diante caem vítimas da inveja do pênis (FREUD, 1925, p. 280).

A menina, entretanto, não compreende a falta de pênis como de caráter sexual, relaciona-a as ameaças de castração, concebendo-se como já castrada. No momento que vê o órgão do menino não nega o fato, sua decisão é tomada instantaneamente: “Ela o viu, sabe que não o tem e quer tê-lo” (FREUD, 1925, p. 281).

Entende as mulheres adultas não como iguais, mas como portadoras de completos aparelhos sexuais – os masculinos. “Dá-se assim a diferença essencial de que a menina aceita a castração como um fato consumado, ao passo que o menino teme a possibilidade de sua ocorrência” (FREUD, 1924, p. 198).

Porém, se o temor da castração é posto abaixo na menina, surge a interrogação a respeito da instauração da instância do Supereu, diretamente relacionada à castração, tal como as escolhas objetais que são espelhadas nas identificações dessa etapa da organização sexual do sujeito.

Nas meninas, o complexo de Édipo levanta um problema a mais que nos meninos. Em ambos os casos, a mãe é o objeto original, e não constitui causa de surpresa que os meninos retenham esse objeto no complexo de Édipo. Como ocorre, então, que as meninas o abandonem e, ao invés, tomem o pai como objeto? Perseguindo essa questão pode chegar a algumas conclusões capazes de lançar luz exatamente sobre a pré-história da relação edípica nas meninas (FREUD, 1925, p. 280).

A castração dada por essa via distinta na menina pode ter consequências múltiplas como um complexo de masculinidade que pode se ramificar até idade tardia, impedindo a mulher de ocupar a posição feminina; constituir-se um processo de rejeição da ideia da castração, fato comum para o imaginário infantil mas que se levado para a vida adulta pode sinalizar uma formação estrutural psicótica; pode culminar numa inveja do pênis que não consegue ser totalmente absorvida por meio da formação reativa, desenvolvendo um sentimento de inferioridade intenso que pode explicar a falta de pênis como uma punição; ou ainda, depois de compreender o caráter universal sexual

em relação ao órgão masculino passa a partilhar do mesmo sentimento de desprezo por um sexo inferior – o feminino –, insistindo em ser como um homem.

Além destas possíveis consequências há implicações da inveja do pênis na relação afetiva entre mãe e filha, sendo a primeira responsabilizada pela insuficiência da segunda; reflexos no modo como a criança do sexo feminino se enciuma de uma possível chegada de outra criança mais nova, fantasiando seu espancamento; e finalmente a influência que esse sentimento de inveja e inferioridade exerce no decréscimo da atividade masturbatória afinal não pode competir com os meninos e seus aparatos diferentes, podendo abandonar a atividade masturbatória de cunho masculino e tendendo para o desenvolvimento da feminilidade.

Todavia, todas essas possibilidades que o fenômeno da castração feminina carrega até aqui em nada contempla diretamente a questão edípica.

Freud (1925) afirma que depois de deparar-se com sua constituição castrada, geralmente a menina desloca seu desejo de ter um pênis para o desejo de ter um bebê, e para obter sucesso nesta na sua nova finalidade toma o pai como objeto de amor e a mãe como objeto de ciúme, dando a impressão de esta etapa acontecer quando a criança já teve uma espécie de despertar para a realidade anatômica de seu sexo e, hipotetiza, de alguma forma, a dupla homem-mulher na concepção de um bebê.

Esse investimento no pai pode ceder lugar a uma identificação, mas deixando próximo à superfície o complexo edípico e a possibilidade de uma fixação e um retorno a ele e/ou complexo de inferioridade.

Conclui-se, para Freud, que a castração tem um papel completamente diferente para o complexo edípico feminino. Se no sujeito do sexo masculino ela efetiva a saída do Édipo, na menina “As operações do complexo de castração o precedem e preparam” (FREUD, 1925. p. 285). Sendo assim, Freud nomeia o processo edípico feminino de formação secundária.

Dois fatores a serem considerados sempre que tratamos do Édipo em Freud são, o primeiro, a elucidação da descrição de este processo não se dar de forma única ou regrada como descrito na teoria e, o segundo, de ordem da manutenção do sentido psicanalítico da terminologia utilizada para a contemplação do complexo de Édipo.

Freud, no texto de 1925 intitulado “Algumas Consequências Psíquicas da Distinção Anatômica Entre os Sexos” alerta os leitores da dificuldade de apreensão do complexo edípico tanto no menino quanto na menina pois a possibilidade descritiva feita por ele e aqui reproduzida parcialmente trata de uma sequência sem acidentes e

consideração maior das atitudes ativas e passivas que se implicam no processo para os dois gêneros, que podem gerar inimagináveis resultados na formação da estrutura do sujeito.

E ainda, Toda a formulação do complexo de Édipo e da castração deve ser atrelada à concepção de sexualidade no sentido psicanalítico do termo – diferente do viés genital psicofísico da psicologia e da biologia –, pois apenas assim se faz possível a apreensão do termo falo e sua relação coma significação do órgão sexual masculino, de sua função no processo edípico e a certeza de que a descoberta freudiana não se trata de uma concepção distorcida da humanidade e de um mundo que prioriza os sujeitos do sexo masculino, atravessado por preconceitos ideológicos.

Elia (1992) afirma que o sujeito da psicanálise registra no inconsciente apenas a representação de uma das genitálias, no caso, o masculino – pênis – e mantém o outro, o feminino inexistente neste plano. Mas argumenta, fundamentado em preceitos lacanianos:

Se é do pênis “ímpar” que se trata, não estamos diante do pênis do homem, em sua configuração carnal ou imaginária, mas do falo, que é bem outra coisa, em sua alusão precisamente a falta-do-pênis na mulher. Pênis faltoso, o falo introduz a dimensão simbólica da castração, assinando a incompletude do sujeito em relação ao sexo, de forma estrutural, indefectível, inexorável, e inscrevendo definitivamente a ordem do sexual no registro da parcialidade. É portanto a sua representação e inscrição de modo ímpar na sexualidade infantil que dá a medida da radical diferença conceitual entre falo e pênis [...] (ELIA, 1992, p. 63).

Para teoria de Lacan, o complexo de Édipo tal como Freud o descreve é um norte essencial. É a respeito do Édipo que Lacan elabora o que é nomeado de função paterna.

Na conclusão do estágio do espelho, Lacan identifica a inauguração da dialética que interliga o Eu às situações socialmente elaboradas através da identificação com a imagem do semelhante e do drama do ciúme primordial.

Na teoria lacaniana, o estágio do espelho não se resume propriamente a uma faceta edípica, mas o processo que ocorre nesta etapa da formação do sujeito inaugura a possibilidade que se concretiza no complexo de Édipo, a do reconhecimento do mundo externo ao sujeito e do estabelecimento de contato com esse mundo através da linguagem, e de uma possível ressignificação do encontro com a alteridade, dessa vez margeada pela norma que a figura paterna transmite como mensagem.

Sendo assim, o complexo edípico para Lacan pode ser descrito em três tempos, três momentos das diferentes relações do sujeito em formação com o Outro e com a castração.

O pai, neste processo, não condiz exatamente com a presença física, mas corresponde a algo que exerce função na ordenação simbólica, composta pelos elementos da dupla significante e significado – no inconsciente ordenam-se de forma que o significante funcione sempre como primordial perante o significado, pois o primeiro promulga a existência do segundo, constituindo assim o viés inconsciente que habita o homem e é habitado por este, afinal atravessa os limites do sujeito, se constitui num algo além da unidade.

A figura paterna é constituída como simbólica, o pai diz respeito àquele que sedia a lei, que instaura o primeiro significante que dará ordem a uma cadeia e transformará as representações inscritas no inconsciente em uma linguagem que permite a transmissão de mensagens que vão transitar na mesma *sintonia* entre os sujeitos, sintonia essa marcada pela lei do pai, o limite que marca o início, mas que também sinaliza a barra nos sujeitos a impossibilidade de satisfação completa e desordenada da demanda pulsional.

Com efeito, o que autoriza o texto da lei se basta por estar, ele mesmo, no nível do significante. Trata-se do que chamo de Nome-do-Pai, isto é, o pai simbólico. Esse é um termo que subsiste no nível do significante, que, no Outro como sede da lei, representa o Outro. É o significante que dá esteio à lei, que promulga a lei. Esse é o Outro no Outro (LACAN, 1957-58b, p. 152).

Mas como ocorre tal inscrição neste Outro primeiro – neste caso aquele que ocupou o papel de alteridade mencionado no estádio do espelho –, e ainda como pode haver uma lei que limita esse Outro primordial, do que se trata, por que o pai carrega essa lei?

Sobre a figura do pai, Lacan (1957-58b) resgata o mito da horda primitiva enunciado por Freud em 1913 e propõe atentar a esse ponto de partida para conceber o que constitui o valor desse significante paterno.

É precisamente isso que é expresso por esse mito necessário ao pensamento de Freud que é o mito de Édipo. Examinem-no mais de perto. É necessário que ele mesmo forneça a origem da lei sob essa forma mítica. Para que haja alguma coisa que faz com que a lei seja fundada no pai, é preciso haver o assassinato do pai. As das coisas estão estreitamente ligadas – o pai como aquele que promulga a lei é o pai morto, isto é, o símbolo do pai. O pai morto é o Nome-do-Pai, que se constrói aí sobre o conteúdo (LACAN, 1957-58b, p. 152).

Neste sentido, Lacan enfatiza a importância do símbolo da instauração da lei, símbolo esse que se constituiu no momento em que o elemento pai é transformado em significante, introjetado de acordo com o mito e assumido como portador da lei que enuncia a proibição primordial.

[...] o Nome-do-Pai, no que ele funda como tal o fato de existir lei, ou seja, a articulação numa certa ordem do significante – complexo de Édipo, ou lei do Édipo, ou lei da proibição da mãe. *Ele é o significante que significa que, no interior desse significante, o significante existe* (LACAN, 1957-58b, p. 152, grifo meu).

A articulação desejo-Outro elucida sobre a necessidade da intercessão do pai simbólico. Enquanto dupla, sujeito e Outro primordial, o desejo cruza a linha do significante e se depara com o Outro, não como um ser personificado, mas como sede do código – afinal é no reconhecimento da alteridade no estágio do espelho que se funda a primeira possibilidade representativa do sujeito a seu próprio respeito, a constituição do Eu.

Lacan afirma que qualquer possibilidade de satisfação do desejo humano depende da concordância do sistema significante como disposto no código, isto é, no nível do Outro como do código. O desejo e sua possibilidade de satisfação sempre passarão pelo nível do Outro, pois apenas através desse código, inaugurado no Outro – a significação, a fala – se faz a via de escoamento libidinal.

Quando comenta a tirada espirituosa, tema ao qual Lacan se dedica no seu quinto seminário, demonstra a expansão do Outro no nível de sede do código, fato importante a ser explorado de maneira mais ampla quando der início a discussão propriamente dita do Édipo a partir da releitura lacaniana. O Outro, não se trata apenas da sede do código, mas intervém como sujeito nesse código, ratifica e elabora a mensagem, não se trata apenas de um lugar como fundamento ou fonte, mas algo que também infere na produção da mensagem.

Desta forma, “[...] ele já está no nível daquele que constitui a lei como tal, uma vez que é capaz de acrescentar esse traço, essa mensagem, como suplementar, isto é, como ela mesma designando o pára-além da mensagem” (LACAN, 1957-58-b, p.156).

Creio lhes haver indicado suficientemente que a dimensão do Outro como lugar do depósito, do tesouro do significante, comporta, para que ele possa exercer plenamente sua função de Outro, que ele tenha também o significante do Outro como Outro. Também o Outro tem, além dele, esse Outro capaz de dar fundamento à lei (LACAN, 1957-58b, p. 162).

A importância do Outro para a entrada no processo edípico é fundamental, afinal é apenas através da assunção da lei pelo Outro que ela pode ser transmitida enquanto

mensagem para o sujeito em formação. Lacan afirma que a relação do corpo despedaçado ao deparar-se com a imagem de um outro, que no estágio do espelho também é Outro, serve de base para o triângulo edipiano. E é desta maneira que se inicia nesse texto um debruçar sobre a construção lacaniana do Édipo freudiano.

O pai ou aquele que possui a função paterna, aquele que carrega a instância da lei e assinala a interdição existente na ordem da cultura, no primeiro momento não tem função primordial na tríade.

Neste início há a mãe e o bebê, que no percurso de reconhecimento de seu corpo inicialmente tido como despedaçado e sem limite, encontra a organização do reconhecimento da alteridade, no caso aquele sujeito que exerce a função materna, o Outro primordial. O desejo da criança é o desejo da mãe. A criança preenche essa carência de maneira ilusória, vivendo a experiência da fase do espelho, na qual ela se identifica com essa imagem modelo que permite ao sujeito adentrar na etapa de constituição do Eu nomeada por Freud como narcisismo.

Mas na relação até então dual, a lei da mãe é onipotente, o bebê é dependente apenas de sua boa ou má vontade, como nos esclarece Quinet (2009). Pensando esse momento a partir da perspectiva do estágio do espelho, é possível afirmar que o Eu com o início de sua formação partindo da imagem especular do outro, se reflete num indivíduo de maturidade neurofisiológica não correspondente à sua.

Essa imagem ideal, formada a partir da do semelhante, será para sempre irredutível e indistinguível, entretanto sempre estranhada e surpreendente.

Mas o ponto importante é que essa forma situa a instância do eu, desde antes de sua determinação social numa linha de ficção, para sempre irredutível para o indivíduo isolado – ou melhor, que só se unirá assintoticamente ao devir do sujeito, qualquer que seja o sucesso das sínteses dialéticas pelas quais ele tenha que resolver, na condição de eu, sua discordância de sua própria realidade (LACAN, 1949/1998, p. 98).

O Eu, constituído pela imagem do outro, nunca está só, possui uma forma especular, trata-se de um ser originalmente paranoico, acompanhado de seu duplo: o Eu-Ideal (QUINET, 2009).

Neste primeiro momento pode-se adotar como exemplo a construção de Freud elaborada no texto “Além do Princípio do Prazer” (1920) quando tem a oportunidade de observar uma criança na primeira infância – diga-se de passagem, seu neto – em ambiente próprio familiar, o que rendeu conclusões de grande valia. O texto visa aprofundar nas questões da pulsão de morte que a compulsão à repetição carrega, mas

concomitantemente colabora de forma fundamental com o vislumbrar do momento primeiro da simbolização.

A experiência *fort-da*, descrita por Freud (1920) apresenta um menino de pouco mais de um ano que desenvolve uma interessante brincadeira com um carretel, o atira para longe e em seguida recolhe o objeto. Observando a situação mais atentamente, percebe-se que o menino emite um som parecido com a palavra *fort* (correspondente a algo que foi embora, que está longe, em português) quando atirava o objeto e quando puxava de volta balbuciava um outro vocábulo: *da* (correspondente em nosso idioma ao significado de regresso).

A interpretação dada à brincadeira contém a definição de que se trata da reprodução do aparecimento e desaparecimento da mãe. Logo, quando a criança consegue traduzir o desaparecimento e o retorno da mãe em vocábulos, expressa a possibilidade de simbolização daquela situação.

Ao passo que a criança se diferencia da mãe no processo de construção de seu Eu, se depara com esse Outro que não está, diferente de como concebia anteriormente, sob seu controle e alcance a todo tempo. Esse Outro que vai e volta instiga na criança a interrogação do motivo desse movimento, que se traduz na simbolização desta angústia primeva da existência do sujeito.

É a mãe que vai e que vem. É por eu ser um serzinho já tomado pelo simbólico, e por haver aprendido a simbolizar, que podem dizer que ela vai e que ela vem. Em outras palavras, eu a sinto ou não sinto, o mundo varia com sua chegada e pode desaparecer (LACAN, 1957-58b, 181).

É através dessa simbolização que a criança sai da dependência afetiva do desejo materno, da pura e simples vivência dessa dependência e algo se institui, sendo assim subjetivada num nível primário. Tal subjetivação trata da instauração da mãe como aquele ser que pode ou não estar presente. “Não se trata da simples apetência das atenções, do contato ou da presença da mãe, mas da apetência de seu desejo” (LACAN, 1957-58b, p. 188).

A partir de então que se constitui o desejo da criança, fica por vir todas as complicações que o mundo simbólico carrega. Na medida em que seu desejo é o desejo do desejo da mãe, é inaugurada, uma nova dimensão.

O músico Francisco Buarque de Holanda consegue reproduzir de forma impar a ideia desenvolvida por Freud a respeito desse momento da instauração da primeira forma de simbolização vivenciado pelo pequeno sujeito na música “Você, você – Uma

canção edipiana” (1997). Do mesmo lugar do qual Freud observou seu neto, o cantor e compositor se instiga com as atitudes de seu neto em relação à mãe (filha do artista).

Seu beijo nos meus olhos, seus pés que o chão sequer não tocam. A seda a roçar no quarto escuro e a réstia sob a porta. Onde é que você some? Que horas você volta?

Quem é essa voz? Que assombração seu corpo carrega? Terá um capuz? Será o ladrão? Que horas você chega?

Esse trecho da composição de Chico e Guinga, apresentada em material público em 1998 no álbum intitulado “As Cidades” serve de amostra do que esta obra trata e como se presta a retratar exatamente o que se passa no momento da simbolização desse Outro primeiro. Mais ainda, a música ainda remete ao segundo tempo do processo edipiano descrito por Lacan: a entrada da figura paterna.

Neste momento seguinte do Édipo o pai exerce intervenção nessa dinâmica descrita anteriormente, sendo inserido através do discurso materno e sendo percebido sutilmente pelo sujeito em formação. A mãe, nos seus atos, começa a inserir uma terceira instância, a qual a criança toma como o desejo – ainda indecifrável – da mãe.

Quando essa terceira instância se apresenta interroga na criança qual a natureza desse objeto desconhecido que se apresenta como desejo, o lugar do que a criança imaginava ocupar.

A pergunta é: qual é o significado? O que quer essa mulher aí? Eu bem que gostaria que fosse a mim que ela quer, mas está muito claro que não é só a mim que ela quer. Há outra coisa que mexe com ela – é o *x*, o significado. E o significado das idas e vindas da mãe é o falo (LACAN, 1957-58b, p.181).

A mãe que até então ocupava o lugar do Outro é, na realidade um Outro barrado pela instauração paterna da privação de seu desejo – o falo. Impõe-se aqui a elaboração da existência do Outro do Outro, a lei está para todos, inclusive para a mãe desejante.

Esta etapa da inscrição da lei no campo do Outro primordial remete a um ponto considerado por Lacan como nodal na problemática edípica.

É o momento em que a mãe, privada emite essa mensagem para a criança que tem de captar tal ideia de símbolo. Trata-se do momento em que a primeira simbolização, a que se situa na saída do estágio do espelho e no adentrar do processo do *Fort-da*, deve ser substituída por uma nova significação portadora da mensagem da lei, do limite.

Trata-se aqui do nível da privação. Nesse nível, o pai priva alguém daquilo que, afinal de contas, ele não tem, isto é, de algo que só tem existência na medida em que se faz com que surja na existência como símbolo.

Está bastante claro que o pai não castra a mãe de uma coisa que ela não tem. Para que fique postulado que ela não o tem, é preciso que isso de que se trata já esteja projetado no plano simbólico como símbolo. Mas há de fato uma privação, uma vez que toda privação real exige simbolização. Assim, é no plano da privação da mãe que, nem dado momento da evolução do Édipo, coloca-se para o sujeito a questão de aceitar, de registrar, de simbolizar, ele mesmo de dar valor de significação a essa privação da qual a mãe revela-se o objeto. Essa privação, o sujeito infantil a assume ou não, aceita ou recusa. Esse ponto é essencial. Vocês o encontrarão em todas as encruzilhadas, a cada vez que sua experiência os levar a um certo ponto que agora tentamos definir como nodal no Édipo (LACAN, 1957-58b, p. 191).

Este momento nodal é assim considerado por Lacan (1957-58b) pois, mesmo sendo anterior ao ponto crucial que é o do declínio edípico, é aqui que o pai manifesta sua função de privador da mãe. Está por trás da relação estabelecida entre a mãe e seu objeto de desejo o pai castrador. Desta forma, o que é castrado não é, na verdade, o sujeito, mas a mãe.

Lacan sinaliza para esse momento específico pois, apesar de não conter nada de muito novo, é nele que se situa a diferenciação da constituição do sujeito. Caso a criança não ultrapasse esse ponto crucial, ou seja, não aceite a privação do falo efetuada na mãe pelo pai, é mantido em pauta uma certa forma de identificação com o objeto da mãe, que desde a origem é apresentado como um objeto-rival, tal correlação variará e se fundamentará em qualquer que seja a estrutura. Trata-se de um ponto referencial que se pode agrupar em torno os elementos das observações de modo particular em cada caso. Deve-se perguntar qual a configuração especial da relação mãe-pai-falo que faz com que a criança não aceite a privação materna, pelo pai, do objeto do seu desejo; ou ainda em que medida se dá a identificação da criança com o falo. Os graus diferenciadores desse modo de identificação corresponderão às diferenças estruturais de cada sujeito. “Nesse nível, a questão que se coloca é *ser ou não ser, to be or not to be* o falo. No plano imaginário, trata-se para o sujeito, de ser ou não ser o falo” (LACAN, 1957-58b, p.192, grifos do autor).

É na medida em que o objeto do desejo da mãe é proibido pela instância paterna que o círculo não se fecha completamente em torno da criança e não a mantém presa na primeira etapa que já institui certa simbolização. Caso assim fosse ela se tornaria, pura e simplesmente, objeto de desejo da mãe – se manteria na interrogação do ser ou não ser – um assujeito como nomeia Lacan, um sujeito assujeitado ao desejo do Outro.

O processo poderia ser interrompido na primeira etapa, dado que a relação da criança com a mãe comporta uma triplicidade implícita, uma vez que não é a mãe que ela deseja, mas seu desejo. Essa já é uma relação simbólica, que permite ao sujeito o fechamento de um primeiro circuito do desejo de desejo

e um primeiro sucesso – a descoberta do objeto do desejo da mãe. Não obstante, tudo é questionado pela proibição paterna, que deixa a criança em suspenso quanto a seu balizamento do desejo do desejo da mãe (LACAN, 1957-58b, p. 210).

O filho se depara com o dilema de não saber se deve ou não ser o falo, afinal, a mãe permitiu a entrada do pai na a relação anteriormente descrita. Há algo no desejo da mãe além do filho. O pai tem sua palavra valorizada pelo intermédio da mãe, pela permissão da mãe para uma intervenção, por isso a palavra desse pai é efetiva sobre a criança. Exerce a castração, pondo diante da criança uma nova opção: ter ou não ter o falo.

No terceiro e último momento do Édipo segundo Lacan, finalmente a criança se vê em uma situação em que está sendo ameaçada, ou pelo menos se sente assim com a interferência paterna que ressoa como um *corte*, então abandona o objeto de desejo inicial e preserva o direito, dado pelo pai de passar ao momento ter ou não ter o falo, atuando aqui a identificação que fundará o Ideal de Eu do sujeito.

Assume-se ter o falo, ao invés de permanecer na dúvida de ser (imaginariamente) e manter-se na dupla criança-mãe. No terceiro tempo o pai finalmente aparece como real e potente, sem necessitar mais do intermédio materno, caso a mensagem da segunda etapa tenha sido bem aceita. Intervindo como aquele que possui o falo – um varão –, que o pai é internalizado no sujeito como o Ideal do eu, e a partir de então o complexo de Édipo declina (LACAN, 1957-58b).

Vale ressaltar a observação lacaniana, que vai de acordo com as postulações de Freud a respeito do Édipo, sobre a diferença da ocorrência edípica na menina.

Também lhes saliento que o desfecho do complexo de Édipo, como todos sabem, é diferente na mulher. Para ela, com efeito, essa terceira etapa, como sublinha Freud – leiam seu artigo sobre o declínio do Édipo –, é muito mais simples. Ela não tem de fazer essa identificação nem guardar esse título de direito a virilidade. Ela, a mulher, sabe onde ele está, sabe onde deve ir buscá-lo, o que é do lado do pai, e vai em direção àquele que o tem. Isso também indica porque uma feminilidade, uma feminilidade verdadeira, tem sempre o toque de uma dimensão de *álibi*. Nas verdadeiras mulheres há sempre algo meio extraviado (LACAN, 1957-58b, p. 202).

A menina, ao contrário do menino, localiza o desejo da mãe e ao invés de angustiar-se pelo estatuto da castração instituído pela condição materna, se dirige para aquele que é o detentor do que a mãe deseja.

Esse pai aqui referido, segundo Lacan, trata da instância do Nome-do-Pai. Constitui uma metáfora do símbolo paterno detentor da lei e não figura do pai real. A

função do pai, o Nome-do-Pai, é de constituir um obstáculo entre o filho e a mãe, de portar a lei por direito. Nos fatos sua intervenção se dá de outro modo – “Às vezes o dizemos, mas isso nunca é proferido pelo pai, digamos, como legislador *ex cathedra*” (LACAN, 1957-58b, p. 194, grifo do autor).

No quinto livro de seus seminários (1957-58b), Lacan se preocupa com distinção da figura real do pai e da função paterna, fazendo questão de deixar clara a diferença entre elas. Explica que o pai ambiental é diferente do simbólico, sua presença ou sua ausência não influirá na instauração e resolução do complexo edípico.

Do mesmo modo pede cautela no que se refere à concepção de pai normal e normativo e de sua posição familiar e de seu papel normatizador. Enfatiza que as posições não se confundem, e a inexistência ou distorção de uma não altera, via de regra, a outra. As condições para uma não instauração do símbolo paterno são outras.

[...] confundem-se duas coisas que estão relacionadas, mas que não se confundem – o pai como normativo e o pai como normal. O pai pode, é claro, ser muito desnormatizador, medida em que ele mesmo não seja normal, mas isso é rejeitar a questão para o nível da estrutura – neurótica, psicótica – do pai. Logo, a normalidade do pai é uma questão, e a de sua posição normal na família é outro.

Terceiro ponto que proponho: a questão de sua posição na família não se confunde com uma definição exata de seu papel normatizador. Falar de sua carência na família não é falar de sua carência no complexo, é preciso introduzir uma outra dimensão que não a dimensão realista, definida pelo modo caracterológico, biográfico ou outro de sua presença na família (LACAN, 1957-58b, p. 174).

O autor exclama: “O que lhes trago hoje, justamente, dá um pouco mais de exatidão à ideia de pai simbólico. É isto: o pai é uma metáfora” (LACAN, 1957-58b, p.180).

A metáfora a qual se refere é o fato de que o pai – o Nome-do-Pai – trata da substituição de um significante por outro.

Sobre a relação do pai com a mãe, o que realmente vem a fazer diferença não é o modo como ela o trata ou quais afazeres ele e ela dividem na vida a dois mas o que a mãe faz com a *palavra* do pai, da valoração de sua mensagem.

Lacan apresenta em seu seminário sobre as psicoses (1955-56) um desfecho alternativo para a questão edipiana, ou tal como também podemos nomeá-la, da inserção do Nome-do-Pai e da ressignificação do acesso ao simbólico por via da metáfora.

Retoma um trecho freudiano já mencionado neste trabalho e faz uma leitura peculiar:

[...] no que é inconsciente, tudo não é somente recalcado, isto é, desconhecido pelo sujeito após ter sido verbalizado, mas que é preciso

admitir, atrás do processo de verbalização, uma *Bejahung* primordial, uma admissão no sentido simbólico, que pode ela própria faltar.

Esse ponto é corroborado por outros textos, e especialmente por uma passagem tão explícita quanto possível, onde Freud admite um fenômeno de exclusão para o qual o termo *Verwerfung* parece válido, e que se distingue da *Verneinung*, a qual se produz em uma etapa muito ulterior. Pode acontecer que um sujeito recuse o acesso, ao seu mundo simbólico, de alguma coisa que no entanto ele experimentou e que não é outra coisa naquela circunstância senão a ameaça de castração. Toda a continuação do desenvolvimento do sujeito mostra que ele nada quer saber disso, Freud o diz textualmente *no sentido do recalado*.

O que cai sob o golpe do recalque retorna, pois o recalque e o retorno do recalado são apenas o direito e o avesso de uma mesma coisa. O recalado está sempre aí, e ele se exprime de maneira perfeitamente articulada nos sintomas e numa multidão de outros fenômenos. Em compensação, o que cai sob o golpe da *Verwerfung* tem uma sorte completamente diferente. (LACAN, 1955-56, p.21 e 22, grifos do autor).

Lacan está tratando neste trecho do que denomina a *forclusão do Nome-do-Pai*. Trata-se do acontecimento da recusa, do *não saber nada da coisa*, mesmo quando da ordem do recalado.

Tal conceito foi cunhado no decorrer de um processo de exploração conceitual realizado por Lacan e Jean Hyppolite. Termos e conceitos como o da negação, escotomização e denegação são percorridos até que diante do texto freudiano a respeito do Homem dos Lobos (História de Uma Neurose Infantil, de 1918) culmina-se a formulação de um correspondente para o termo *verwerfung*: a forclusão. A partir da explanação a respeito da recusa identificada por Freud nos fenômenos apresentados no caso do Homem dos Lobos, contata-se um correspondente mais fiel ao que decorre na psicose, uma rejeição total do acesso ao mundo simbólico e ao seu significante primordial.

Neste texto, uma alucinação tida pelo menino é tomada como exemplo da rejeição da castração e do seu retorno vindo do real. A criança vê seu dedo mínimo cortado profundamente, só seguro por um pedaço de pele, porém, logo em seguida constata a inexistência do ferimento.

O episódio da alucinação do caso ‘homem dos lobos’ é o paradigma para se pensar na ausência do recalamento. Lacan utiliza-se da famosa frase freudiana ‘ele não querará saber nada disso no sentido do recalque’ como expressão da exclusão do simbólico como aquilo que subsiste fora de qualquer simbolização (VILELA, 2001, p. 41).

A representação intolerável do medo da castração que surge na situação edípica e sua relação com a psicose é proveniente do temor da castração do Outro, a da mãe, e não de si mesmo, ou seja, a percepção do Outro barrado. É do ponto nodal referido por

Lacan é citado anteriormente neste trabalho que se deve reportar. É da manifestação do pai através da palavra da mãe, sinalizando a castração que a forclusão trata.

“É esse o Nome-do-Pai, e, como vêem, ele é, no interior do Outro, um significante essencial, em torno do qual procurei centrá-los no que acontece na psicose – a saber, que o sujeito tem de suprir a falta desse significante que é o Nome-do-Pai” (LACAN, 1957-58b, p. 153).

Jacques Lacan, em seu texto “De uma questão preliminar a todo tratamento possível da psicose” (1957-58a) nos “Escritos” (1998), resgata a questão levantada por Freud que compara o mecanismo da psicose com mecanismos neuróticos. Lacan ao propor o conceito de *forclusão do Nome-do-Pai*, que é mais abrangente e radical, enfatiza não se trata apenas de uma abolição, *mas de um fracasso total da metáfora paterna*.

A partir da teoria lacaniana, a forclusão do Nome-do-Pai – considerando que o Nome-do-Pai é a função paterna tal como é internalizada e assumida pela própria criança, é qualquer expressão simbólica produzida pela mãe ou pelo filho que represente a instância de um terceiro, a instância paterna, da lei da proibição do incesto – é a chave para a compreensão da psicose, e de seus fenômenos da linguagem, na teoria psicanalítica.

É da experiência da vida adulta permeada pelo imperativo do contato social de um mundo neurótico nos quais estão inseridos esses sujeitos forcluídos, estruturados psiquicamente de maneira alternativa, que trata esse trabalho. Lança um olhar especialmente sobre as vivências (ou falta) do amor e da sexualidade, considerando os fenômenos linguageiros aos quais estão passíveis de produção, questões de simbolização, relação objetal, assujeitamento e demais implicações que a estruturação psicótica do sujeito pode apresentar, intencionando fazer confluir teoria e realidade dos sujeitos, exposta através de seu discurso na clínica.

Sobre o Amor e a Sexualidade na Psicose

1. ANTONIETA

Antonieta⁷ tem cerca de 40 anos, é funcionária pública, possui graduação, mora sozinha, é solteira e sem filhos. Nos primeiros momentos do período de atendimento, Antonieta relatou sobre sua vida profissional, sobre sua família e deu ênfase a dois fatores que se repetiram durante os encontros dos dez meses seguintes – relações amorosas e feminilidade.

Antonieta tem uma vida social ativa. Com as amigas gosta das saídas noturnas e adora dançar. Costumava frequentar em um dia da semana específico um bar que oferecia programação musical que a interessava. Uma vez por semana ela se reunia com amigos e conhecia também novas pessoas que frequentavam o bar pela mesma motivação. Entre esses amigos, Antonieta conheceu um homem muito interessante, segundo suas palavras, chamado aqui de Luís.

Ela e Luís conversavam muito e ela se sentia compreendida, fascinada e acolhida por aquele homem educado, inteligente, ponderado e, ao mesmo tempo, galanteador. Antonieta se envolveu com Luís e chamava a relação existente entre eles de “rolo” – que tinha muito de paquera e pouquíssimos fatos concretos, de aproximação física. Como ela dizia, já havia acontecido um ou outro beijo - e uns “amassos”, mas eram fatos isolados. Tratava-se de uma “amizade colorida”, com direito a tudo que uma paixão desse tipo pode prover: desejo, admiração, sintonia entre as partes, muitas expectativas e fantasias.

Mas essa história não poderia ir muito além desse “rolo” quase platônico. Na primeira vez que Antonieta relatou o caso amoroso logo informou – *Tenho um paquera, um rolo, uma pessoa que gosto muito... Ai, mas ele é casado!* Além do estado civil de Luís, Antonieta sabia também que ele tinha filhos e que não tinha intenção de se separar, entretanto nenhum desses fatos a impediam de ter sentimento tão interessante que a fazia sorrir e enrubescer como uma adolescente enamorada. Era um prazer que ela se permitia e que a satisfazia de alguma forma. Sempre fazia questão de enfatizar, pra mim e principalmente para si mesma, que nada daquilo iria muito longe, ela sabia de todas as condições de Luís, porém aproveitar tal sentimento e aquele momento semanal de flerte a fazia se sentir realizada, desejada e feliz mesmo que por algumas horas.

⁷ Todos os nomes aqui utilizados nesse trabalho são fictícios objetivando-se a preservação da identidade dos sujeitos sobre os quais os casos clínicos tratam bem como as pessoas de seu convívio mencionadas nas narrativas.

Gostava tanto do momento que sempre que se aproximava tal dia, ela corria para o salão de beleza, fazia as unhas e se necessário também retocava a tintura do cabelo. Gastava algumas horas da véspera pensando também a respeito da roupa e maquiagem que iria usar pra seduzir mais um pouco seu amigo.

Na verdade, os rituais de beleza não se restringiam a véspera dos encontros amorosos, faziam parte da rotina de Antonieta. Sempre gostava de estar bem arrumada, perfumada, com roupas bonitas, maquiada, de unhas feitas, cabelos pintados e penteados... Cuidados esses que eram evidentes toda vez que vinha para o atendimento, facilmente observáveis por todos da equipe CAPS. Costumavam se referir a ela como “aquela paciente que anda sempre chique e maquiada”.

Sentia-se um pouco atrapalhada pela medicação no que concernia a cuidar de sua saúde e beleza. Tinha muito sono, não tinha tempo para exercitar-se afinal dormia cedo e acordava poucas horas antes de ir trabalhar. Ainda tinha que lidar com a probabilidade de ganho de peso, efeito colateral de seu tratamento medicamentoso o qual sua médica havia explicado ser possível, fato que rápido tornou-se realidade.

Medicar-se e consultar a psiquiatra eram tópicos fora dos assuntos de sua vida social, desta forma às vezes, além da problemática gerada para a vaidade, precisava ocultar esses dois componentes de sua rotina que interferiam diretamente, resultando numa tarefa deveras difícil em alguns momentos, tornando-os problemas para sua vida social e profissional também.

Assim, é possível traçar uma linha de convergência entre quatro vicissitudes então mencionadas: tratamento psiquiátrico (implícito na questão medicamentosa), vaidade, vida relacional amorosa e vida social.

Os motivos que fazem com que o caso de Antonieta seja escolhido para discussão neste trabalho que tem como tríade temática o amor, a sexualidade e a psicose não correspondem apenas à indicação médica/da equipe para os atendimentos, nem mesmo estão somente relacionados à questão amorosa ou de vaidade e autoestima. Se assim fosse, uma lacuna se faria. O viés que intera as motivações para a escolha deste relato diz respeito a questões estruturais do sujeito em questão.

A paciente aderiu a tratamentos psiquiátricos há mais de 15 anos e é usuária de serviços do CAPS devido a um quadro psicopatológico medicamente diagnosticado como Transtorno Afetivo Bipolar.

Campos (2008) tece considerações acerca do Transtorno Afetivo Bipolar utilizando de uma perspectiva analítica, inspirado pelo trabalho do Núcleo de Psicose do

Instituto de Psicanálise e Saúde Mental de Minas Gerais, destacando os inúmeros casos nos quais os fatores subjetivos servem para deflagrar crises, bem como assinala a “[...] íntima relação com a demanda e com o desejo do sujeito” (CAMPOS, 2008, p. 4) que essas variações patológicas de estado de ânimo possuem. Frisa ainda a recorrente desconsideração médica dos fatores subjetivos no desencadeamento e etiologia da doença.

Em consonância com o citado artigo que menciona as questões do desejo e demanda elaborados pela teoria e clínica psicanalítica na etiologia e desencadeamento de tal quadro, considera-se nesta dissertação não ser necessário adentrar as questões diagnósticas psiquiátricas, mas ressalto que o diagnóstico psiquiátrico serviu, inicialmente, como um dos indicativos que culminaram no convite aos atendimentos de cunho psicanalítico.

Adotando então os preceitos da psicanálise como norteadores, alguns traços manifestos da paciente colaboram para uma discussão a respeito de características psicóticas na formação de seu caráter que podem ser tomadas como gênese de fenômenos atuais. Ao mesmo tempo, tais evidências permitem apontar atravessamentos da questão psicótica nos mais diversos vieses da vida da paciente.

Durante os atendimentos, Antonieta não mencionou detalhes do início da manifestação sintomática, falou apenas o período que esta começou e, repete sempre que pode que ainda não se acostumou, parece algo que não pertence a ela, afinal viveu mais de 20 anos de sua vida sem qualquer indicação de algum problema tido como de ordem psíquica e agora tudo está diferente, mais difícil, transparecendo a intensidade do sofrimento que acarreta ter que adaptar-se as manifestações sintomáticas e administrar sua vida com essa intromissão sempre inesperada.

Relatou, e também pude testemunhar momentos que nomeia surtos, nos quais perde progressivamente controle de seus atos, que passam a ser impulsivos, desmedidos, impensados, às vezes não rememorados completamente e causadores de grande vergonha quando Antonieta recobra o controle de si. Costumam durar dias e até semanas, sendo que a remissão sintomática se dá devido a tratamento farmacológico e internação em hospital geral da cidade.

Antonieta passou por três surtos durante os dez meses de atendimento (os quais esse relato descreve) e tinha recebido alta de uma internação havia dois meses quando demos início aos atendimentos. Alguns exemplos dessa perda progressiva de controle podem ser descritos em três ocasiões.

A primeira delas foi antes do primeiro surto dos que ocorreram durante o período de atendimento. Tratava-se de um momento em que a expectativa amorosa em relação a Luís estava em alta, porém se sentiu ameaçada pela presença de uma vizinha do amado que havia ido ao último encontro no bar já mencionado. Essa vizinha deixou o homem aparentemente inseguro, fazendo com que tratasse Antonieta sem a mesma atenção e cortejo de sempre. A vizinha ainda observou Antonieta com olhar de desaprovação e insinuou que não era bom que a esposa de Luís soubesse que ele ia sempre àquele bar conversar com “aquelas pessoas”. Ainda nesse dia, Antonieta tinha passado por momentos difíceis no trabalho e não estava se sentindo bem, tendo ido ao programa de lazer para encontrar com Luís, descontraír e esquecer os problemas profissionais.

No dia seguinte desse episódio desagradável, Antonieta me telefonou e insistiu para que eu a atendesse, mas não pude encontrar um horário que se adaptasse às agendas de nós duas, tendo atendido pacientes durante toda a tarde e ela ainda estava no trabalho do turno da tarde. Disse que marcássemos para um outro dia, o que não satisfiz a inquietude da paciente. Quando estava saindo do CAPS, Antonieta tinha chegado, se aproximou me abordou à porta do meu carro, pedindo que então fôssemos a algum lugar, mas que ela precisava conversar sobre algo a respeito do Luís. Eu disse que não seria o ideal então perguntei ali mesmo do que se tratava. Sua aparência era de urgência, não poderia esperar para falar sobre o que a afligia, era como se naquele momento um sentimento tivesse tomado conta dela de tal forma que não se importava mais se eu poderia ou não ouvi-la. Falou brevemente e pediu minha opinião, se eu achava que Luís poderia evitá-la e a tratar de forma distante como teve de agir quando a sua vizinha estava no bar e queria saber ainda se havia risco da mulher dele ir procurá-la pra tirar satisfações. Devolvi as perguntas, tentando vislumbrar a possibilidade de reflexão da paciente depois do desabafo, a respeito da situação. Ela disse que achava que era possível ser procurada pela esposa e que isso a preocupava muito, mas quanto ao comportamento dele, entendia que Luís só havia agido de tal forma por necessidade, tanto que fez questão de continuar conversando com ela, mesmo que sem a intimidade de sempre.

Falei então que deveríamos conversar mais no dia seguinte, com mais privacidade. Ela parecia momentaneamente mais calma, apesar da expressão de angústia em sua face. Naquele episódio estranhei um pouco sua insistência e o aspecto de quase desespero em sua atitude. Nos dias após a esse ocorrido, seu comportamento continuou

permeado por certa aflição, fato que pude notar ao atendê-la nas semanas posteriores. Em seguida a paciente faltou duas semanas de atendimentos e então fui comunicada pela equipe que ela estava internada. Apenas aí pude inferir alguma relação daquele episódio com um possível início de surto.

No decorrer do restante do período de atendimento tive tal impressão confirmada. Somente em momentos brevemente anteriores aos surtos que Antonieta trazia aquela emergência da fala. Pude perceber, inclusive, que o seu interesse pelos atendimentos aumentavam proporcionalmente a essa necessidade de fala, que era característica da iminência de um episódio maníaco, sendo os momentos de embotamento e os de estabilidade caracterizados por maior dificuldade para a expressão verbal.

Essa urgência pela fala se caracterizava muito mais por um desabafo, quase como verborrêico (porém dado de modo compreensível para o ouvinte), ligeiramente distante da natureza de atribuição de significado e nomeação à angústia sofrida.

Os atendimentos possuíam curta continuidade, e, por vezes, intervalos médios ou longos, que incluíam momentos de internação e resistência para a fala nas primeiras semanas seguintes da alta. Todavia, mesmo com tal inconstância, Antonieta pedia que os atendimentos continuassem.

O segundo episódio que exemplifica no que constituía os momentos de surto foi uma breve ligação às oito da noite que recebi certo dia, pensando que tratava de algum acerto do horário de nossos atendimentos. Antonieta falava com perceptível desespero, dizia estar no hospital e que estava se sentindo muito aflita, queria que eu fosse para o pronto socorro imediatamente. Perguntei se a mãe (sua principal cuidadora) ou alguém da família estava com ela, que respondeu que sim mas ao mesmo tempo estava confusa e agitada, insistindo com veemência que eu fosse ao hospital. Expliquei que, caso ela ficasse internada eu iria atendê-la lá, mas naquele dia à noite seria impossível. Ela insistiu muito, a ponto de se mostrar aborrecida até que nos despedimos e desliguei o telefone. Nesse dia, de acordo com relatos feitos posteriormente, estive com a mãe no pronto socorro devido a um estado de ânimo muito alterado e passou cerca de uma semana internada no hospital geral. Quando retomamos os atendimentos se desculpou pelo ocorrido, dizendo se sentir muito envergonhada.

A terceira ocasião foi descrita pela própria paciente. Relatou que começou a agir de modo inusitado o que culminou no segundo episódio maníaco durante o período de atendimentos. Ela estava angustiada em casa, se sentindo só e ao mesmo tempo muito

atormetada pelas questões amorosas. Então foi para o centro espírita que costumava frequentar, saindo de lá foi a outro culto, de outra religião. Quando deixou o segundo evento religioso, comprou uma planta para presentear uma amiga e foi chegar à casa desta amiga apenas onze horas da noite. Tomou vários táxis e ficou andando de carro pela cidade, não soube explicar a mim se pedia para ficar dando voltas ou se não sabia indicar exatamente o endereço de destino.

No dia seguinte foi em algumas lojas, comprou vários objetos e roupas sem necessidade, fez dívidas que não estavam planejadas no orçamento, realizando uma espécie de peregrinação de compras. À noite pediu à mãe que fossem à missa e lá contou que não vinha se sentindo bem há alguns dias, e então foi levada ao pronto socorro e em seguida ao hospital geral, passando por uma internação de um mês de duração, aproximadamente. Antonieta relata que se lembra dos fatos mas não se sentia no controle de si mesma, parecia que estava apenas assistindo a tudo que fazia, sem conseguir dar um basta nas atitudes desenfreadas e muito menos controlar a angústia misturada com euforia e agitação.

Esses episódios servem de amostra para uma possível inferência de cunho maníaco em suas atitudes e manifestações da linguagem.

Sobre a mania, Freud faz uma análise a respeito do tema no seu artigo “Luto e Melancolia” (1917). Assinala a relação de paridade existente entre as manifestações melancólicas e maníacas. Afirma que a característica mais marcante da melancolia, ao diferenciá-la do processo de luto, é sua tendência em se transformar em mania, um estado marcado por comportamento completamente oposto ao melancólico.

No que concerne à melancolia – instituída no “Rascunho G” (FREUD, 1895a) como o luto pela perda da libido –, Freud (1917) a descreve com características idênticas as do luto normal: Na ocasião da perda de um objeto amado, o fato é acusado pelo teste de realidade, fazendo com que surja a necessidade de retirada do investimento libidinal ligado ao objeto perdido; cria-se uma oposição a essa necessidade de manejo libidinal podendo favorecer o desenvolvimento de um apego excessivo ao objeto perdido, culminando no surgimento de uma psicose alucinatória carregada de desejo e certo desvio da realidade. O respeito pela realidade se mantém parcialmente, fazendo coexistir tal espécie de psicose alucinatória e a execução vagarosa das ordens de desligamento da libido. No decorrer desse processo, cada memória que remete ao objeto é evocada e o desligamento da libido se realiza para todas elas. Quando esse penoso trabalho se conclui, o Eu fica livre da tarefa.

O que se acrescenta à descrição da dinâmica melancólica diz respeito à natureza do objeto. Na melancolia o que se perde é o ideal do objeto amado, o que não se resume necessariamente a sua existência física, mas o representante ideativo inscrito no inconsciente do sujeito. Em certos casos, nem é possível identificar o que constitui o objeto perdido, apenas se sabe da perda pela observação do comportamento melancólico, constituindo o que Freud (1917) descreve como uma perda objetal retirada da consciência.

No quadro sintomatológico da melancolia, surge uma espécie de relação caracterizada pela ambivalência, fato estritamente ligado a introjeção do objeto perdido pelo Eu do sujeito. No melancólico uma parte de seu eu se opõe contra outra, julgando e criticando e a toma como objeto, peculiaridade facilmente apreendida nas mais cruéis autoacusações proferidas. Entretanto, observando cautelosamente, todas as acusações que são feitas contra si mesmo, com ligeiras modificações, são aplicáveis a outro, alguém que o paciente ama ou amou, aquele objeto que recebia (recebe) investimento libidinal implicando a ocorrência de um processo de identificação de parte do Eu do melancólico com o objeto amado. Tal vicissitude é considerada por Freud (1917) a chave deste tipo de caso clínico.

A parcela de representante do objeto que ainda encontra-se ligada à realidade mantém-se intacta, considerada inocente de todo o sofrimento infligido, porém, as características introjetadas pelo eu são alvo das mais severas recriminações, fato que explica o sentimento que beira o orgulho que o melancólico transparece ao se autodegradar.

A gênese do sentimento ambivalente ocorre através introjeção do objeto amado no Eu do sujeito melancólico – causando uma regressão da libido ao Eu – processo que Freud (1917), referenciando Otto Rank, caracteriza como uma predisposição a certa fixação narcisista na constituição do sujeito e, conseqüentemente, na etiologia da melancolia. “A identificação narcisista com o objeto se torna, então, um substituto da catexia erótica, e, em consequência, apesar do conflito com a pessoa amada, não é preciso renunciar à relação amorosa” (p. 255). Tal fixação na etapa narcísica resulta num modo de escolha objetal que faz uso do processo de identificação, instituído em etapa primitiva da formação do sujeito especialmente marcada pela oralidade.

Tal traço narcisista na estruturação do sujeito é apontado no texto de 1917 e antes mesmo, em 1911 (caso Schreber) como característico do processo dinâmico de

algumas psicoses, viés que nos remete de volta a história dos atendimentos de Antonieta e a temática desenvolvida na presente dissertação.

Sendo assim, resgatando a discussão do caso e a questão maníaca, é interessante frisar que Freud (1917) afirma que a explanação analítica da melancolia, tanto na sua natureza estrutural quanto no que toca as vicissitudes econômicas, seria extensível à mania. A única diferença assinalada é que na melancolia o Eu sucumbe ao processo aqui descrito, na mania o processo é dominado ou posto de lado.

Freud exemplifica sua formulação a respeito da mania descrevendo situações em que, por certo período, houve grande dispêndio de energia psíquica, mas é chegado o tempo em que isso não se faz mais necessário, ficando tal energia livre para qualquer aplicação e possibilidade de descarga.

[...] quando, por exemplo, algum pobre miserável, ganhando uma grande soma de dinheiro, fica subitamente aliviado da preocupação crônica com seu pão de cada dia, ou quando uma longa e árdua luta se vê afinal coroada de êxito, ou quando um homem se encontra em condições de se desfazer, de um só golpe, de alguma compulsão opressiva, alguma posição falsa que teve de manter por muito tempo, e assim por diante. Todas essas situações se caracterizam pela animação, pelos sinais de descarga de uma emoção jubilosa e por maior disposição para todas as espécies de ação [...] (FREUD, 1917, p. 259).

Essa descarga de energia ocorre da mesma maneira no processo maníaco em contraste com a melancolia. Freud (1917) afirma que a mania se constitui, desta forma, como um triunfo desta espécie, só que mais uma vez, aquilo que o Eu dominou e sobre o qual está triunfando se faz oculto dele.

Tal como nesse processo de manejo libidinal feito pelo Eu que pode ser caracterizado como um ciclo constituído por duas etapas – uma melancólica e uma maníaca –, a história clínica de Antonieta também é marcada por esses dois fatores.

Além dos episódios maníacos, Antonieta descreveu e vivenciou também no período dos atendimentos, momentos marcados pelo desanimo, falta de cuidados pessoais, sono em excesso, faltas no trabalho, descaso com os afazeres domésticos e sentimento de impotência e inferioridade, os quais a própria paciente pode nomear. Sentimentos que podiam surgir antes ou depois dos episódios maníacos. Quando aconteciam antes, Antonieta associava com abalos emocionais relacionados à paixão platônica que alimentava ou ainda a dificuldades do manejo social, especialmente no trabalho, local onde se sentia mais intimidada quando alguém fazia questionamentos que, para ela, soavam como sondagem a respeito de sua doença e assuntos

correlacionados (licenças médicas, faltas...). Quando os episódios de embotamento emocional ocorriam depois dos surtos, vinham carregados de vergonha e emotividade.

Ainda sobre a perspectiva freudiana a respeito desse processo cíclico constituído pela melancolia e mania, no texto “Psicologia de Grupo e Análise do Ego” (1921) é apresentado um argumento mais desenvolvido sobre a questão da regressão da libido à etapa narcísica. Neste texto, Freud aborda a possibilidade levantada de, nos casos de mania, Eu e Ideal de Eu corresponder a uma única coisa, remontando ao regresso à identificação narcísica com os primeiros objetos de amor que, por sua vez, são os constituintes primeiros do Ideal de Eu – os pais (FREUD, 1914). Afirma que quando Eu e Ideal de Eu coincidem ocorrem os fenômenos de ordem maníaca marcados pelo triunfo. Aparecendo sentimento de culpa e inferioridade revelam a tensão entre essas duas instâncias. Após tais afirmações, passa a comentários de sujeitos que têm como característica uma dinâmica de comportamento cíclica, revezando esses estados de humor durante todo o decorrer de sua vida, ou pelo menos, boa parte dela.

Sabe-se bem que existem pessoas cujo colorido geral do estado de ânimo oscila periodicamente de uma depressão excessiva, atravessando algum tipo de estado intermediário, a uma sensação exaltada de bem-estar. Essas oscilações aparecem em graus de amplitude muito diferentes, desde o que é apenas observável até exemplos extremos tais que, sob a forma de melancolia e mania, empreendem as mais perturbadoras ou atormentadoras incursões na vida da pessoa interessada (FREUD, 1921, p. 141).

Freud discute a coerência desta hipótese de análise do Eu a respeito da mania e da melancolia e afirma que não se deve ater a explicação baseada na relação Eu/Ideal de Eu de modo generalista. Percebe uma falta de esclarecimento maior sobre mecanismo de deslocamento da melancolia para a mania, faltando fundamento para tais oscilações de ânimo, afinal a mudança para a mania não constitui um caráter indispensável para todos os estados melancólicos. Neste ponto específico põe em questionamento a afirmação de 1917 quando fala do caráter de disposição da melancolia transformar-se em mania, propondo uma análise individual de cada ocorrência melancólica, mas sem excluir ou desvalorizar a inclinação de tal transformação nestes estados de ânimo.

Campos (2008) expressa concordância com a hipótese de Freud a respeito da mania se constituir uma espécie de triunfo que funde Eu e o Ideal de Eu, bem como no que tange à melancolia, instalada quando a sombra do objeto recai sobre o Eu. O autor soma ainda às ideias freudianas de 1917 e 1921 vicissitudes da linguagem, tomando como referência preceitos lacanianos que apontam a estreita relação entre manifestações de distúrbios da ordem linguageira e a forclusão.

Se, por um lado, tanto a melancolia quanto a mania foram concebidas pela psiquiatria clássica e pela atual como uma resposta corporal, biológica ou, quando muito, existencial, ao campo dos afetos – portanto, uma como inibição e outra como exaltação do humor – por outro, a psicanálise tem trabalhado com a tese de que essa clínica se apresenta de respostas do sujeito à língua desencadeada em sua relação mortífera com o Outro. Essa tese propõe pelo lado da mania que o sujeito superou a perda do objeto. A superação da perda do objeto acarreta uma quota de energia disponível, não mais investida no objeto perdido. Sendo assim, essa energia livre é utilizada para fundir o eu ideal com o ideal do eu. Do lado da melancolia, o sujeito se depara com a face opaca da linguagem, na qual a sombra do objeto recai sobre o eu, identificando-o com o objeto indigno de pura perda. Em ambas as fases, há um retorno do real de maneira devastadora, índice de forclusão (CAMPOS, 2008, p. 4).

É do campo da linguagem e suas manifestações na mania e na melancolia que é possível vislumbrar o buraco da forclusão do Nome-do-Pai o qual o sujeito se depara. Campos (2008) assinala o caráter tênue e fragmentado do discurso, devido a uma desestabilização imaginária e precariedade do simbólico. Surge uma fragilidade ou frouxidão no vínculo com o discurso, afinal o sujeito não alcança o simbólico através da metáfora paterna nem assimila a lei que tal metáfora carrega que ordena a cadeia significante. Assim, o sujeito se apresenta em momentos de grandes dificuldades com o Outro social – regrado pelo gozo localizado –, diferente da perspectiva estrutural psicótica, que busca incessantemente o gozo Outro, sem limites, sem conseguir “[...] dar conta daquilo que não pode fazer” (2008, p. 5).

Tanto Campos (2008), quanto Ferrari (2006), ao analisarem as proposições a respeito da melancolia e da mania na perspectiva freudo-lacanianana, esclarecem que, diferentemente de Freud, que trata dos dois quadros tomando em consideração as relações entre as instâncias psíquicas Eu e Ideal de Eu, Lacan, em seu seminário sobre a Ética (1959-1960) enuncia que na melancolia o sujeito é uma espécie de morto-vivo que não quer ser ninguém em decorrência do fato de já não ser ninguém (no sentido de constituir-se sujeito) (FERRARI, 2006), não perdeu um objeto especificamente mas se depara com a forclusão, o buraco que existe no lugar do acesso ao simbólico, e ao chegar nessa borda encarna a melancolia, se apresenta como nada que encontrou, é a perda do que nunca se conheceu. Na mania o que deve ser tomado em consideração são questões do campo do gozo e do Outro. “A criança fica particularmente isolada nela, desprovida de qualquer outra coisa que não seja o desejo desse Outro” (LACAN, 1957-58b, p. 206).

Tal como a criança que se põe perante o desejo da mãe no estágio de espelhamento é o psicótico. Na psicose, o Outro é sem lei, não-barrado pela castração,

caracterizado como emissor de um imperativo categórico de busca pelo desejo seu, refletindo essa dinâmica no sujeito em formação (CAMPOS, 2008).

Lacan apenas enuncia algo sobre a mania a partir de sua formalização do objeto *a*. Distinto da clínica psiquiátrica que assinala que o eu não tem limite, em Lacan encontramos um Outro, um *dealer* insaciável de objetos *futilitários* que não tem limites. Trata-se de um Outro que impõe ao eu um imperativo que lhe exige gozar de tudo, se endividar, falar, agradecer, comprar, sem limites (CAMPOS, 2008, p. 6, grifos do autor).

Tais características assinaladas na teoria se fazem ainda mais claras na clínica. Antonieta revelava bem as duas faces de sua dinâmica cíclica de ânimo. Nas ocasiões anteriormente descritas nas quais ela se encontrava exatamente sob o forte imperativo *goza!* Que o Outro sem barra do psicótico emite no estado de mania, quanto o sentimento de inutilidade e impotência (palavras da paciente) que ela vivencia em estado melancólico ilustram perfeitamente o que é teorizado.

Antonieta assinala uma preocupação frequente com suas habilidades de socialização, trabalho, relacional familiar e de âmbito amorosa. Tem amigos e amigas, mas permite que um número mínimo tome conhecimento de sua condição, não acha prudente dividir seus pensamentos e sofrimentos com diversas pessoas pois assim se faria mais vulnerável ao estigma que as manifestações sintomáticas carregam, facilitaria que a julgassem como louca. Falou em diversas ocasiões que desde o desencadeamento não encontrou tranquilidade para continuar a viver. Na maior parte do tempo está em alerta, cuidando para não deixar que os amigos, as pessoas no trabalho e os amores tomem ciência das suas instabilidades e, especialmente, seus surtos.

Nos ambientes de trabalho a preocupação de Antonieta é redobrada, da mesma maneira também o é o sentimento de insegurança e impotência perante os colegas, os chefes e no desenvolvimento de sua atividade profissional. Relata que há algum tempo não encontra prazer em exercer sua função, e a busca por isso esbarra na necessidade de esquivar-se do centro das atenções alheias.

A vida relacional familiar se constitui na tentativa de manutenção de vínculo com os irmãos, o desejo da presença do pai que mora longe, a convivência quase que obrigatória com o padrasto, e no laço forte e incondicional com a mãe.

Antonieta tem um irmão e uma irmã. Relata que tem maior convivência com o irmão, que mora na casa da mãe, lugar que visita com frequência. A irmã é casada, mora em outra residência. A paciente já expressou o desejo de cultivar vínculo mais forte de amizade com a irmã, gostaria também que alguma atitude de convívio partisse dela. O

quase descaso por parte da irmã para com este laço fraternal – impressão que tive no atendimento que Antonieta tratou desse assunto – foi tratado com tom de tristeza. Antonieta não entende porque a irmã não a procura, supondo, meio que como quem prefere não saber o real motivo, que talvez seja porque é muito ocupada com a própria vida e família.

A mesma queixa velada se apresentou nas ocasiões que mencionou o pai. Ele mora em outra cidade e desde a adolescência da filha não participa da vida dela. Essa ausência intensificou em especial depois de passado alguns anos do desencadear da condição de Antonieta. Atualmente apenas ela telefona para ele, há muito que ele não toma a iniciativa do contato, situação que faz Antonieta questionar se deve insistir no vínculo. Na semana do dia dos pais contou sobre como estava hesitante em ligar para ele. Não sabia se ele gostaria de receber parabéns por seu dia, nem se ela deveria parabenizá-lo, refletindo sobre qual a real importância daquele pai distante e se interrogando se por acaso ele ainda se considerava seu pai. O dilema de Antonieta me soava como “Devo tê-lo como pai? Será que ele ainda me tem como filha?”.

A figura masculina que se faz presente em sua vida além do irmão, mesmo não sendo ela muito bem quista por Antonieta, é o padrasto. A mãe e o pai se separaram quando ela ainda era adolescente, e então constituiu novo matrimônio pouco tempo depois. No período do desencadeamento da doença, Antonieta morava com a mãe e o padrasto que se mostrava muito intolerante com a presença da moça. Segundo a paciente, esse comportamento do padrasto sempre foi uma constante, independente da doença. Destratava-a verbalmente e questionava sua presença naquela casa, transformando a convivência familiar em uma situação extremamente desgastante para todos.

Logo que Antonieta se empregou pela primeira vez, foi sendo sutil e frequentemente aconselhada pela mãe a procurar seu próprio espaço fora daquela casa. Depois que se mudou, o padrasto, com o tempo, tornou-se mais tolerante e menos ríspido quando ela os visitava, mas não é possível que se cogite retorno dela para o antigo ambiente familiar, como muitas vezes confessou sentir vontade.

Morar sozinha foi uma decisão imposta, acatada e internalizada, ficando claro em diversos momentos de sua fala que, até hoje, apesar de enxergar vantagens em ter sua própria casa, individualidade e tranquilidade, ela se sente só e carente de companhia, especialmente daqueles que um dia foram parte de sua convivência diária.

Nos momentos de maior sensibilidade emocional, em especial depois do retorno da última internação, a paciente demonstrou estar muito sentida por não poder reintegrar o lar antigo. A mãe sempre repete que é melhor que ela tenha o “canto dela”, Antonieta até concorda, mas seus argumentos para essa decisão se mostram pouco fortes diante do desejo de voltar a morar com a família, em especial, com a mãe.

Sempre que está na iminência de surtos maníacos ou quadros melancólicos muito profundos ela pode retornar ao lar antigo. O padrasto exercita o pouco da paciência que tem e a tolera por uma semana ou pouco mais. Só assim algumas vezes consegue contornar o desencadeamento de mais uma crise. A presença e atenção de sua cuidadora fundamental é um fator que auxilia na estabilidade emocional de Antonieta.

A mãe é quem a acompanha ao médico, busca seus remédios quando necessário, visita nas internações, leva para o pronto socorro no início das crises, conversa, divide, acolhe. Algumas vezes foi a própria mãe quem entrou em contato para que Antonieta pudesse agendar um atendimento.

A paciente esporadicamente falava de que uma das coisas que não gostava em morar só era de ter que cumprir com os afazeres domésticos, relembrando que na infância e adolescência tinha sempre com quem contar para qualquer que fosse a tarefa doméstica, como ela mesma nomeou: - *Fui bem mimada (risos)!* Certa vez chegou a começar um de nossos atendimentos dizendo que provavelmente deve ter sido rainha em outra vida, afinal não tinha a menor vocação pra cozinhar todo dia pra si mesma. Essas afirmações vez ou outra eram deixadas de lado, e um discurso quase como decorado assumia lugar afirmando que gostava sim de cuidar da sua vida doméstica e de seu espaço.

É de plausível suposição que o papel da mãe de Antonieta contempla os moldes de uma relação dual pouco aberta a outras participações. Retomando construções anteriores mencionadas a respeito do estágio do espelho e a constituição do Eu, Lacan (1955-56) explana sobre como se apresenta o Eu psicótico, afinal não adentra as questões edípicas mas alcança um nível de contato com o mundo embasado no registro imaginário, habitando um mundo simbólico e sendo por ele atravessado, mas sem que possa usufruir dele.

Essa disposição da realidade interna do sujeito se apresenta como quando era apenas ele e o Outro primordial, via de regra tudo que o primeiro cuidador apresentou como mundo e concepção de sujeito. O Eu em formação, habitado pelo simbólico e pela

linguagem percebe a existência do que seria o simbólico no Outro, mas o uso daquilo se faz impossível, afinal pertence àquele Outro origem de tudo (LACAN, 1955-56).

Estruturalmente constituída e instalada nesta etapa está Antonieta, se relacionando de tal forma mencionada com a mãe – figura concreta de quem subjetivamente ocupa o lugar do Outro. A paciente vacila, sempre que mais sensível, mais *à beira do buraco* ou diante da demanda do gozo imperativo instituído a ela, a um retorno claro a relação de espelhamento e assujeitamento. De alguma forma as “bengalas”, ou “uma das pernas do tamborete” (LACAN, 1955-56) – aquilo que sustenta fragilmente a estabilidade psicótica antes do desencadeamento, recortes do que o sujeito psicótico observa no comportamento alheio em relação a funções que o psicótico não alcança, como a sexualização, a lei, a função paterna... – recorre a faltar.

Lacan (1957-58b), ao tratar da eclosão psicótica, afirma que a entrada na psicose desencadeada nada mais é do que deparar-se com um apelo ao qual o sujeito não pode responder, ocasionando uma abundante produção imaginária que suporta um certo modo de linguagem e fala a respeito dos modos e seres que promovem outras relações com o outro (α).

Mas de qual forma? Talvez o que possa ter sido o fator ímpar (*unpair*) que veio a fazer a diferença e recrutar a presença de algo que não fez parte de sua estruturação, o que Lacan nomeou Um pai (*un père/unpair*)⁸, possa ser suposto em duas figuras da história de vida de Antonieta: O padrasto; ou um homem que a colocou diante das interrogações da sexualização.

O Um pai nas construções teóricas psicanalíticas, segundo Quinet (2009) trata-se daquele que se encontra em posição terceira numa relação até então composta por uma dupla que constitui uma relação imaginária de espelhamento, o sujeito em formação e o Outro primordial. Não é necessariamente a figura de algum pai ou o pai do sujeito, mas a intromissão desse terceiro numa relação fechada. Deparar-se com o Um pai faz com que o sujeito responda com o surto psicótico, afinal não é familiar em seu mundo interno a possibilidade de reconhecimento desse novo elemento. O Um pai pode ainda se apresentar sob forma de evento, objeto... Não é obrigatoriamente um outro sujeito, mas algo que implique a intromissão de um elemento de caráter terciário que sempre faltou na dupla especular.

⁸ Lacan faz uso de um jogo de palavras e sons quando desenvolve o conceito de Um pai. Nomeia dessa forma indicando que este elemento é algo que surge que mostra a diferença, a falta, a disparidade. Ao mesmo tempo em que remete ao Nome-do-Pai forcluído, se trata de algo ímpar. Un père (Um pai) e unpair (ímpar) em francês se pronunciam da mesma forma.

A invocação ao Nome-do-Pai pode dar-se quando uma pessoa vem ocupar esse lugar terceiro em relação à dupla especular em que o sujeito se mantém em sua semi-estabilidade [...]. Esse apelo ao Nome-do-Pai pode ser também a paternidade: por falta desse significante, o indivíduo responde com um delírio, tal como o paciente, descrito por Lacan n Seminário III, que desenvolveu um delírio místico quando lhe anunciaram que iria ser pai. Pode ser também o primeiro contato sexual com o outro sexo quando o sujeito é chamado a exercer a função fálica (QUINET, 2009, p. 20).

O padrasto de Antonieta surge em sua fala como alguém que desde sempre interfere na forte relação mãe-filha. Desde que começaram a conviver Antonieta relata o incomodo que ele inflige na dupla feminina. Conta que ele sempre reclamou de sua presença, independente dos fatores patológicos, não concordava com o modo que ela era educada nem como se portava. Sua marca de intromissão é tão forte na relação que a mãe passa a aconselhar a filha a se mudar de casa quando Antonieta começa a trabalhar.

No presente, o padrasto impede que Antonieta retome a rotina antiga e volte a morar com a mãe, não permite que a mãe vá para a casa da filha para ficar por dias, impõe à mãe a necessidade de levar em consideração a sua vontade antes de fazer qualquer atividade junto com Antonieta de tal forma que até para acompanhá-la nas consultas é necessário certo planejamento. A importância do padrasto na vida da mãe é reconhecida na fala desta, processo que possivelmente teria sido o fator diferencial entre uma estruturação neurótica ou psicótica caso tivesse se dado em momento de formação do sujeito – no caso, da Antonieta.

Fortes indícios permitem que se associe a inserção da figura do padrasto na vida familiar com o desencadear da doença de Antonieta, especialmente porque existe certa concordância temporal entre os primeiros surtos e o segundo casamento da mãe, dados no final da adolescência/início da vida adulta da paciente. O incomodo causado pelo padrasto reproduzido na fala de Antonieta sinaliza para um reforço dessa hipótese.

Todavia, apesar do possível desencadear psicótico produzido pela inserção do terceiro elemento na relação dual de Antonieta com a mãe, é perceptível grande implicação desta intromissão no desenvolvimento de autonomia em diversos aspectos da vida da paciente. Talvez por causa do desconforto e limitações que o padrasto impõe à Antonieta – elementos esses que indicam sua percepção de um outro, além da relação dual mãe-filha – ela tenha tido capacidade de arriscar-se em relações sociais, trabalho, diversão noturna, amores. Tais ganhos possuem em seus bastidores um rompimento parcial da dependência mãe-filha – digo parcial pois nos momentos críticos das manifestações sintomáticas é ainda permitido um retorno ao modelo primevo, a mãe

dispõe da maior parte de sua energia para cuidar da filha, algumas vezes até sendo permitida sua estadia na casa da família –, promovido pelas exigências de um terceiro em relação à mãe de Antonieta, exigências essas transmitidas à paciente, sendo assim valorizada a mensagem que o padrasto entrega à mãe.

É imposto à Antonieta a necessidade de reorganização interna, mesmo que de forma parcial, permitindo que escape brevemente ao modelo de assujeitamento promovido da dupla especular onde o sujeito se dispõe como eterno perseguidor do desejo do gozo Outro, nunca alcançável. Tal disposição permite à Antonieta transitar parcialmente no registro simbólico instituinte do laço social, proporcionando diferenciais que favorecem a existência do sujeito e o modo de administração da busca gozosa, que talvez até ensaie ou vislumbre outras vias que não a do Outro.

O ensaio de uma busca de um gozo alternativo e o contato social remete a um segundo fator a ser elucidado: a questão amorosa. Antonieta apreciava o contato amoroso e sonhava em ter um amor com quem dividisse sua vida e, quem sabe, até constituir uma nova família, uma só para si. Porém, quando se prolongava no assunto, deixava transparecer que sabia que o amor, para ela, não traria apenas doces momentos de felicidade, especialmente diante da sua condição atravessada por mudanças severas de estado de ânimo.

As preocupações de Antonieta começavam quando se permitia imaginar como seria alguém ter que lidar com todas as dificuldades que ela vivia. Precisaria de equilíbrio emocional, não sabia se conseguiria cuidar de sua casa e família, considera muito complicado se entregar a essa aspiração. Certa vez, mencionou o desejo de ter um filho, mas não sabia como concretizar aquele plano, teria que organizar a sua vida de maneira diferente. Mas estava certa de que esse era um desejo. Deixou a entender que não havia considerado questões de ordem prática, recuando na conversa quando o assunto havia se prolongado demasiadamente a ponto de quase a fazer se confrontar com aspectos sexuais que a maternidade demanda – diferenciação entre os sexos, pai, encontro com o outro sexo... – inúmeros fatores que a colocariam à *borda do buraco* deixado pela forclusão do Nome-do-Pai e o caráter fora-do-sexo no qual a estruturação psíquica está inserida.

Até mesmo quando se limitava a falar sobre os acontecimentos de curto prazo que um apaixonamento podia trazer, percebia que o amor exigia algo que ela não oferecia, uma disposição de animo para enfrentar os bons e os maus dias, exemplo que teve na breve amostra de envolvimento amoroso com Luís. A disposição necessária ao

amor não era encontrada em Antonieta pois o que podia oferecer era doar-se sem limites, fato que dominava toda sua energia psíquica e colaborava com um desequilíbrio nas outras áreas de sua vida. Quando se emocionava devido a alguma questão amorosa, tudo mais em sua vida era recoberto daquela emoção, era como se não fosse capaz de distribuir de maneira igualitária aquela energia dispensada toda para o amor.

Sentia-se tentada a amar e se permitir ter uma vida sexual ativa, sonhos com uma relação estável e até a constituição de sua própria família, mas ao mesmo tempo o início de uma relação amorosa já deixava claro para Antonieta que o percurso é altamente acidentado, como um mar eternamente agitado que irá envolvê-la e quem sabe até não deixar com que consiga navegar, colocando-a a deriva de uma força incontrollável.

Sobre o fator Um pai representado pelo contato amoroso e encontro com o outro sexo irreconhecível como diferente, afinal o sujeito psicótico não atingiu o momento de constatação da diferenciação sexual, Quinet (2009) comenta: “O contato sexual com outro sexo envolve a função significante do Nome-do-Pai, descrito por Lacan como a grande estrada que permite um homem ter contato com a mulher” (p. 21).

Com a forclusão, se deparar com o outro no contato amoroso coloca o sujeito psicótico, quase completamente limitado a dupla primeva instituinte da condição imaginária, diante de um terceiro, favorecendo a desestabilização da relação dual especular.

Como Antonieta mesmo conseguia identificar, o amor tinha muito de prazeroso, trazia consigo sonhos, sensações indescritíveis, valorização pessoal, sentimento de sensualidade... Mas carregava a pesada consequência que um turbilhão de emoções causava na rotina e no frágil equilíbrio de distribuição de energia que ela tinha que encontrar para conseguir administrar sua vida sozinha.

Lacan (1955-56) elabora o seguinte questionamento: “A que se deve a diferença entre alguém que é psicótico e alguém que não o é?” (p. 296). Responde argumentando que essa diferença é assinalada no modo como se dá a relação amorosa. Afirma que a relação amorosa para o psicótico é possível apenas abolindo-o como sujeito, um amor morto. Exemplificação possível de se inferir quando Antonieta se via sem capacidade de administrar o amor, sendo que esse toma conta de tudo que consegue conquistar no que diz respeito à autonomia. Desta forma, o amor impõe uma retomada do assujeitamento do psicótico. Arriscar-se no amor, com o Luís ou com outro era retomar a abolição de si como sujeito para Antonieta.

Todavia, há algo de interessante que as tentativas amorosas da paciente fazem emergir. Algo anteriormente mencionado, constituinte das características marcantes da paciente, mas que se intensifica quando na iminência da experiência amorosa – a vaidade.

Antonieta, muito vaidosa, reparou diversas vezes nas minhas vestimentas, proferindo elogios, dizendo que gostava de como me vestia e comentando peças de roupa que eu escolhia. Perguntava sobre a minha vaidade e feminilidade, comentava que me achava sempre elegante. Disse certa vez que costumava sempre reparar nas mulheres bem arrumadas e bonitas, tal como ela gostava de ser. Notar a vaidade e feminilidade alheia fazia com que Antonieta tomasse referências para seu próprio comportamento e imagem.

Ao comentar o fenômeno que é nomeado “como se”, Lacan (1957-58b) assinala afirmações de diversos clínicos que se debruçaram sobre os antecedentes do psicótico e localizaram uma espécie de imitação exterior – apenas imitação pois não acessam o registro significativo devido à forclusão, comumente antecedente ao desencadear dos fenômenos.

Tal como deve ter servido de sustentação (bengala) para Antonieta apreender imaginariamente o que é ser mulher, atualmente seu contato com outras mulheres tinha serventia de continuar embasando o que constitui o feminino para Antonieta e permitindo que ela conseguisse encontrar um modo de se apresentar ao mundo de forma confortável. Assinalava com frequência que sua estabilidade no emprego *dependia* do seu aspecto visual. E não só no trabalho, o termômetro da estabilidade emocional de Antonieta era o modo como se vestia e os cuidados com sua aparência (cabelos, maquiagem, unhas pintadas). Sempre que se encontrava em estado de desequilíbrio de animo deixava de se importar com sua aparência.

Quando se sentia bem, bonita e arrumada quase se esquecia dos surtos, de sua condição que a faz se sentir estranha num mundo que a discriminaria caso se expusesse quanto ao modo de funcionamento interno. Em outras palavras, *quando bonita, Antonieta não é louca*. Ou ao menos não se sente louca, à iminência de um surto. A vaidade e os cuidados de beleza proporcionam segurança que ajudam a paciente a se situar melhor no mundo neurótico – contextos social, familiar, laboral e, especialmente, amoroso.

Sentindo-se bela e sensual Antonieta pode experimentar alguma forma de contato amoroso, mesmo que sabendo dos riscos implícitos, fato que faz com que ela

não renuncie completamente às tentativas de se relacionar e que talvez, algum dia a permita encontrar algum modo adaptável, como aconteceu com sua autonomia laboral e habitacional desenvolvida durante os anos, de permanecer um pouco mais no campo amoroso.

Tal reprodução do que constitui o feminino diante da interrogação que o terceiro traz consigo a respeito da sexuação – pelo menos para Antonieta, no nível do que ela apreende – pode ser relacionada a um fenômeno instituído por Lacan e relacionado ao modo de existência do feminino elencado no segundo momento de seu legado teórico, etapa que se inicia a partir da exploração da natureza do gozo e culmina no vislumbre das diversas possibilidades de *sinthoma*, saída particular que cada sujeito encontra para que possam ser enlaçados os registros imaginário, simbólico e real. O fenômeno é o que Lacan institui como o conceito de Empuxo-à-mulher.

Em "*De uma questão preliminar a todo tratamento possível da psicose*", Lacan (1958) aponta a existência de um gozo em Schreber, que o invade a ponto dele vestir-se de mulher e contemplar-se no espelho.

Ao afirmar que, para Schreber, não há —nenhum outro meio de realizar-se, de afirmar-se como sexual, senão admitindo-se como uma mulher, como transformado em mulher (LACAN, 1955-56, p. 286), Lacan nos coloca uma possibilidade de posicionamento do psicótico diante do sexo.

Da saga que Schreber empreende em sua construção delirante interessa-nos o que Lacan nomeou como "*empuxo-à-mulher*", principalmente em sua afirmação em "*O aturdido*" (1973), onde ele o define como a orientação feminina para o gozo na psicose, ou seja, esta vivência de feminização que diz de um gozo não referido à norma fálica.

No *Seminário III*, o "*empuxo-à-mulher*" é o efeito da irrupção de "*Um-pai*" no real, já que na psicose, o pai enquanto função, não comparece no simbólico, mas reaparece no real desencadeado, fora da cadeia (STENNER, 2011, p. 15 e 16, grifos do autor).

Sobre o Empuxo-à-mulher, Bastos e Gama (2010) formulam elucidação partindo da questão da partilha dos sexos. Explicam que a realidade se constitui como psíquica do ponto de vista do sujeito e, dessa maneira, as diferenças anatômicas não se constituem oriundas do nascimento, mas da inscrição psíquica que se institui no processo da castração e da elaboração edípica, quando ocorre a submissão à lógica fálica que vai situar o sujeito do lado feminino ou masculino.

Na psicose, devido à forclusão do registro da castração e consequentemente da lei paterna, a divisão dos sexos não se institui, ao menos não pela via fálica. O Empuxo-à-mulher constitui uma possibilidade do sujeito responder à interrogação que surge quando diante do impasse da ordem do sexual.

Stenner (2011), em sua tese de doutoramento sobre a sexuação e modalidades de gozo na clínica com mulheres psicóticas, estuda a particularidade do fenômeno da

feminização do gozo nas mulheres psicóticas. A partir do texto “O Aturdido” (LACAN, 1973) ela estabelece o estudo partindo da proposição lacaniana a respeito do feminino, afirmando que a mulher tem relação com o significante do Outro barrado e com o gozo fálico, constituindo-se como *não-toda-castrada*, sendo esse o motivo de não ser possível dizer da mulher. Utilizando desse argumento, a autora formula a hipótese de que o Empuxo-à-mulher – modo de possível posicionamento do psicótico diante do sexo – possa constituir um tratamento do gozo estruturado de forma alternativa perpassa o viés *não-todo* feminino. Um gozo alternativo que não passa pela castração, *louco*, sem barra. “Como consequência dessa irrupção de gozo sem barra, colocaríamos ainda os fenômenos da erotomania e o da devastação. [...] Sendo a devastação uma manifestação tipicamente da relação mãe e filha” (STENNER, 2011, p. 89).

Destacando-se então o fenômeno da devastação, mais concernente à história clínica aqui relatada, esse pode ser definido como a relação ambivalente da mãe e da filha, permeada de amor, ódio culpa e fascínio, sentimentos ligados à responsabilização da mãe por proporcionar a posição de faltosa à menina, e mais, a tudo aquilo que não foi recebido da mãe, como a enunciação do Nome-do-Pai. A devastação é encontrada descrita na obra freudiana nos textos em que são discutidas as questões resolutivas edipianas, porém sem o uso de tal nomenclatura. Lacan utiliza do termo com mais frequência.

Da posição feminina na saída edípica, Lacan, no *Seminário XX* (1972-73), aponta duas consequências. Em uma, a menina sente-se prejudicada, ou seja, saiu com algum dano e se posiciona para reivindicar sua reparação (a inveja do pênis), tal posição é o que ilustra a histeria. Outra possibilidade é de que ela, a menina, diante da impossibilidade da mãe lhe dar um significante que a represente, ou seja, na ausência de um lugar diante do enigma trazido pelo desejo da mãe, fique a mercê do gozo materno, numa demanda de amor que a coloca em relação com um gozo sem limite (STENNER, 2011, p. 93).

Tais traços são localizáveis nos atendimentos de Antonieta, especialmente no que é relacionado a uma disposição dela numa relação dual com a mãe que resiste a qualquer que seja o acontecimento, sinalizando que a paciente é atravessada pelo gozo materno desde sempre instituído e não significado por uma metáfora. As características femininas em Antonieta fazem com que seja possível identificar sua tentativa de se situar diante da partilha dos sexos, como provável resposta ao Um pai que pode ter surgido, por exemplo, na figura de um homem pelo qual ela se enamora repetido na figura de Luís, atual paixão da paciente.

Stenner (2011) ainda frisa que a devastação em Freud (1931) pode sinalizar um modo de escolha amorosa, embasado no que a mulher herdou como modelo de relacionamento dela com a mãe. Miller (1998) citado por Stenner (2011) postula que quando a devastação se constitui uma faceta do amor se apresenta como um “[...] querer ser tudo para o outro, é uma demanda de amor irrestrita e incondicional que retorna para ela como devastação” (STENNER, 2011, p. 95), característica que marca o modo como Antonieta descreve a sua impossibilidade de administrar o investimento amoroso, afinal este toma conta de tudo na sua vida, encaminhando-a facilmente a um desequilíbrio afetivo.

Logo, o amor para Antonieta se constitui como uma dialética – possui uma face desestabilizante, da ordem da devastação; e outra que carrega consigo a possibilidade da estabilização, quando Antonieta se situa no feminino, fato que a paquera e o enamoramento faz despertar, mesmo que através de recursos próprios e não aqueles instituídos no Édipo, proporcionando sentimento de conforto diante do mundo, falhos quando seus surtos irromperam.

2. GIOVANNI

2.1. Ser psicótico: uma descoberta

Logo que começaram as atividades do voluntariado recebi um encaminhamento para atendimento psicológico individual de um paciente do CAPS que aqui será chamado de Giovanni. Ele mesmo havia pedido a sua médica que fosse encaminhado a algum psicólogo. Tentei contato por telefone três vezes, consegui falar com Giovanni na terceira tentativa. Ele foi diretamente questionador – *Patrícia, você trabalha com que abordagem da psicologia?* Respondi que utilizava da psicanálise como fundamento para a prática clínica. – *E qual a sua formação religiosa? Você é católica? Sabe, essa pergunta é muito importante, pois apenas se você for católica entenderá das coisas que falo.* Disse a ele que sim, mas que não trataríamos da minha formação religiosa no atendimento, poderíamos falar sobre a dele caso desejasse. Marcamos então nosso primeiro atendimento, ao qual Giovanni faltou, havia se esquecido, característica que afirma ser incomodamente frequente e devido à esquizofrenia. No segundo agendamento o paciente compareceu com o pai, um pouco atrasado.

Procurei um local para atendê-lo, havia apenas a pequena sala dentro da enfermaria do CAPS disponível. No local não há ar condicionado, a iluminação estava defeituosa, e possui uma grande janela de vidro através da qual quem entrasse na enfermaria poderia ver dentro da sala. Nada disso incomodou Giovanni. Naquele dia ele estava disposto a conversar e saber o que o atendimento psicológico e eu tínhamos a oferecer como benefício a ele.

Eu já o conhecia daquele serviço de saúde do período em que fui estagiária. Esporadicamente estava no CAPS para algum atendimento médico de rotina, raras vezes para alguma atividade ocupacional ou terapêutica. Naquela época, Giovanni se recusava a ser atendido por estagiários, pois sabia que ainda estavam aprendendo, fato que o fazia pensar na pouca efetividade do tratamento. Além disso, seus questionamentos costumavam intimidar os mais inexperientes. Dessa vez, porém, o contato havia sido estabelecido em outras condições. Eu não estava em formação, tinha respondido às suas perguntas e ele também havia manifestado sua vontade de tentar novamente alguma forma de atendimento psicológico, tratamento que já havia procurado algumas vezes mas abandonou por não ver resultados.

Giovanni é um homem adulto, tem aproximadamente 30 anos, mora com o pai, é solteiro, sem formação superior, não trabalha, não vive nenhum relacionamento amoroso e nem possui filhos.

No primeiro atendimento contou-me um pouco sobre como funciona sua doença, como ela atrapalha sua vida e o faz entrar em constantes conflitos internos quanto a sua funcionalidade para a sociedade. Relatou que seu raciocínio costuma ser confuso, acompanha apenas um assunto por vez quando conversa, não consegue dividir sua atenção em diversas atividades, costuma esquecer muito as coisas, não consegue estudar ou ler por muito tempo. As consequências dessa dinâmica mental são as mais diversas, às quais dedicou muito do tempo dos atendimentos. Dentre elas estão a falta de formação profissional, de um emprego, de credibilidade e financiamento para por em prática suas ideias, sentimento de inutilidade, falta de tato no contato social, sentimento de estranheza e solidão, falta de pertencimento a um grupo ou comunidade...

Giovanni gostaria de ter sua independência habitacional e financeira, mas é cuidado pelo pai no que diz respeito à sua doença e não consegue iniciar uma carreira profissional, segundo ele, por causa da sua condição psíquica. Se sente um incômodo, escorado no pai que sabe que não vai ser eterno.

Relata que a característica mais marcante que consegue identificar de sua condição é a alteração no seu raciocínio e concentração. Explicou-me que essa é a definição que ele concebe como fenômeno principal da esquizofrenia, pelo menos a dele, afinal não sabe se existem pessoas esquizofrênicas que a percebem dessa mesma forma, mas acredita que sim. Tal característica o atrapalha enormemente, especialmente quando precisa organizar suas ideias e tarefas cotidianas. Perde-se pensando em como organizar, deixando de fazer o que realmente deveria ou gostaria de fazer, como por exemplo, não conseguir se decidir entre orar e fazer tarefas domésticas. Não consegue organizar seu tempo e acaba gastando-o tentando ordenar as duas atividades de forma perfeita.

Atrapalhava-se igualmente quando estudava, não conseguia criar uma ordem para suas atividades, nem mesmo se concentrava por mais de uma hora nas aulas, o que lhe acarretava dificuldades nos estudos.

Tal problemática exige grande investimento de energia psíquica de Giovanni, ele conta que a melhor maneira que consegue ordenar suas ideias é quando há uma linearidade racional do assunto, como por exemplo, em operações matemáticas. A exatidão do manejo de números fornece um contexto no qual o rapaz se sente tranquilo

e capaz de operar. A subjetividade e variabilidade das atividades do dia a dia e das relações sociais prejudicam sua ordem interna, demandando imenso dispêndio de energia para que Giovanni encontre um modo de *funcionar*, mesmo que temporariamente.

Toda essa descrição, dada no primeiro atendimento para que eu tivesse uma pequena amostra de como era seu modo psíquico de funcionamento, foi formulada durante os quase 15 anos desde que os fenômenos psicóticos haviam aparecido. Tal formulação é feita de modo tão detalhado que parece que Giovanni, por não conseguir se dedicar a mais nada, resolveu especializar-se em si mesmo, sabendo referenciar de modo direto, sucinto e de significativa abstração sua dinâmica psíquica, seus sentimentos e sua história engendrada à esquizofrenia.

Nesse primeiro atendimento, falou ainda sobre um personagem que admira – São Francisco de Assis. Disse ter lido um pouco de sua biografia e também havia, no passado, tentado se tornar franciscano, porém não foi aceito na ordem. Falou muito da falta de trabalho e da vontade de desenvolver atividades ligadas à matemática, contando inclusive de um material didático que havia criado, mas que não possui verba inicial para finalizar o desenvolvimento desse projeto. Encerramos o atendimento com Giovanni fazendo uma pergunta que repetiria diversas vezes nos meses seguintes – *Mas então, como você acha que a psicologia ou a psicanálise me pode ser útil? O que eu posso esperar desse tratamento?*

Com a clareza do discurso de Giovanni e o modo quase técnico que me explicou como se sentia e como funcionava seu raciocínio, chega a ser difícil identificar traços de seu caráter psicótico e quaisquer manifestações de fenômenos da linguagem comuns à psicose. No decorrer dos atendimentos percebi que o rapaz além de ter grande eloquência e clareza quando fala, domina assuntos complexos como teorias matemáticas, temas filosóficos e sociológicos, conhece, ao menos superficialmente, a obra de muitos dos mais importantes gênios da humanidade, se deixa afetar por preceitos e discussões de alta abstração como princípios morais e políticos discutidos por pensadores renomados. Como ele mesmo dizia – *Sempre investiram (os pais) na minha educação, nunca na minha sociabilidade, fui educado para a ciência e a filosofia, não para o contato social.*

Certa vez perguntei a ele quando que ele havia reparado que os fenômenos haviam iniciado, ele me corrigiu dizendo que nada havia sido desencadeado, sua constituição era aquela, nasceu ou pelo menos adquiriu nos primeiros anos do

desenvolvimento aquele modo de ser e funcionar. A única mudança que ocorreu nos seus anos de vida é que sua condição havia, na juventude, se intensificado resultando em episódios críticos e então tornado passível de diagnóstico médico. Houve uma tomada de consciência do que se tratava sua condição. Giovanni me afirmava essa e outras coisas sobre a psicose como quem tivesse estudado os meandros da psicanálise durante anos, ressaltando que não foi instruído por nenhum psicanalista ou profissional da saúde para explicar o que sentia da forma que fazia. Ao contrário, certa vez escreveu um extenso texto para que a sua médica entendesse como era sua dinâmica psíquica. Havia desenvolvido um modo racionalizado de viver os acontecimentos da vida cotidiana e também de compreender sua história pregressa. Tudo que ouvi dele podia ser confirmado por seu histórico médico e por seu cuidador. Dessa forma, pude tomar conhecimento de sua infância e juventude através de seu próprio relato.

Giovanni conta que na infância não se sentia deslocado nem diferente dos colegas. Lembra-se de algumas passagens e fatos marcantes, a alguns não atribui significado, já outros hoje em dia fazem mais sentido para ele quando tenta encontrar vestígios da esquizofrenia no seu passado.

Dos relatos mais frequentes nos atendimentos, o primeiro deles sempre conta sorrindo, achando graça das “coisas de criança”. Giovanni tem uma irmã mais nova e na infância costumava visitar sua avó esporadicamente, passando o dia brincando com as crianças da rua que a avó morava. Lá ele tinha uma colega da mesma idade, a qual sempre interagiu e visitava sua casa. Certa vez, após ter reparado apreciar a convivência com a menina e associar a companhia feminina ao casamento, na volta pra casa comentou com os pais: *Vou me casar com minha irmã, não vou me casar com Ana (colega), é difícil acostumar com quem não conheço, minha irmã eu já conheço!* E comentou comigo: *Só depois que entendi que não podia* (risos).

Giovanni pensa que já aí começava a construir um caráter marcado pela difícil sociabilidade, especialmente com o sexo feminino.

Em casa tinha um bom relacionamento com a irmã e os pais, nunca se estendeu muito nos detalhes dessas relações durante a infância, contando sempre fatos aleatórios sem muitos detalhes dos relacionamentos familiares e afetos envolvidos.

Algo que chama sua atenção quando se lembra dessa fase da sua vida são algumas manias que atualmente atribui estranheza. Não gostava de comidas que fossem vermelhas – molhos, carnes, legumes... –, nada que tivesse essa cor. Também não comia o arroz caso avistasse durante o preparo furinhos na superfície, os quais surgem devido

à evaporação da água. Não sabe bem o que associava, acha que talvez pensasse que fossem insetos que tivessem feito os furos e entrado no arroz. A cor dos alimentos avermelhados lembra sangue e o fazia sentir repulsa. Evitava qualquer comida preparada fora de casa, poderia estar com fome mas só comia a comida se fosse feita por sua mãe, que tomava todos os cuidados possíveis para que as manias de Giovanni não atrapalhassem sua alimentação, atendendo assim suas exigências.

Certo atendimento, quando contava sobre suas manias alimentares lembrou-se de um fato há muito esquecido. Na adolescência, ainda quando mantinha algumas manias relacionadas às suas restrições alimentares, soube por sua mãe, para seu espanto e ojeriza, que havia sido amamentado durante meses por uma ama de leite. No dia do relato riu e também reproduziu na expressão facial um pouco do sentimento que a lembrança trouxe, esboçando nojo. *Imagina que eu, com todas aquelas manias, de repente descubro que fui amamentado por outra pessoa que não era minha mãe!* Acredita que tais manias eram relacionadas à sua dinâmica com suas figuras parentais, em especial a mãe. No seu relato é possível identificar tentativas da mãe em ajudar com que ele contornasse as dificuldades alimentares e se nutrisse, mas não propunha enfrentar ou desmistificar aquelas fantasias infantis. Quanto ao pai, não atribuiu nenhum significado à figura paterna ou sua intervenção em relação às manias.

Outro episódio que surgiu no decorrer dos atendimentos algumas vezes é contextualizado na escola, na sétima série do ensino fundamental, no início de sua adolescência. Giovanni contou que achava uma menina de sua escola bonita, mas nunca tinha tomado coragem de se aproximar. Estava em uma fase onde todos os colegas já ensaiavam alguma aproximação com as meninas, arriscavam um namorico e davam os primeiros beijos, ensaiando um início na vida amorosa e sexual. Certa vez seus amigos falaram para ele que ela havia dito que ela também estava interessada. Giovanni ficou extasiado. O que faria? Passou a ensaiar em casa como falaria com a menina, como se aproximaria. Ensaçou por dias e estudou o horário de chegada da colega na escola, pois eram alunos de salas diferentes. No dia que finalmente chegou no horário para falar e tinha pensado em tudo que deveria fazer se aproximou, hesitou e desistiu. Faltou algo que não permitiu concretizar sua declaração.

Giovanni afirma que hoje em dia consegue identificar o que faltou. Sua inabilidade social causada pela esquizofrenia foi o problema. Achou na época que era só timidez, coisa da idade. Mas começou a ver todos os outros colegas, com o passar do tempo, superando a timidez e conseguindo arrumar namoradas, depois se relacionando

amorosamente, casando e constituindo família, menos ele. *Eu não sabia, mas desde então já era esquizofrênico*, me disse o paciente.

Acha que conseguia manter a sociabilidade na idade escolar devido ao seu bom desempenho nas disciplinas, o que possibilitava interagir, ajudar os colegas, apesar de lembrar que não socializava com meninas com frequência, havia certa dificuldade.

Seu destaque intelectual era sua ponte para as amigas. Também reproduzia jogos de tabuleiro como o Banco Imobiliário, até criava alguns jogos e vendia para os colegas.

Ao chegar ao fim do ensino médio, Giovanni descobriu que gostaria de cursar arquitetura. Seu pai comprava muitos livros e enciclopédias para o garoto, então certa vez, folheando um desses livros viu um texto sobre grandes construções, relatando a função dos arquitetos naquele tipo de empreendimento, assim Giovanni se decidiu. Seria arquiteto. Tentou o vestibular em outro estado em uma universidade federal no mesmo ano que terminou o ensino médio, não obteve sucesso, mas na segunda tentativa foi aprovado. Foi cursar a formação da carreira que havia desejado e morar sozinho numa cidade maior e diferente da sua.

Era um mundo de novidades mas repleto de pressões da vida adulta. Dependia financeiramente de seus pais que ainda não haviam se separado na época, fazia pequenas vendas de perfumes que comprava em cidades de fronteira, se sentia extremamente cobrado nas disciplinas, não conseguia acompanhar o ritmo de manhãs e tardes inteiras estudando cálculo, física... Tal fato era agravado por não lidar bem com a cobrança das avaliações frequentes comuns no ambiente universitário.

Entrar na universidade foi um choque, um sonho que quando se concretizou paralisou Giovanni, nos mais diversos sentidos. Chegou um momento que não conseguia estudar, acompanhar o conteúdo das disciplinas, ajudar seu pai na sua manutenção financeira, participar das atividades religiosas da igreja que frequentava. Nada estava bem, pelo contrário, parecia que a qualquer momento as coisas iriam atingir um limite, como uma bomba a ponto de explodir.

O rapaz trabalhou na biblioteca da universidade por um tempo, descobriu a oferta de bolsas estudantis quando havia, já na fase de confusão mental e depressão, atrasado um livro e não tinha dinheiro para pagar pelo empréstimo e então ficou trabalhando alguns dias para quitar sua dívida com a biblioteca. Ao saber do anúncio de vaga para bolsista inscreveu-se e foi contemplado, mas já estava muito perturbado, como descreveu. A última bolsa que recebeu antes de voltar para Rondônia devolveu

pois havia faltado muito naquele mês, como também aconteceu nas aulas e compromissos acadêmicos, levando-o a ser reprovado em quase todas as disciplinas.

Depois de um ano fora de casa Giovanni retornou com o intuito de repousar, trancou o curso universitário provisoriamente, mas seu estado mental não melhorou, ao contrário, o quadro evoluiu. Já em Porto Velho tentou vestibular na universidade federal local mas mesmo sendo aprovado não se sentia apto emocionalmente para enfrentar a vida acadêmica mais uma vez.

Inicialmente a formação delirante e os demais fenômenos característicos da psicose pareciam estar mais presentes no seu prontuário do que em seu discurso. Ele não me contava de visões, de alteração de percepção, sons incomuns, vozes, presenças ou qualquer elemento que pudesse fazer referência a alguma alucinação ou delírio.

Ao longo da escuta de Giovanni, além do desfecho da frustrada tentativa acadêmica, chamaram a atenção a dificuldade de concentração e definição de afazeres, sua dificuldade de socialização e uma frequente referência a Deus, especialmente no contexto dos escritos bíblicos e da Igreja Católica.

A persistência nesses temas eram os primeiros indicativos que, apenas com mais tempo de contato, pude identificar como fenômenos diretamente ligados à sua estrutura.

Giovanni, aos poucos durante os atendimentos foi dando pistas sobre o que aconteceu entre o primeiro ano universitário e a saída da universidade devido à crise emocional. Como frequentava uma igreja local na cidade que estudava e sempre se relacionava com pessoas desse círculo social, conheceu alguns colegas com os quais teve impressões paranoicas. Pensava que talvez estivessem querendo desviá-lo de seu caminho ou fazer algum mal a ele, levando-o para outra igreja, o envolvendo em forças malignas. Esse sentimento era direcionado especialmente às pessoas do sexo feminino.

Sentia-se pressionado pelas questões práticas do estudo e moradia, mas algo além disso o perturbava. Começou a se isolar e não conseguia mais conciliar as atividades do estudo, o que deixou Giovanni desanimado, depressivo. Um turbilhão de emoções se formara.

No processo de volta pra casa e abandono do curso universitário, Giovanni passou alguns meses com sua irmã em outro estado onde ela estudava, para descansar. Lá então as coisas começaram a tomar sentido, ao menos para ele.

Mudanças e notícias do alto clero no vaticano divulgadas na época (entre 1999 e 2001, Giovanni não forneceu datas exatas) o fizeram crer que tudo que iria acontecer dali para frente o envolvia diretamente. As mudanças eram uma mensagem para ele de

que talvez houvesse sido escolhido. Pesquisando sobre a história da Igreja descobriu a assunção de um papa de origem semelhante à nacionalidade de sua descendência, fato que se deu no ano e poucos dias depois de seu nascimento. Aquilo não poderia ser coincidência. Era como uma revelação a Giovanni, deveria dedicar sua vida à religião e a Deus, trabalhar em prol dos desígnios divinos. Algo remetia a ele um dever, que não sabia se entendia bem.

Toda aquela revelação continha um peso. *Tentaram me induzir ao suicídio*, me contou Giovanni. Ao mesmo tempo o sofrimento e a confusão mental fizeram com que ele mesmo planejasse sua morte. Um dos desígnios era o seu padecer com aquela situação difícil de tolerar, aquela perturbação mental que não o deixava produzir em prol de seu objetivo religioso. Tal estado também o fez ser rejeitado nas mais diversas ordens e afiliações católicas nas quais tentou integrar.

Tentou ser franciscano, muito por sua admiração pela história de renúncia de São Francisco de Assis, mas principalmente pelo caráter de dedicação religiosa pela qual a ordem é regida. Seu argumento principal quando tentou o ingresso na ordem franciscana foi que não tinha vocação para ser pai, desta forma queria dedicar-se à igreja. O padre que o atendeu explicou que sendo daquela maneira não poderia aceitá-lo, porque antes de tudo, a principal função de um franciscano seria saber ser pai.

Fez tentativas ainda nas comunidades da Canção Nova mas não obteve permissão para participar. Apesar de seu dever a ser cumprido, a doença e a confusão mental atrapalhavam sua tarefa. Manteve-se frequentando a igreja quando se sentia um pouco melhor, lia a bíblia sempre que seu nível de concentração permitia, visava construir sua vida adulta embasada em preceitos morais bíblicos, afinal considera a bíblia a única manifestação genuína de Deus.

Com a evolução do quadro, evitava sair de casa, episódios depressivos ocorriam frequentemente, alguns se instalaram severamente na fase crítica de sua condição, vivia sob vigilância do pai que temia uma tentativa de suicídio a qualquer momento. Certa vez encontrou uma corda no armário do filho, o rapaz também tentou matar-se com uma faca e em outra ocasião ingeriu grande quantidade de medicamentos. O pai chegava a temer que qualquer atividade laboral que o rapaz ocupasse seria em prol de economizar dinheiro para comprar uma arma.

Sua estrutura familiar após o desencadeamento delirante também se abalou, poucos anos depois os pais iniciaram processo de separação, em seguida a mãe foi

morar em outro estado com a irmã do rapaz. Ela veio a Porto Velho acompanhar o tratamento do filho diversas vezes mas não residem juntos há mais de cinco anos.

O tratamento psiquiátrico de Giovanni começou tão logo quanto seus fenômenos. O rapaz passou por internações, diversas mudanças medicamentosas, tentativas de psicoterapia e inserção nas atividades do CAPS. Atualmente é assíduo apenas às consultas médicas. Retomou os atendimentos psicológicos mas passa por momentos de desânimo e resistência nos quais desmarca os atendimentos por um período de até dois meses. Quando sente muita necessidade de socialização ou está menos afetado por quadros depressivos pede para que seu pai remarque o acompanhamento psicológico.

Resgatando os apontamentos teóricos a respeito da psicose elaborados na construção teórica previamente apresentada faz-se possível discorrer sobre a história de vida e condição presente de Giovanni.

Sobre as queixas a respeito da sociabilidade e dificuldade de ordenação dos pensamentos, ideias e deveres do paciente, a questão da forclusão do Nome-do-Pai é requisito fundamental para que se possa nos preceitos psicanalíticos vislumbrar a disposição desses fatores de tal forma na vida do sujeito.

Definida como o *fracasso da metáfora paterna*, a forclusão ressoa como sinônimo de comprometimento do sujeito no acesso ao registro simbólico – uma das formas de registro da realidade humana, aquela comum a todos que ultrapassaram de forma bem sucedida o complexo edípico e conseguiram que fosse inscrito em seu inconsciente o ponto de partida ou a primeira amarração que fará possível as demais elaborações simbólicas a respeito de quase tudo que o sujeito se deparará na sua existência, o que inaugura um modo de ordenação das experiências no âmbito da simbolização e da linguagem.

Quinet (2009), ao definir a encruzilhada em que se encontra o sujeito forcluído afirma: “Não pagar esse preço do comprometimento simbólico equivale à báscula para o campo das psicoses. O homem como ser falante não pode deixar de lidar com o universo simbólico e é na relação com o significante que se situa o drama da loucura” (p. 15).

Sendo o inconsciente estruturado como uma linguagem, esta é composta por duas espécies de elementos, significante e significado. Segundo Lacan, o significado se constitui em função do significante. O Nome-do-Pai atua como o significante mestre que estrutura a cadeia de demais associações significante/significado inscritas no

inconsciente do sujeito. No contexto da forclusão todo o sistema significativo e sua possível estruturação e encadeamento é posto em causa (QUINET, 2009).

O sujeito forcluído, sem acesso ao simbólico inscrito pelo significante oriundo da metáfora paterna, encontra-se numa relação atrapalhada com a linguagem, não abdica dela mas é habitado por ela, como se falasse um idioma que ele próprio não pode entender, mas mesmo assim o fala, tendo, tal como todos os outros a sua volta, a impressão de estranheza e falta de pertencimento àquilo com que se defronta.

Lacan (1955-56) define do que trata a fala na psicose. Ao mencionar a questão da relação objetual no contexto analítico para a psicose, afirma que defrontar-se-á com uma relação concebida como dual fundada no desconhecimento da autonomia da ordem simbólica, e conseqüentemente, numa confusão do plano real e imaginário. Todavia a relação simbólica não é eliminada, pois o psicótico fala, mas resulta de um desconhecimento do que se fala, interferindo numa troca simbólica autêntica, frequentemente interrompida ou substituída por um reconhecimento imaginário, da ordem da fantasia, o delírio.

No texto denominado “A lógica da castração” (1957-58b), transcrito dos seus seminários no quinto livro, entra em maiores detalhes sobre a fala na psicose. Comentando o trabalho de pesquisadores americanos, remete a comunicação psicótica à etapa do surgimento da imagem especular, caracterizada como ambígua, apresentada sob a forma de um *double bind*, descrita como discordante e dilacerante. “Há duas mensagens simultâneas na mesma emissão, por assim dizer, de significação, o que cria no sujeito uma situação tal que ele se vê num impasse” (LACAN, 1957-58b, p. 151).

Menciona a importância constitutiva que há na mensagem entre Outro e sujeito em formação. O sujeito da mensagem ambígua se encontra ainda dilacerado, e instável quanto ao seu equilíbrio, dependendo dessa mensagem para que se constitua. Lacan questiona então o que acontece quando esse processo de comunicação não chega a ser constitutivo para o sujeito, quando se mantém apenas no nível dual e não fornece condições para que seja alcançada uma espécie de estabilidade e unidade.

Remetendo ao potencial constitutivo da mensagem paterna, convida a vislumbrar a importância do Édipo a partir da perspectiva da linguagem, levando em consideração a existência de um significante constitutivo primeiro. Lacan esclarece que não é apenas um elemento fundador, mas um elemento (um significante) que se apresenta como aquele que confere autoridade à regra, ou melhor, “[...] aquilo que se articula propriamente no nível do significante” (1957-58b, p. 152).

Então, no âmbito das questões da linguagem, define:

Com efeito, o que autoriza o texto da lei se basta por estar, ele mesmo, no nível do significante. Trata-se do que chamamos de Nome-do-Pai, isto é, o pai simbólico. Esse é um termo que subsiste no nível do significante, que no Outro como sede da lei, representa o Outro. É o significante que dá esteio à lei, que promulga a lei. Esse é o Outro do Outro (LACAN, 1957-58b, p. 152).

Rememora que Freud situa o significante do que dá fundamento à lei na morte do pai, na sua transformação de matéria em símbolo, constituindo a origem da lei.

Finaliza esse texto esclarecendo de modo direto, alertando para a necessidade de compreensão do que trata a falta desse significante especial, o Nome-do-Pai. Ele é que funda o fato de existir lei, articulando-se numa ordem do significante que o complexo de Édipo contém. “Ele é o significante que significa que, no interior desse significante, o significante existe” (LACAN, 1957-58b, p. 153). Na psicose acontece que o sujeito tenta suprir a falta do Nome-do-Pai, e em torno disso é que estão ordenadas as raízes dos fenômenos elementares que ocorrem na psicose, os fenômenos da linguagem.

Para explicar tais fenômenos, Lacan primeiro esclarece o percurso da tentativa de satisfação do desejo do qual toda mensagem é constituída, em condições em que há inscrição do significante primordial. Toda tentativa de satisfação possível depende da concordância do sistema significante na fala do sujeito e concomitantemente, no nível do Outro como lugar de sede do código.

A pulsão se liga à representação psíquica, existente devido à possibilidade que o significante primordial proporciona, afinal é um símbolo, constituindo-se desejo – este formado e, ao mesmo tempo, fazendo passagem pelo significante. Neste nível do cruzamento com o significante encontra o Outro, afinal ele é a sede do código e este é ordenado pelo significante. Nesse sentido, pode-se afirmar que o desejo do sujeito barrado é um apelo ao Outro, através do significante. Desta forma se constitui a rota da mensagem e a demanda que ela carrega, passando por um nível de transposição produzido e ao mesmo tempo realizado na chegada ao significante sediado no Outro, resultando na manifestação da linguagem.

Verificamos nesse nível que toda satisfação da demanda, na medida em que depende do Outro, fica, pois, na dependência do que acontece aqui, nesse vai e vem giratório da mensagem para o código e do código para a mensagem, e que permite que a minha mensagem seja autenticada pelo Outro no código (LACAN, 1957-58b, p. 159).

No caso da psicose, quando o significante se faz ausente, os caminhos das idas e voltas ficam destruídos. Quando a evocação desse significante primordial acontece o

sujeito é precipitado na psicose. Para o sujeito psicótico, há o que Lacan denomina emissão dos significantes no nível do Outro (sem lei), postas para além do código, impossibilitando integrar nas emissões o que possa provir do lugar onde o sujeito articula a mensagem.

Desta forma a única mensagem emitida neste contexto virá do Outro. São mensagens que não são ratificadas ou integradas no código, não tem sentido atribuído como no caminho anteriormente descrito. Elas vão advir do Outro como qualquer mensagem, feita de uma língua do Outro.

Trata-se de um tipo de mensagens da outra categoria de mensagens. Trata-se de um tipo de mensagens que não é possível ratificar como tais. A mensagem manifesta-se, aqui, pura e rompida do significante como algo que só comporta sua significação para além de si mesmo (LACAN, 1957-58b, p. 162).

A mensagem não pode ser autenticada pelo outro afinal é faltosa de significante, deixando o sujeito psicótico emissor sem objetivo, transformando-o então em ausente de si, onde a mensagem recebida se autenticaria, definível como assujeitado. É o psicótico um emissor de mensagens irreconhecíveis pelos receptores e impossibilitado de recepção das mensagens do outro.

Em outras palavras, enquanto a mensagem do Outro na neurose emite um discurso que não atravessa o muro da linguagem, passa pela simbolização proporcionada pelo significante, na psicose o outro fala, aparece claramente, provocando no próprio sujeito um emissor de mensagens que não são reconhecidas como suas, chocando-o e aterrorizando-o com o que ouve. É disso que trata ser habitado pela linguagem, exemplo fácil de ser constatado na produção alucinatória e delirante (QUINET, 2009).

Neste percurso da linguagem do psicótico, marcado pela manifestação do Outro localiza-se também as dificuldades de estabelecimento de comunicação e convivência com o outro. Há falta ou comprometimento do reconhecimento da existência do outro. Teoricamente, não há possibilidades para terceiros na comunicação psicótica. Há uma predominância, quando não uma totalidade de estacionamento no modelo dual de relação.

O Outro do psicótico, por carecer de significante da lei, é um Outro absoluto ao qual o sujeito está submetido. Se o Outro, tanto para o neurótico como para o psicótico, é o tesouro de significantes, o que faz a diferença entre eles é que para o psicótico não há no Outro a inscrição da lei. A posição estrutural do sujeito na psicose é a de ser o objeto do gozo do Outro, objeto de uso do Outro [...] (QUINET, 2009, p. 17).

Neste caminho tortuoso é que residem as dificuldades de convívio social de Giovanni. Bem como é na falta de ordenação causada pela forclusão que é possível identificar a origem da confusão mental de mensagens recebidas de uma ordem da qual Giovanni não reconhece como sua.

A respeito dos fenômenos psicóticos que compõem o quadro descrito pelo paciente, suas alucinações, manias, sentimentos persecutórios, se justificam nos elementos mencionados sobre a dinâmica psicótica.

Há a possibilidade das manias de Giovanni durante infância e adolescência comporem sinais da estruturação alternativa de produção e emissão de mensagem característica da estrutura psicótica. Carregam traços persecutórios, como se só pudesse confiar no que vinha de sua mãe, do seu par primeiro, reconhecendo apenas a existência dela, aceitando apenas o alimento/mensagem vindo do Outro absoluto. Apresenta-se horrorizado e pasmo quando ouve que algo não veio dela, o leite, por exemplo, pequenas pistas do abismo que iria defrontar mais tarde. Quanto à repugnância de alimentos da cor vermelha e os bichos do arroz, é possível levantar a hipótese de tratar do avesso da mensagem do Outro que protege e alimenta. A mensagem neste âmbito da psicose advinda do Outro é ambígua, herdada da relação especular do início da vida. E é sob essa lei ambígua que o psicótico se encontra.

A lei da mãe, é claro, é o fato de que a mãe é um ser falante, isso basta para legitimar que eu diga *a lei da mãe*. Não obstante, essa lei é, por assim dizer, uma lei não controlada. Reside simplesmente, ao menos para o sujeito, no fato de que alguma coisa em seu desejo é completamente dependente de alguma outra coisa, que sem dúvida já se articula como tal, e que é realmente da ordem da lei, só que essa lei está, toda ela, no sujeito que a sustenta, isto é, no bem-querer ou malquerer da mãe, na mãe boa ou má (LACAN, 1957-58b, p. 195, grifo do autor).

Quando adulto, os sentimentos persecutórios marcados pela mensagem de duplo sentido apenas mudam de forma. Apresentam-se no início da composição delirante, marcada pela mensagem do Outro – ser escolhido/perseguido.

Ainda a questão da dificuldade de relacionar-se com os sujeitos do outro sexo, é válido lembrar que o significante não adquirido é o que porta o significado do desejo do Outro, referenciado anteriormente neste trabalho na explanação sobre o Édipo na visão lacaniana. O significante desejo do Outro, também traduzível como o falo, é o mesmo significante que instaura a lei e é também o que traz efeito de significação sob o sexo do sujeito. Desta forma, o psicótico está situado numa problemática fora-do-sexo, afinal não tem o significante-referência, não se situando na partilha dos sexos, desconhecendo

o diferente de si e sem saber o que é afinal desconhece a si mesmo sexualmente (QUINET, 2009).

Giovanni reproduziu o que é ser homem algumas vezes, tentou aproximações com meninas, mas desde cedo não conseguia concretizar a continuação deste evento. Algo ali faltava, e era justamente o que não conseguia reproduzir ou imitar dos modelos que conseguiu “estudar”: O reconhecimento do outro, a assunção das diferenças. Não tendo sucesso nas primeiras tentativas, o que parece é que Giovanni desanima e desiste da incógnita que insiste em se repetir toda vez que tenta namorar. Talvez para não defrontar-se com o buraco, afinal há consideráveis possibilidades do contexto do contato amoroso e sexual atuarem como o fator que evoca o significante faltoso.

De toda forma, mesmo depois do desencadeamento da esquizofrenia, Giovanni manteve o desanimo, tratando dos assuntos do amor esporadicamente, mas como num ato de renúncia, considerando muitas vezes optar pelo celibato a ter de enveredar na difícil situação do contato com o outro, coloca-se no limbo de se imaginar amado, constituindo família ou decidir definitivamente abrir mão do que vê ao seu redor e que lhe é comunicado pelo mundo em que está imerso como um dos modos de ser feliz na vida – amando.

2.2. No princípio é o verbo

Em um atendimento em que o tópico em discussão era a fala, Giovanni me contava que era difícil achar palavras para as coisas, mas que percebia que quando falava com alguém se sentia diferente, principalmente depois de dias dentro de casa apenas tentando rezar e organizar seus pensamentos para fazer algo de efetivo na vida. Giovanni lembrou: – *A própria bíblia diz “No princípio era o Verbo, e o Verbo estava com Deus, e o Verbo era Deus”. Eu busco conversar com Deus, dar palavras, afinal é através delas que me encontro com ele e foi através delas que ele nos criou.*

E sobre o verbo, fora do sentido bíblico, agora no campo da psicanálise, é nele que se situa algumas das questões psicóticas fundamentais.

Sendo a existência humana marcada pela fala, é plausível afirmar que a constituição do sujeito através do Édipo se faz em decorrência da palavra. Sobre o Nome-do-Pai na problemática edípica e sua inscrição como significante, Lacan explicita que nesse processo, o que é importante na dinâmica da tríade – mãe, criança e pai – não é de maneira alguma a criança, ou o pai do ponto de vista ambientalista, mas a relação

da mãe com a palavra do pai. É a valorização da palavra paterna feita pela mãe e transmitida por ela para a criança que é a chave da inscrição do significante primordial.

[...] trata-se menos das relações pessoais entre o pai e a mãe, ou de saber se ambos estão ou não à altura, do que de um momento que tem que ser vivido como tal, e que concerne às relações não apenas da pessoa da mãe com a pessoa do pai, mas da mãe com a palavra do pai – com o pai na medida em que o que ele diz não é, de modo algum, igual a zero (LACAN, 1957-58b, p. 197).

Consequentemente, o que há de comprometedor ao processo edípico é a desvalorização da palavra paterna, quando ela não é apresentada como portadora de valor o pai como lei não encontra meios de fazer-se existir na dinâmica dual mãe-bebê, culminando na forclusão da metáfora paterna.

A psicose, consequência da forclusão do Nome-do-Pai é comumente marcada por fenômenos da linguagem, devido ao modo alternativo de relação com o simbólico que é instituído ao psicótico, o sujeito é invadido por ela. Os fenômenos das alucinações e delírios são manifestações do inconsciente sem a prerrogativa paterna e a ordenação proveniente da linguagem.

Sobre o delírio, Lacan (1955-56) ressalta a forma especial de utilização da linguagem. Enfatiza que a linguagem falada é a mesma que todos falam, senão seria impossível saber algo sobre os psicóticos, mas, a significação construída é que se apresenta de forma particular no discurso delirante. É composto por uma significação que só remete a ela própria, que permanece sempre irredutível.

É justamente em que essa linguagem pela qual podemos nos deixar surpreender no primeiro contato com o sujeito, algumas vezes mesmo o mais delirante, leva-nos a ultrapassar a sua noção, e a admitir o termo discurso. Pois, seguramente, esses doentes falam a mesma linguagem que nós. Se não houvesse esse elemento, não saberíamos absolutamente nada deles. É, portanto, a economia do discurso, a relação da significação com a significação, a relação de seu discurso com o ordenamento comum do discurso, que permite distinguir que se trata do delírio (LACAN, 1955-56, p. 45).

Trata-se da linguagem do Outro sem lei, o Outro do psicótico. É portanto nessa peculiaridade das significações próprias da linguagem falada pelo sujeito psicótico que podemos situar o discurso de Giovanni sobre a Igreja Católica, Deus, e o chamado recebido para servi-lo.

Giovanni recebe o chamado divino mas não sabe como exercê-lo. Espera por instruções divinas mas não as tem. Passa anos de sua vida tentando responder e realizar sua tarefa, mas como fazê-la sem conhecer mais sobre ela, sem lhe ser conferido

condições? O que será que Deus espera de Giovanni? O padecimento dos anos posteriores ao desencadeamento delirante gira em torno desse questionamento.

Do início da construção delirante ao momento atual, a dúvida sobre qual era o desejo divino o assombrou e fez sofrer as piores perturbações. Tal como a criança que se situa na posição de objeto de desejo do Outro, a ser usado para seus desígnios era Giovanni naquela situação.

Giovanni falava de Deus, da Igreja, podia gastar horas pregando a vontade divina, lendo a bíblia, vendendo livros que falam de Deus, mas não compreendia aquilo que lhe era delegado pois a intuição que lhe restava era de que nada do que fazia era suficiente para o que lhe estava sendo requisitado.

Os sentimentos persecutórios presentes nos anos iniciais da doença de esvaíram, o núcleo delirante principal era atender o desejo divino de servi-lo, mesmo sem saber como. Giovanni construiu seu delírio também durante os muitos atendimentos médicos, sua médica ocupava o lugar de alguém que escutava, que dava espaço para a transformação em palavras dos pensamentos e sentimentos de Giovanni. Através da palavra foi que se fez possível a realização de um tratamento que conciliava medicação e escuta, criando um contexto favorável ao desenvolvimento do delírio e momentos mais duradouros de estabilização.

Mesmo vivendo ainda atormentado pelas questões do divino e de seu dever, Giovanni com o tratamento da esquizofrenia resgatou momentos em que sentia vontade de interagir e socializar. Nessas fases percebeu que apresentando seu discurso delirante sofreria recusas como outrora havia ocorrido nas instituições católicas que desejou integrar. O mundo em que vive não entendia do que falava, e nem iria se esforçar para isso. Ou Giovanni se esforçava por entender e se expressar de outra forma, ou seria deixado à margem das relações inter-humanas.

Assim localizou na matemática um pretense modo de laço social. Percebeu que nas operações de ordem exata que constituem a matemática usava de uma linguagem comum a todos os outros que estudavam matemática. Não realizava operações matemáticas diferentemente dos outros, conseguia compreender e explicar sobre a matemática e ser entendido. De alguma forma, as mensagens da linguagem matemática o faziam se sentir comum, bom, competente e reconhecível. Chegou a preparar um material que serviria para utilização em escolas de ensino regular. Acha que se fosse professor de matemática conseguiria trabalhar e socializar. Entretanto não colocou em prática a finalização do material didático nem consegue cursar uma faculdade de

matemática, afinal ainda precisa de elementos que a psicose não proporciona. O acesso ao simbólico não pode ser substituído por abstrações matemáticas. As linguagens em questão não são substituíveis.

Mesmo assim, há de se considerar a importância que a matemática exerce para o bem estar do sujeito, servindo como uma substituta muito provisória, mas, mesmo não sendo suficiente, se faz útil e significativa para momentos de estabilidade de Giovanni.

Tal como a aplicação da matemática, como um possível meio para o vínculo social, Giovanni relata que, desde que sua condição foi descoberta e associou a ela sua dificuldade de socialização, desenvolveu treinos quanto ao trato social. Observa a todos à sua volta como se conversa em grupos, como se relaciona com amigos do sexo masculino, como deve socializar com mulheres, tem observado inclusive como se aproximar de uma mulher quando tem intenções amorosas ou sexuais.

Gostaria muito de ter mais contato social, só que eu devo estar treinado para isso, não recebi essa educação enquanto criança, fui estimulado intelectualmente mas não sei conversar, lidar com as pessoas. Tenho treinado e pensado modos de socializar novamente esses anos. Sei que não posso conversar como costume, sendo direto, sem sensibilidade, com toda uma argumentação racional. Mas na verdade eu sou muito sensível sabia?

Giovanni tem elaborado recortes de como exercer interação social e amorosa, a fim de ser bem sucedido, se queixa que até consegue num primeiro momento interagir, mas logo o modo de se comportar socialmente falta a ele. Sua conversa é considerada por ele como sistemática, lembra a descrição de um comportamento obsessivo compulsivo – marcado pela rigidez e falta de emotividade. Tais traços não são os únicos, como comentado, ainda como criança tinha manias de limpeza e com a comida que podiam ser remetidas a essa categoria de neurose. Um modo rígido de comportar-se foi como Giovanni conseguiu construir suas habilidades de socialização. Agora parte para uma segunda etapa, adaptá-las a um modo que expresse mais sensibilidade e desinibição.

Lacan comenta uma espécie de comportamento que pode ser associada à forma de socialização de Giovanni quando relembra Helena Deutsch, autora que valorou um “como se” no modo de agir dos psicóticos.

Muitos clínicos se debruçaram sobre os antecedentes do psicótico, Helena Deutsch valorou um certo *como se* que parece marcar as primeiras etapas do desenvolvimento daqueles que, num momento qualquer, sucumbirão na psicose. Eles não entram jamais no jogo dos significantes, a não ser por uma espécie de imitação exterior. A não-integração do sujeito no registro do

significante nos dá a direção na qual a questão se põe quanto ao prévio da psicose – que só é solúvel seguramente pela investigação psicanalítica (LACAN, 1955-56, p. 293, grifo do autor).

Esse “como se” que imita modelos externos na etapa anterior ao desencadeamento também se repete no caso de Giovanni mesmo depois de sua descoberta psicótica. Acontece de forma bem parecida como a do episódio da tentativa de aproximação da colega de escola que gostava, igualmente muitas vezes até no insucesso da investida social. Porém, carrega a marca da necessidade do contato e do reconhecimento do outro e pelo outro que Giovanni sempre ansiou.

Tal conceito de compensação pós-surto é melhor elucidado nas obras lacanianas consideradas como componentes de sua segunda clínica, menos estrutural e que vislumbra algumas diversidades de possibilidades para a existência social do sujeito psicótico.

Sobre Giovanni, atualmente recorre aos atendimentos por vezes até em momentos de intenso desanimo pois percebeu que seu enclausuramento e solidão acarreta em agravamento dessa condição.

No mesmo episódio que mencionou o trecho da bíblia que abre esse trecho do caso clínico, Giovanni relatou o quanto a solidão faz mal a ele. Sente um vazio interno que só tende a crescer quando não conversa com ninguém. *Sua conversa com Deus é diferente, tem outros efeitos da conversa com os homens.* A falta da socialização humana é que causa esse vazio interno, atrapalhando até mesmo no seu ânimo nos momentos de oração. Atrapalhando mais a tentativa de decifrar essa mensagem Outra que deveria falar de sua missão.

Em casa não se relaciona bem com o pai, suas conversas costumam ser curtas e muitas vezes conflituosas. O rapaz tem uma percepção ambígua do pai, algumas vezes refere a ele como aquele que cuida e zela por seu bem estar, sustentando-o, mas na maioria delas o vê como um inimigo, alguém que atrapalha sua concentração e a criação de um ambiente propício para suas orações e estudos sobre Deus, pensa que ele não o estimula profissionalmente pois não financia seus projetos da matemática ou sua vida dedicada à religião, atrapalha assistindo muita televisão e colocando as desgraças terrenas dentro de casa através dos noticiários que assiste.

Giovanni não tem frequentado nenhum meio social, assim é apenas nas suas vindas ao CAPS que tem mais chances de contato com outras pessoas. Neste atendimento foi a primeira vez que chegamos a alguma conclusão para uma pergunta

repetida ao longo de vários meses já decorridos dos atendimentos, do que poderia de haver de positivo para Giovanni nos atendimentos psicológicos – Lá seria seu espaço de fala. Tendo onde e com quem falar Giovanni poderia livrar-se um pouco do chamava de “peso da solidão”.

Ainda no contexto desses sentimentos de isolamento, emergia com frequência a temática amorosa. Na verdade, sobre o treino para as relações sociais, Giovanni os justificava como um pré-requisito para uma espécie de vínculo social que parecia que considerava de qualidade mais especial – uma relação amorosa. Dizia que se não conseguia fazer amizades ou mesmo conversar por muito tempo com alguém como poderia namorar? Sabe que deve melhorar sua sociabilidade e seu modo de lidar com as pessoas para que alguém possa gostar dele. Mas é uma exigência sua que com quem quer um dia vá se relacionar, precisa ser uma pessoa que *entende do que ele fala* – ideia já proferida em forma de pergunta quando me indagou sobre a minha religião no nosso primeiro contato telefônico –, que converse sobre o que ele sabe falar, tenha um pouco de sistematização e intelectualidade, mas sabe que será difícil encontrar alguém assim. Mais ainda, sabe que antes de qualquer coisa será difícil encontrar alguém que possa cuidar dele nas suas necessidades que a esquizofrenia impõe.

Imagina que alguém saudável vai querer casar comigo, teria que cuidar de mim. Não poderei ser o marido que ela merece, serei filho, precisarei ser cuidado. Pior ainda seria me casar com alguém com o mesmo problema que eu, também não é possível. Imagina dois doentes juntos? Não consigo nem cuidar de mim mesmo.

Giovanni tinha a assertividade de quem entendia do que dizia. Quem se casasse com ele poderia muito provavelmente enfrentar a dinâmica de uma relação dual fundada no vínculo estritamente baseado no modelo de amparo materno primário. Estabelecer o vínculo já seria uma dura tarefa, caso acontecesse de alguma forma que suprisse ao menos parcialmente o buraco da forclusão, ainda haveria a dificuldade que o psicótico reproduz do modelo relacional. Ele se trata do objeto de gozo do Outro, sem limites e regras, assujeitado na relação. Lacan (1955-56) afirma que para o psicótico a relação amorosa só é possível abolindo-o como sujeito, admitindo uma heterogeneidade radical do Outro. Compara a relação do sujeito psicótico com o Outro com o amor platônico, um jogo entre o alienado e o alienante. Caso se tornasse possível a relação amorosa de Giovanni, provavelmente se caracterizaria nessa dialética.

Sobre o amor no contexto da linguagem, no que se refere a nós, seres falantes, ela é o ponto chave para a organização do laço social, e não a sexualidade. Os encontros

dos sujeitos são estabelecidos a partir da troca simbólica. “Portanto, não há escritura científica da relação (*rapport*) sexual quando se trata dos seres falantes. Sua relação (*rapport*) é um encontro de fala” (BROUSSE, 2009, p. 4).

Desta maneira, questiona-se: Se o encontro está implícito na linguagem – uma forma de externar de alguma maneira os significantes existentes, de forma com que os outros sujeitos também imersos na linguagem recebam essa mensagem – seria então o psicótico, aquele da forclusão, sem acesso à possibilidade do simbólico e excluído da linguagem, impossibilitado de qualquer modalidade de encontro, de laço? Ficaria ele resignado a uma loucura sem amor, pois a castração e o significante fálico não são existentes (FERRARI, 2009)? Estaria Giovanni certo em considerar seriamente a renúncia ao amor?

Ferrari (2009) discorre sobre o amor no total da obra lacaniana, ressalta algumas afirmações freudianas e as enlaça às novas afirmações de Lacan. Tenta a partir dessa elaboração falar do amor na psicose.

Considera inicialmente a essência narcísica do amor e como ele pode se apresentar na psicose. Afirma que para o psicótico o amor está inseparavelmente ligado à figura do Ideal de Eu, assim o psicótico substitui o outro real, reduzindo-o a uma figura ideal. Esse é o sentido da afirmação de Lacan sobre a *heterogeneidade radical do Outro* para o psicótico. O parceiro do psicótico é construído totalmente a partir do entrecruzamento da cadeia do Outro absoluto e do imaginário, traduzindo-se em elaboração fantasística, adquirindo significação do Outro (FERRARI, 2009). O próprio psicótico é posto como objeto, dejetado do Outro absoluto, transgredindo a possibilidade do amor comum, encontro que ocorre na linguagem.

Ferrari ainda comenta o amor morto ao qual Lacan se refere no seu seminário sobre as psicoses, enfatizando que esta é uma afirmativa que se mantém mesmo diante das mudanças ocorridas na evolução teórica lacaniana.

Trata-se de uma afirmação que comporta o caráter mortificado e mortífero do amor na psicose e pode ser compreendida ao haver a reflexão de que o psicótico não se pode representar pelo falo que cumpre a função de articular o sujeito com seu corpo, introduzindo a dimensão do vivo (FERRARI, 2009, p. 7).

Essa afirmação resgata o fato da psicose estar num campo para-além do sexual, afinal não tem inscrito o significante fálico que introduz a dimensão do sexual, remetendo à concepção de pulsão definida como estímulo motor, antes de atingir qualquer zona erógena, integrando o campo do sexual no sujeito.

Desta forma, o amor para psicótico evoca meios e desfechos completamente diferentes. Muñoz (2005) a quem Ferrari (2009) também recorre como fundamento, evoca o conceito de *philía*, adotado por Lacan (1972) oriundo de discussões filosóficas aristotélicas e platônicas. Na utilização lacaniana, fica o sentido platônico que atribui o senso de amizade à *philía*, mas esclarece que no que concerne ao coito, essa classe de laço de nada é útil. Todavia, mesmo fora do sentido sexual, esta seria uma possibilidade de invenção do enlaçamento social que o psicótico tem como disponível, um modo de amar deslocado do erótico, ou pelo menos sem possibilitar respostas sobre os impasses psicóticos sobre a questão sexual.

2.3. O que ser para Deus?

O grande dilema da atualidade para Giovanni continua sendo o que Deus espera dele com o chamado para realizar um plano divino. Esse dilema misturou-se com o trabalho, a vida e a morte e a sexualidade no entendimento de Giovanni.

Ele ainda não descobriu como ser o que deus quer, afinal não tem conhecimento do que trata o desejo divino. Acha que o desejo de deus está relacionado a uma ética de existência ligada à produtividade. Viver é uma dádiva cedida que deve gerar retorno para a humanidade. Tal ética da existência formulada por Giovanni se transformou em novo tormento, tal como é a dúvida gerada pelo chamado dos céus. O rapaz se considera um inválido no âmbito da produção. Não acha meios de produzir, se culpa por sua existência sem sentido, hora sente-se fracassado na tarefa que Deus lhe deu, hora suspeita que talvez seu padecimento seja sua tarefa, sendo assim já está cumprindo com seu dever. Como não obtém nenhum tipo de confirmação que comunique a ele o que fazer para demonstrar obediência, segue sua existência permeada pelo tormento.

Vejamos uma transcrição de atendimento em que realizamos uma atividade de desenho. Nele se ilustra de forma interessante o sentimento de dever produtivo, as dificuldades para a produção causadas por modos estabelecidos por Giovanni para sobreviver no meio social e ainda traz um resquício de evidência de que o paciente considera o amor e a sexualidade como campo de produção.

Esse episódio se passa numa sala de atividades físicas do CAPS, ampla, com tatames, uma parede de espelhos e uma mesa com cadeiras. O paciente achou interessante o tatame, tirou os chinelos e disse que o tatame era mesmo macio, que seria diferente termos um atendimento sentados ali, seria interessante. Perguntou se acontecia

ioga naquela sala, eu expliquei que não, que as aulas de ioga eram ministradas em uma escola fora do CAPS, naquela sala esporadicamente aconteciam exercícios de alongamento. Giovanni questionou sobre a possibilidade de melhor uso da sala, talvez lá pudesse ser organizado um bazar, com a produção artística dos pacientes CAPS produzidas na oficina de pintura. Porém, antes eles deveriam ser educados a produzir artigos de real valor, para a venda, pois o nível de produção da oficina é simplesmente terapêutico e ocupacional. Giovanni entende que as pessoas devem ser reconhecidas pela sua produção.

Sugeri que contratassem profissionais de pintura, dessa forma até ele se interessaria em participar, mas teria que ser algo com técnica. Contou que já fez aula de desenho a algum tempo, que sabia desenhar algumas coisas, perguntei o que ele costumava desenhar, ele disse que casas, árvores, o que viesse em mente, era algo livre. As aulas haviam acontecido quando tinha cerca de 12 anos de idade, Giovanni disse ainda lembrar de algumas coisas aprendidas, porém esta há muito sem qualquer prática.

Perguntou então se ele poderia desenhar aquele dia, se teria material disponível, parecia animado com a possibilidade. Perguntei o que gostaria para o desenho, ele pediu lápis e papel. Sentamo-nos à mesa. Busquei o material, o rapaz perguntou o que ele deveria desenhar, que fazia muito tempo que não desenhava, não sabia por onde começar. Ensaiei algumas poucas vezes encostar o lápis no papel, então pediu uma folha menor, olhou pro tamanho do papel, falou que era muito grande e disse que não era profissional e sorriu. Eu havia lhe dado uma cartolina. Perguntei se uma folha de sulfite serviria, ele disse que sim. Trocamos o papel, ele checou discretamente, sem me perguntar, quantas folhas havia e ensaiou novamente encostar o lápis no papel diversas vezes. Manteve a justificativa de que fazia muito tempo que não desenhava, estava totalmente sem prática.

Então me disse que faríamos diferente, que eu dissesse o que eu queria que ele desenhasse, não precisava dizer o desenho, mas que falasse alguma coisa, para dar ideia a ele. Perguntei o que ele estava pensando para ter essa ideia do desenho. Ele hesitou mais um pouco e finalmente começou o desenho. Fiquei em silêncio. Passado um pouco dos primeiros momentos em que estava fazendo os primeiros rabiscos, ele disse: *Você pode conversar, me perguntar as coisas, não atrapalha*. Nesse momento o desenho que estava começando não tinha muita definição mas parecia uma árvore, Giovanni havia começado pelas raízes.

Perguntei sobre o que estava desenhando, ele disse que era uma árvore e as raízes. Começou a desenhar pequenas folhas, uma a uma, e falou que estava apenas começando, que exigia técnica mas há muito ele não desenhava, que talvez demorasse um pouco. Perguntei mais um pouco sobre a época que frequentava o curso, com que material costumava desenhar, ele disse que com lápis mesmo, não havia chegado a treinar muito com tintas. Falava muito da técnica do desenho mas ressaltava a falta de prática.

Ainda não estava nem na metade das folhas ainda, me avisou, disse estar já um pouco cansado de repetir as folhinhas. Perguntei por que ele tinha desenhado aquele tipo de folha, ele disse que era o tipo que ele sabia e sempre desenhava, não costumava desenhar árvores com folhas grandes como palmeiras e bananeiras. Perguntei então qual era aquele tipo de árvore, ele respondeu: *Do tipo daquelas que tem no canteiro central das Nações Unidas* (Avenida da cidade que possui um canteiro central cheio de pequenas árvores) *sabe?* Comunicou que ia parar por ali quanto ao volume da árvore mas que deveria ter muito mais, parecia que estava podada, aparada. Completei, afirmando que aquele tipo de árvore das Nações Unidas são ideais para serem podadas, e ele confirmou de modo bem humorado meu comentário. Curiosamente, em um antigo atendimento médico transcrito em seu prontuário, o paciente comentou que se sentia como uma árvore podada impossibilitada de gerar frutos, assim deveria ter ajuda da médica para dar fim a sua vida.

Quando terminou as folhas pedi pra falar sobre o desenho. Comentou que a árvore tinha ficado meio desproporcional, mas como era um desenho livre não um retrato não havia a obrigatoriedade da proporcionalidade. Falou que havia começado pelas raízes, considerava essencial para a árvore, mas que também estava desproporcional, afinal as raízes deveriam ser bem maiores, essa árvore deveria ser daquelas que as raízes são longas, e tem outras pequenas raízes penduradas nos galhos.

Em seguida, desenhou algumas nuvens, olhou para o desenho por alguns segundos e falou: *faltam algumas coisas... Engraçado né... Parece que essa árvore está voando!* E riu. Apressou-se em fazer o solo, duas retas saindo da lateral das raízes.

Começou a fazer do lado direito do desenho uma segunda figura, esperei se delinear, percebi que eram folhas, então perguntei o que era. Giovanni explicou que era uma planta, questionei sobre o tipo, ele explicou que era daquelas como a Espada de São Jorge, mas não exatamente essa.

Fez arbustos do lado direito por detrás do cenário já existente, falou que era daquele tipo de vegetação de beira de estrada, no início da mata fechada, baixa mas densa, uma vegetação daninha. Começou a desenhar um retângulo que me disse ser um muro. Este também estava bem desproporcional segundo Giovanni, de acordo com o tamanho dos outros elementos do desenho, mas como era um desenho livre e não um retrato aquilo podia acontecer. Fez o muro e um portão que parece de madeira.

Em seguida começou a desenhar uma casa que aparece pela metade na figura. Fez o telhado em duas camadas, com retas quase perfeitas. Fez uma chaminé. Voltou para a paisagem, fez os arbustos do lado esquerdo do desenho e depois voltou à casa. Fez fumaça saindo da chaminé e tijolos à mostra no muro. Continuava a reclamar sobre a dificuldade de técnica e a dificuldade que o material proporcionava para desenvolver qualquer técnica. Falou de uma técnica que havia aprendido na escola, que com um estilete se tirava lascas do grafite do lápis e com um algodão espalhava a gravete pulverizada, dando uma maior sensação de leveza ao desenho. Usou a borracha para melhorar a fumaça e parecia um pouco mais satisfeito com o resultado.

Conversamos mais sobre o desenho e o que significava. Ele mencionou algo a respeito do tempo, disse que poderia levar pra terminar em casa, mas queria terminar ali, eu disse que ainda havia algum tempo, que ele poderia continuar. Sobre os significados do desenho, perguntei sobre a árvore, se ela fosse uma pessoa, quem ela seria. Depois de um silêncio breve olhando para o desenho respondeu: *Se ela fosse uma pessoa... Ela teria uma companheira.* E apontou para a planta ao lado da árvore. Falamos também sobre a casa, ele falou que a fumaça era sinal que tinha vida ali dentro, que tinha talvez uma família, pessoas, podia ser fumaça de uma lareira ou de um fogão à lenha.

Desenhou montanhas, explicou mais sobre técnica e perspectiva, falou que havia aprendido mas não tinha aplicado àquele desenho, fez um chafariz com pássaros, fez um sol com raios muito amplos. Perguntei se o sol estava nascendo ou se pondo, ele disse que isso era uma pergunta muito importante, mas mudou o foco da conversa e não respondeu. Explicou que a casa não teria janelas pois poluiria o desenho. A mesma coisa disse sobre a falta de ranhuras na árvore. Ficou fazendo efeitos no topo das montanhas por fim.

Falou que achava que estava pronto, não faltava mais nada. Afirmou que o trabalho deve ser reconhecido, que a aplicação de técnicas na hora de desenhar valoriza o trabalho, esse reconhecimento pode gerar renda e dar um outro meio de viver para as

pessoas. *Por exemplo, se eu tivesse dinheiro, poderia dar presente pra minha namorada.* E me entregou o desenho. Perguntei se era meu, se poderia ficar, ele disse que sim, pedi então que assinasse.

O primeiro destaque desta transcrição diz respeito à produção pessoal que Giovanni tanto anseia por fazê-la. Desde o início do atendimento ele faz referência a essa sua vontade. Começa por querer transformar a sala de ginástica em local de bazar de artes. Porém, produzir para ele implica em ter técnica, o que há muito ele diz não saber o que é. Ressente a falta de técnica durante toda a sua produção do desenho. Além da técnica é afligido pela necessidade de ser ordenado no que produzir. Apresenta evidências comuns aos traços suscitados sobre a psicose, é necessário um Outro que diga o que ser/fazer. Tal como seu desígnio misterioso, sem o conhecimento da técnica para o por em prática se torna quase impossível realizá-lo. É um enredo que se repete quando surge para Giovanni a vontade de produzir. É atravessado pelo desejo do Outro e os modos que esse Outro fornece a ele para existir.

A árvore podada de Giovanni retrata os cortes na autoprodução, bem como, concomitantemente retrata os cortes sofridos por Giovanni devido à sua estruturação. Tem de ser modelado, imitador, igual a outras árvores que só servem de enfeite. Traduz-se nas “árvores podadas de canteiro” a possibilidade que Giovanni sinaliza de se sentir apenas uma existência sem maior utilidade, a não ser a de enfeitar e imitar, ser igual às outras árvores de enfeite.

Giovanni desenha uma árvore solta, que voa, que tem raízes, nasce através delas, mas não as tem fixadas em nada. Não há solidez, como o inconsciente a céu aberto é a árvore flutuante de Giovanni. Mesmo apressando-se em fornecer solo para ela, tal como ele se refere à sua condição, ela já se originou assim, desde o começo do desenho não havia solo. Um paradoxo se apresentava nas raízes. Giovanni tão preocupado em apressar-se em desenhar esta parte específica da árvore e fazê-la de modo com que fosse grossa e extensa o suficiente esqueceu-se do solo ao qual ela se fixa, algo que possibilita pensar nas tentativas de ajuste ao mundo neurótico, de “prender-se ao chão” mas que “sem querer” acontece nas suas vivências sempre de forma “solta”, não correspondendo ao modelo apreendido, resultando em algo frequentemente muito particular, longe do que ele considerava ideal que havia adotado e deveria ser reproduzido.

Finalmente, do lado da árvore há uma outra planta, que ele mesmo nomeia como companheira, possibilitando o observador a crer numa representação do desejo de conhecer o que é relacionar-se amorosamente, para o desenho.

Tal como é o desenho de Giovanni é seu discurso, por isso a possibilidade de dedução de alguns símbolos. No que concerne à vida presente do paciente seu discurso gira em torno do tema trabalho e produtividade.

Comenta sobre a falta de sentido da existência humana com que tem se deparado afinal está excluído da moral da civilização que integra. O mundo atual é um mundo de ética capitalista. Deve-se produzir para obter algo em troca e assim atingir satisfação financeira, que subsidia os outros modos de realização. O sentido dado pelo homem ao mundo é o de um mundo voltado para a produção.

Sem produzir, Giovanni é obrigado a se deparar todo dia com a falta de sentido. Deus não responde e dá sentido aos seus questionamentos. Além disso, o sentido que os homens dão à vida, muitas vezes, é contraditório ao sentido que a vida deve ter segundo a palavra divina transmitida pela bíblia.

Giovanni testemunha a falta de sentido na ética mundana, vê os homens viverem de “pão e circo”, trabalhando muito por pequenos momentos de prazer e entretenimento tolo e sem sentido. Toda a filosofia e ciência na qual foi educado é desmentida, deixada de lado, da mesma forma é a palavra divina.

No cerne dessa crise surge uma luz, ainda em forma de dúvida, mas uma nova possibilidade de entendimento da mensagem de Deus para Giovanni. Se o mundo está perdido, e também ele não encontra o sentido de sua vida nesse mundo, talvez não seria ele a salvação desse mundo nefasto e sem sentido divino? Giovanni ressurgue com a ideia da morte, agora a morte significa salvação. A dúvida nova se constitui: *Se eu morrer, serei eu que solucionarei os problemas desse mundo perdido?*

Giovanni volta a considerar a possibilidade do suicídio. A cada dia que passa, ao ver as tristezas e desgraças apresentadas nos noticiários percebe que talvez essa seja a resposta divina. Apresentei a ele a outra face da questão para que discutamos: - E se você morrer e o mundo não for salvo ou modificado? E se esse não for seu desígnio?

Passamos a dividir a dúvida. Os últimos meses de atendimento giram em torno da dúvida sobre a morte ser sua produção ou ser sua desistência da produção, da tarefa designada por Deus que ainda não foi revelada.

Giovanni traz para os nossos atendimentos a discussão a respeito do suicídio através da ótica católica, deixando claro que entende que este é um ato reprovável. Encontra exemplos em que a vida é dada em troca de redenção da humanidade na bíblia, mas em nenhuma delas os sujeitos redentores se matam. Assim mantém-se no impasse da produção.

É interessante rememorar a dialética Ser/Ter vivida pelo sujeito no Édipo, marcado pelo impasse entre ser o desejo da mãe ou possuir o que ela deseja, iniciando a descoberta do significante que marca o desejo materno e fazendo com que o sujeito descubra que não é ele o objeto de desejo do Outro. É nesse momento a inauguração das simbolizações. A descoberta da criança da possibilidade de ter o desejo da mãe abre caminho para as demais simbolizações a surgir que findarão na resolução edipiana.

Quanto a Giovanni, ele deixa claro que sua dúvida diz respeito a ele *ser* ou *não ser* o que Deus tem ordenado a ele. Seria ele o salvador do mundo? Seria ele o que Deus quer? Situado na primeira etapa da dialética que inaugura a instauração do símbolo é que se deduz que Giovanni se situe, fato que possibilita apreensão de mais uma característica da estrutura psicótica.

O amor e a sexualidade também são levantados como hipótese produtiva, afinal os homens têm como finalidade povoar a terra segundo as escrituras sagradas. Assim casar-se e ter filhos seria uma alternativa de produção, de seguir as ordens de Deus, mas ainda considera essa a hipótese mais difícil de realizar e a classifica entre as mais martirizantes de não poder acessar.

É curioso que em alguns dos atendimentos que trazia o impasse de vida e morte, sem um vínculo explícito revezava a temática com as questões do amor, em especial em afirmações de caráter transferencial. Certa vez que falava do impasse, no final de um atendimento, visualizou um anel que uso na mão direita e disparou a me perguntar: *Você é casada? Seu anel é uma aliança?* Respondi que não. Ele continuou: *Mas tem namorado sim?* Respondi positivamente, Giovanni fez silêncio e depois de alguns minutos exclamou em murmúrio *Nossa!* Questionei porque fazia tais perguntas. Ele não se deteve: *Mas é sério ou vocês estão só se conhecendo? Digo, você gosta dele?* Respondi com outra pergunta: - Quando as pessoas namoram, se gostam ou podem estar só se conhecendo? Ele não hesitou: *Ah, elas podem estar só se conhecendo... então como estava falando da dúvida, essa é minha dúvida.* Perguntei: - Ainda sobre o suicídio? Ele: *Nosso tempo acabou né, no nosso próximo atendimento me lembre de voltar a esse assunto.* Eu: - Sobre a dúvida? E Giovanni encerrou: *Não, sobre o anel.*

Obviamente havia ficado claro uma relação implícita entre as temáticas – O seu impasse de vida ou morte e o amor. Situações parecidas se repetiram, em que os temas eram associados sem nenhuma conexão óbvia, em especial com referências à minha pessoa. Curioso era o fato que nos primeiros meses de atendimento, por quase um semestre, Giovanni parecia ignorar a minha existência no atendimento. Era literalmente

um solilóquio. Falava 50 minutos ou mais sem admitir minhas interrupções, nem que fossem para corroborar sua fala. Sempre desconsiderava o que eu dizia, às vezes sem me dar espaço para manifestar-me. Eu arrisquei algumas oportunidades, mas logo que percebi essa recusa permiti que ele fizesse uso de seu espaço como quisesse, falando estritamente o essencial de início.

Com o passar do tempo, especialmente depois que ele me convidou a conhecer um jogo que ele próprio havia criado e usado mais de uma hora para me explicar a dinâmica desse jogo, minha participação passou a ser mais bem aceita. A impressão é que Giovanni me notou na dupla analítica. Tal como perguntara sobre o anel/aliança, à época de tais indagações sua abertura para a minha participação estava tendo início, uma *aliança analítica* estava sendo constituída.

Talvez por não me instituir como Outro e impor minha participação inicialmente, mas tendo seguido a posição de ouvinte buscando ocupar a posição de secretariado do psicótico sugerida por Lacan (1955-56), validando o espaço de fala de Giovanni, bem como seu discurso, o vínculo transferencial possa ter sido instituído.

Apenas após esses episódios é que Giovanni me propôs que eu escutasse o que havia de grave e sigiloso a seu respeito, tão pesado que para ele mesmo era difícil de falar. Como um acordo feito, apenas depois desse processo é que o paciente me contou sobre a construção delirante aqui relatada anteriormente. Apenas após um ano de atendimentos conheci a história do desígnio divino de Giovanni e pude constatar a natureza de sua estrutura. O elemento de troca foi o reconhecimento do espaço analítico como seu momento de fala.

Dunker (2003) ao mencionar a relação transferencial nos atendimentos a psicóticos comenta que há a necessidade de ser estabelecida no seu início a construção de uma espécie de código em que o sentido seja suficientemente ambíguo para conter o delírio e incluir socialmente o sujeito.

Entendo que todo caso de psicose exige, especialmente em seu início, a construção de uma espécie de código ou micro universo de sentido que possa ser suficientemente ambíguo para conter o delírio e para incluir socialmente o sujeito. Em outros casos, essa referência pode ser a religião, o saber, a televisão e até mesmo o universo de carros ou esportes. Em suma, um código que possua uma consistência compatível com a história do sujeito e ao mesmo tempo possa funcionar como metonímia e metáfora do universo simbólico humano. No caso de Schreber, nós também encontramos essa linha de base, chamada por ele mesmo de a língua fundamental (Grundsprache). Entendo que em todo caso de psicose devemos encontrar essa língua fundamental, pois é a partir dela que se pode pensar o lugar do analista na transferência. [...] Trata-se de uma espécie de linha de base, a partir da qual os fenômenos de incompreensão podem ser traduzidos sem que com isso se produza uma metáfora efetiva (DUNKER, 2003, p. 6 e 7).

O autor explica que essa língua fundamental é de serventia para permitir uma nomeação das questões do sujeito ao produzir um universo a parte, sendo este o lugar e modo de expressão que adota para lidar com a falta de sentido induzida pelo desencadeamento da psicose. Neste sentido, o sujeito não supõe um saber do analista, mas lhe atribui este saber através da partilha da sua língua fundamental.

Assim, as referências de Giovanni a mim não tinham um caráter erotomaniaco, constituíram a minha inserção no seu universo linguageiro, já anunciado desde a pergunta feita pelo telefone a respeito da minha escolha religiosa.

Assim, possivelmente como propõe Diogo (2008) em sua tese de doutorado a respeito da possibilidade de construção do laço social na psicose partindo do pressuposto da possibilidade do laço analítico servir de modelo para outras vinculações, a relação analítica se construiu, talvez ainda não reconhecido como produção por Giovanni, mas formula uma evidência da possibilidade de construção de outros modos de fazer laço particulares à psicose.

3. Caetano

Caetano é paciente do CAPS há aproximadamente 10 anos, quase o mesmo tempo de trajetória que a instituição tem em sua existência. Chegou ao serviço trazido pela família. Vinha de outro estado em busca de tratamento e recomeço de uma vida marcada pelo uso de drogas relatado por seus parentes.

É um homem adulto, atualmente tem cerca de 30 anos de idade, mora sozinho, solteiro, sem filhos, aposentado em decorrência do transtorno psicótico a pedido médico. Possui familiares em Porto Velho e veio morar aqui porque havia se envolvido em problemas na sua cidade de origem. A família informou que foi usuário de drogas e que chegou a ser internado em uma instituição de recuperação, da qual fugiu, sendo esse acontecimento motivador para a remoção de Caetano para outra localidade. O início do distúrbio psicótico é remetido a essa etapa de crise em sua vida, sendo o contato com substâncias alucinógenas o possível fator desencadeante.

A mãe do rapaz morreu quando ele ainda era criança, foi deixado por seu pai para ser criado por tios, com quem morou até a adolescência. Caetano saiu de casa no início da vida adulta, na época que ingressou no exército para cumprir serviço obrigatório. Relata que sua infância foi sofrida pois sentia muita falta de carinho e atenção, acredita que só sua mãe poderia ter suprido tal demanda e mantido a família unida. Era tratado pelos tios como alguém que lá estava para servir, o trabalho doméstico sempre recaía sobre sua responsabilidade, sentia-se discriminado e desvalorizado quando se comparava com seus primos.

Atualmente se relaciona pouco com os parentes que vivem na mesma cidade que ele, procurando-os apenas quando necessita muito de alguma assistência. Sente que eles não fazem muita questão de proximidade, até porque são pessoas com seus próprios mundos, descreve Caetano, com funções sociais valorizadas, não possuem tempo nem disposição para lidar com o membro problemático da família, talvez até temendo que suas imagens sejam afetadas em extensão pelo preconceito que a sociedade dispensa a ele.

Remete o desencadeamento de seu distúrbio – modo como ele se refere ao quadro psicótico – ao contato com tintas à base de mercúrio, produto que o intoxicou quando trabalhou como pintor em um período posterior ao cumprimento do serviço militar. Nega veementemente a dependência química, por vezes fala que foram bobearias

de adolescência, nada além de pequenos experimentos, outros momentos não admite sequer ter experimentado alguma substância ilícita.

Sustenta-se com sua aposentadoria, é autossuficiente na administração de seu dinheiro, paga aluguel, compra e prepara sua própria comida, esporadicamente separa alguma quantia para investir em produtos para a revenda e pequenos negócios de aparelhos eletrônicos e compra suas próprias roupas e objetos pessoais. Caetano não depende de ninguém para subsistência, e prefere que assim seja, apesar de algumas vezes deixar entender que gostaria de receber mais atenção dos familiares.

Quanto ao seu distúrbio, me explicou que é algo que não afeta seu *racional-lógico* (fala do paciente). Assim, administrar sua vida de maneira independente não é uma dificuldade que enfrenta. Os remédios que toma servem apenas para ajudar a controlar alguns tremores e isolar os sentimentos negativos que o fazem entrar em crise – descritos como um *pânico do medo*, mas não os aniquila, dessa forma servem apenas para a manutenção de uma melhor condição de vida. Esclareceu-me que não é louco, nem rasga dinheiro ou perde a noção de si. Nunca teve um surto que perdeu a consciência do que estava fazendo, nem precisou ser internado, fato corroborado por seu registro médico, pelo menos no que concerne a última década de vida de Caetano, durante a qual tem sido assistido no CAPS. Porém, sabe que a simples ingestão de medicação controlada é tida pela sociedade como uma evidência da loucura. Já se sentiu discriminado por causa da tomada de conhecimento por vizinhos a respeito de seu tratamento psiquiátrico, se vendo obrigado a mudar de bairro para se sentir menos observado. Assim prefere manter apenas para si os detalhes dos cuidados com sua saúde psíquica.

O cerne de sua condição Caetano atribui à sua história pregressa. A falta de afeto e da figura materna fez com que dentro de si se constituísse um vazio que nada o supre. Sente-se rejeitado como filho pela família com que foi criado e também pelo pai que abriu mão de Caetano quando criança. É como um trauma que o faz temer por uma reedição. E é disso que a medicação protege o rapaz, das fortes emoções que a reaparição da rejeição tem como consequência. Já passou por graves padecimentos ligados à sua problemática crucial. Certa vez rejeitado por uma mulher por quem havia se apaixonado deprimiu e emagreceu 20 quilos em menos de um mês. A sociedade o rejeita quando expõe sua necessidade de atenção psiquiátrica, mais uma maneira de reedição do trauma. Caetano tem de buscar meios para contornar a rejeição e não se

deixar tomar pelo vazio deixado pelo abandono ocasionado pela morte prematura da figura materna.

A única alternativa que seria efetiva no solucionamento permanentemente sua condição é identificada por Caetano no amor – a vivência de uma relação amorosa. Mas há de ser um amor para toda a vida, intenso, incondicional e especial. Acredita que quando encontrar esse amor e viver essa relação não precisará nem mesmo dos remédios. A cura se fará pela doação dele de tudo o que não recebeu de amor na sua vida e mais do que poderia ter recebido, receberá também todo amor que ainda não conhece, suprimindo seu vazio irremediável.

Para um amor tão peculiar, Caetano não espera nada menos que uma mulher excepcional. Há de ser alguém que supere todos os outros amores que ele já viveu, que seja mais grandiosa, de alta estirpe, educada, inteligente. E ele tem certeza de que será assim, partindo das referências de amor que já teve. Seis de suas muitas namoradas, em especial, chegaram perto desse ideal, o que o faz crer que deve existir alguém que irá além, já que constatou a existência de grandes mulheres, como ele as nomeia.

As grandes mulheres costumam apresentar como diferencial o modo como tendem a tomar a iniciativa no jogo da conquista. Segundo Caetano, uma grande mulher não tem medo da recusa e nem espera que o homem venha tentar conquistá-la, mas se aproxima pois sabe exatamente quem deseja e como agir para atingir sua meta de conquista amorosa.

Todavia, essa referência é acompanhada da certeza de que toda grande mulher traz consigo situações de grandes dificuldades a serem superadas para que a relação se concretize, o que faz com que se prepare para a chegada desse momento e para o enfrentamento desses obstáculos.

Sua relação com Deus, peculiar e de natureza fora da compreensão humana o confirma que está guardado para ele o amor maior de sua vida, o que alimenta suas esperanças de realização de seu desejo. Caetano afirma que não precisa sair procurando por sua amada, Deus a reservou para ele e a colocará em seu caminho para que a relação se inicie espontaneamente.

Todavia, achar essa mulher já se faz uma tarefa árdua, antes mesmo de conhecê-la, afinal é confundindo por todas as outras mulheres que o procuram. Caetano me relatou que é intensamente procurado por todos os tipos de mulheres, de todas as idades, classes sociais, estados civis... Ele percebe que tem algo – que não sabe nomear – que atrai incondicionalmente todas as mulheres dos lugares que passa. *Quando estou em*

algum lugar, se não for cem por cento, ao menos noventa por cento das mulheres que estão em volta me olham e me desejam, às vezes até mesmo sem elas notarem. Olha, não é pra me gabar, não gosto disso, mas acontece mesmo, juro pra você!

Caetano explica que não sabe como exerce toda essa atração, afinal nem se acha um sujeito tão bonito assim. Ao passo que afirma isso esboça um pequeno sorriso que entrega a vaidade pouco disfarçada. Diz que um parente dele com quem tem mais contato afirma que quando ele for mais velho, tiver 45 ou 50 anos vai ser um “coroa” muito bonito, relato que costuma emendar às suas negativas de vaidade e autopromoção.

Todas essas mulheres que atrai na verdade não são vistas por Caetano com olhos positivos quando pensa no amor que espera receber, elas acabam importunando o rapaz. Quando ele as rejeita, desperta nelas um sentimento de ódio, me explicou. Já que elas não podem tê-lo então farão com que nenhuma outra possa também. *Você sabe como é mulher né? Se não podem ter não deixam quem nenhuma chegue perto, competem entre as amigas de forma secreta, fazendo intrigas até que a única que está de fato se relacionando com o homem desista dele. Inventam todo tipo de acusação, mas disfarçam mostrando serem amigas e confidentes.*

Conta que acontece sempre nas vilas em que mora, chama muita atenção e então rapidamente alguma mulher que não é ideal para ele se sente atraída mas não recebe a atenção que esperava e começa a difamá-lo, começo comum das muitas confusões que já viveu nos lugares que morou. Esporadicamente tem de se mudar pois em torno de si são criados os mais impensáveis conflitos.

Outra origem desses conflitos é o modo como é visto pelos homens. Como atrai despretensiosamente a grande maioria das mulheres à sua volta, Caetano desperta muita inveja e ódio nos homens do meio em que acontece toda essa atração feminina. Relata que é como entre os animais, os homens muitas vezes nem se relacionam amorosamente com essas mulheres, mas inconscientemente as percebem como componentes de seu grupo do qual se sentem os machos alfa, responsáveis e possuidores dos representantes do gênero oposto. Quando percebem que elas estão atraídas por alguém de fora daquele grupo querem proteger suas “posses”.

Nesse contexto de atração e ódio é construído um sentimento paranoico que domina as preocupações diárias de Caetano. Desde a juventude na sua cidade de origem Caetano percebe a inveja e o ódio dos homens em relação a ele. As meninas sempre perguntavam por ele aos primos e amigos, que mentiam dizendo que não era uma boa pessoa, conquistador que não respeitava o sentimento das mulheres, falso, mau caráter.

Na época em que trabalhava como pintor o dono de uma casa que fazia um serviço o alertou que havia ido lá um sujeito armado procurando por ele. Tinha dito que iria matá-lo pois tinha recebido ordens de um outro homem que não admitia as conquistas amorosas de Caetano em relação à alguma mulher de sua família.

Caetano relatou que já havia sofrido diversas tentativas de assassinato. Mas sua elevação espiritual e a proteção divina faziam com que todos aqueles que tentassem contra ele sofressem dos piores padecimentos. A perseguição dos homens a ele era algo frequente e que independia de local que estava morando, sabia que sempre teria que lidar com aquilo.

Confessa que não entende bem porque isso acontece, afinal tenta ser o mais discreto em tudo que faz e no quanto circula nas áreas sociais, especialmente depois que percebeu toda essa carga de inveja e ódio especialmente advinda dos homens. Conversa com muito poucos vizinhos ou conhecidos. Diz não ter amigos porque sabe que amizade não existe, tudo é fundado na disputa pela procriação.

Certo atendimento em que tratávamos do que poderia ser o fator causador de toda essa perseguição dos homens a ele, chegou-se à conclusão que talvez por tentar se esconder demais instigasse dúvida e curiosidade, fato que alimentava a atenção que chamava de todos por onde passava. Parecia que a mensagem que Caetano emitia ao tentar ocultar-se era a de “olha-me”. Não se apresentando explicitamente instigava a vontade no outro de saber quem ele era. Definiu com suas palavras de que se tratava de um “anônimo conhecido”.

Outra interessante definição dada a si mesmo é de que era percebido como um “lobo”, uma ameaça ou um predador que atraía e colocava em desequilíbrio o domínio dos outros homens. Mas a verdade era que não passava de um “cordeiro”, alguém manso, carinhoso, que procurava ser amado e não tinha intenção de conquistar todas aquelas mulheres que enlouqueciam por ele. Era um “cordeiro em pele de lobo”, definiu Caetano.

Relata ainda que essa atração que exercia nas mulheres era de maior poder, mas em todas as situações e locais era uma figura sempre percebida, mesmo que não houvesse interesse sexual na sua pessoa. Podia ir a uma loja apenas uma vez, mas os funcionários daquele lugar lembrariam-se dele por um longo período, se considerava uma figura marcante, ainda que não soubesse explicar por que. Esse era o fundamento que complementava sua concepção de anônimo conhecido.

Toda essa atenção fazia com que Caetano precisasse de tempos em tempos mudar-se, distrair toda essa atração exercida e intensificada especialmente nas vilas que morava. Havia sempre a chegada de um momento limite suportável para habitar em certa localização. Como está em Porto Velho já há alguns anos, pensa até em mudar de cidade, mas sabe que isso não depende só de sua vontade, mas de desígnios divinos.

Quanto à sua relação com Deus e sua resignação perante ele, Caetano quis me contar muitas coisas, mas sempre enfatizava que era algo tão difícil de por em palavras que talvez nunca conseguisse explicar a dimensão de sua relação com Deus e toda a sabedoria que possuía a respeito do universo.

Sabe que esta terra é um pequeno mundo onde os espíritos em evolução estão buscando redenção e crescimento, como os muitos outros mundos que existem por aí. A forma humana é só uma das mais inferiores formas que um espírito pode acatar em toda sua existência. Sobre si, sabe que está na terra para que o encontro com a mulher ideal o proporcione maior grandeza espiritual e possa se tornar um ser mais elevado na próxima etapa da existência extraterrena.

Esse conhecimento e todos os outros adquiriu durante a passagem por outros níveis espirituais, o acesso a essa consciência na existência humana acontece através de um estado de sensibilidade que atinge involuntariamente em ocasiões que não pode prever. Caetano o chama de “estado alfa”, uma condição que seu espírito atinge, muitas vezes deixa seu corpo e tem contato com contextos e personagens místicos que não consegue especificar bem.

A capacidade de vivenciar tal fenômeno é uma pré-disposição que o rapaz carrega desde o início de sua existência, porém se concretizou pela primeira vez depois do contato com a tinta, o que fez aflorar seus sentimentos e processos neuronais mais profundos. Assim, o distúrbio possui uma dupla valoração para Caetano. É prejudicial por deixá-lo vulnerável e é positivo quando trata da sensibilidade espiritual aguçada que atingiu.

Caetano, ao relatar sobre suas experiências e características de ordem espiritual e modo como se sente relatou que nos períodos circundantes ao momento de experiência do estado alfa é como se fosse uma “mulher grávida”. Sensível emocionalmente, tem seus sentidos aguçados e sua percepção cenestésica despertada.

Tal definição de seu estado foi de grande valor, uma primeira evidência que se repetiria com o mesmo conteúdo em outros formatos. A caracterização de si mesmo

com adjetivos femininos colaboraria para uma possível análise à luz da psicanálise de sua estrutura psíquica e do fundamento de sua formação delirante.

Em outro contexto, quando abordava suas questões amorosas, Caetano me relatou mais sobre como pensa ser o momento de aproximação com a mulher ideal, comparando com o que já viveu com as outras grandes mulheres de sua vida.

Como citado anteriormente, elas são quem devem se aproximar. Acha que essa atitude marca a força da personalidade da mulher, e que as mulheres num geral já estão acostumadas a ser selecionadoras, ser quem diz “sim” ou “não” no contexto da sedução. Tanto o é que Caetano prefere não se arriscar, sabe que faz parte do jogo de aproximação amorosa da sociedade contemporânea mas não admite um não como resposta quando ainda não pode vincular-se a pessoa e mostrar quem realmente é, sendo esse o momento real em que alguém pode ou não escolher iniciar uma relação, a seu entender.

Arriscar-se na aproximação ainda o deixa vulnerável a uma possível pequena, mas ainda assim significativa, reprodução da rejeição que carrega consigo desde criança. Caetano na sedução se apresenta “como uma mulher”, descreve. Ocupa a posição feminina de ser conquistado e seduzido, recebe aproximações, situa-se na posição de selecionador. Mas enfatiza: *Sou como uma mulher mas gosto de mulheres. O feminino é só a posição que escolho, na espera que a mulher se aproxime de mim. Ajo de modo feminino mas com gosto de homem. Não aprovo nada de homossexualidade, isso é coisa de doente.*

Quanto à frequência do contato sexual mantém a mesma posição de “ser como uma mulher”. Afirma saber que os homens transam aleatoriamente por que devem procriar o máximo que puderem durante sua vida, é da natureza deles. Com seu espírito diferenciado, Caetano age de forma diferente. Na maior parte das vezes que acontece algum contato sexual, tal fato só se sucede por que provavelmente ama ou sente algo muito forte pela mulher com quem o realiza.

Sabe que as mulheres que normalmente agem assim, precisam ter envolvimento sentimental para se disporem ao contato sexual. Assim também é Caetano.

Só transo por amor, não consigo fazer sexo sem que ame a mulher com que estou. Das poucas vezes que aconteceu sem essa condição foi péssimo, forçoso e sem graça. Normalmente nem consigo, posso passar meses sem transar, ter ereção ou ficar excitado se não estiver amando alguém ou se tiver me decepcionado.

Caetano já foi questionado se era homossexual por seus vizinhos pois nunca o veem com mulheres, e recusa as que costumam tentar aproximação. Ele fala que não se importa, sabe que boa parte da atração que exerce sobre as mulheres é devido a sua potência sexual, mas elas não entendem que só consegue atuar sexualmente em seu ápice quando ama a pessoa com quem acontece a transa.

“Com amor vale tudo”, me disse o rapaz. Todas as realizações de fantasias sexuais e qualquer que seja a posição do ato sexual são aceitas e permitidas quando há o amor, Deus fez o sexo dessa forma para que a relação de um casal seja estimulada e prazerosa, viabilizando a reprodução e monogamia. Certo atendimento me falou sobre alguns de seus fetiches. Um deles é o uso de salto alto fino. Explicou que ele gostava de presentear as mulheres que namora com sandálias delicadas e de salto alto. A mulher deve manter-se calçada durante o ato sexual, a realização desse fetiche faz com que sua potência sexual seja redobrada. Não conseguiu porém entrar em detalhes da significação do salto alto, era algo que não sabia explicar porque o fazia se sentir tão estimulado sexualmente.

Já o outro fetiche que mencionou nos atendimentos, conseguiu tecer mais comentários a respeito do que poderia simbolizar, talvez porque fosse algo que já havia conseguido colocar em palavras em outras situações. Tratava-se da forte atração que sentia por mulheres que jogavam sinuca. Caetano adorava vê-las jogar, aquilo exercia um poder de sedução sobre ele incomparável. Pensa em quando tiver sua amada ideal comprar uma mesa de sinuca para que ele possa admirá-la jogando.

Pudemos explorar melhor a respeito desse fetiche. Contou que acha que isso surgiu quando era criança, por volta dos 12 ou 13 anos quando ia com frequência a um bar da cidade onde morava e lá via mulheres jogando e também aprendeu o jogo, desde então começou a apreciar essa situação. Atualmente uma de suas maiores diversões e meio de socialização é sair para jogar sinuca. Às vezes vai aos bares só para apreciar as mulheres que jogam, mas normalmente isso acontece sem nenhuma premeditação, indo também para jogar com conhecidos.

Conversando sobre o tema, Caetano falou que considerava a sinuca um passatempo muito comum aos homens, talvez sendo esse um dos motivos que gostava de ver mulheres praticando-o, era excêntrico. Perguntei a ele se talvez por estarem exercendo uma atividade masculina, ele disse que sim, talvez fosse por isso, relacionando sua posição de observador diante das jogadoras com uma posição

feminina. Uma inversão de papéis, fator familiar a Caetano também em outros âmbitos da interação entre ele e mulheres.

Finalmente, o último ponto a ser suscitado aqui em relação a essa inversão de papéis, na qual Caetano é feminino e as mulheres com quem se relaciona atuam de modo masculino é em relação às grandes dificuldades vividas nos seus relacionamentos prévios e que também prevê acontecer quando chegar o momento do relacionamento amoroso permanente e ideal se anunciar.

As dificuldades são inúmeras, normalmente provenientes da família da moça, que não o aprova devido a sua falta de esteio familiar, duvidando de seu caráter e estabilidade emocional, afinal não tem ninguém por ele no mundo nem quem possa ser referência em sua vida. Outras já vividas são causadas pelo meio social que a mulher com quem se relaciona está inserida. Recai na descrição feita a respeito da inveja masculina e feminina, os amigos homens querem a “fêmea” de volta para sua “posse” e as mulheres se sentem rejeitadas por Caetano por ele ter escolhido apenas uma para relacionar-se, fatos que fazem surgir intrigas e desentendimentos que podem interferir na harmonia do casal. Há ainda a possibilidade de a dificuldade ser de ordem financeira, onde o grupo social e a família se voltam contra Caetano por conceberem ele como inapto em relação ao nível social e financeiro para relacionar-se com a mulher escolhida, afinal ela é de família rica e tradicional ou ocupa função social valorizada.

Curiosamente Caetano tem consciência que as grandes mulheres carregam a possibilidade de grandes dificuldades de relacionamento pois possuem características especiais, são sempre muito bonitas, inteligentes, ricas, bem sucedidas, de alta classe social, educadas. Entende tais dificuldades como algo a ser superado, especialmente pelo modo que a mulher propõe lidar com os conflitos. Assim, é possível deduzir que a grande mulher deve ocupar uma atitude masculinizada de defender a relação e o parceiro. Recaindo sobre ela não só a função de aproximação mas também de manutenção da relação.

Em troca, Caetano se apresenta como disposto a servir, compreender e satisfazer a amada. Certa vez deixou claro que não vê qualquer problema em exercer funções práticas femininas no dia-a-dia, limpar, lavar louça, cozinhar, foi até bem treinado na infância para essas tarefas, afinal realizava elas na casa de seus tios. Prefere até que assim seja pois não gosta da exposição social, ficar em casa zelando e esperando a mulher que trabalha fora é uma opção extremamente viável para ele na dinâmica de uma

relação, deixando clara a sua opção pelo feminino como referência em seu modo de ser e de relacionar-se.

Utilizando dos preceitos psicanalíticos, a análise dos atendimentos de Caetano pode ser feita partindo de pressupostos sobre o caráter paranoico que alguns tipos de psicose tendem a assumir.

Partindo do texto clássico freudiano que apresenta a análise de Schreber e sua *dementia paranoides*, a definição do mecanismo da paranoia é embasada em questões narcísicas do sujeito as quais costumam constituir uma tendência desejante homossexual.

Ao comentar sobre sua intuição a respeito de desejos homossexuais comporem completamente o cerne da paranoia, Freud (1911) afirma que ele mesmo chegou a duvidar do que estava supondo, reunindo-se com outros estudiosos da psicanálise à época para pesquisar sobre tal possível evidência em casos diversos atendidos por seus colegas. Para sua surpresa, independente de classe social, gênero, raça ou ocupação, a defesa contra o desejo homossexual figurava no centro do conflito subjacente à doença.

Os esforços psicanalíticos para compreensão do desejo homossexual findam na argumentação de Freud que associa essa espécie de desejo à etapa narcísica.

Esforçar-me-ei agora (e penso que a tentativa não é desnecessária nem injustificável) por demonstrar que o conhecimento dos processos psicológicos, que graças à psicanálise hoje possuímos, já nos permite compreender o papel desempenhado por um desejo homossexual no desenvolvimento da paranoia. Pesquisas recentes dirigiram nossa atenção para um estágio do desenvolvimento da libido, entre o auto-erotismo e o amor objetal. Este estágio recebeu o nome de narcisismo (FREUD, 1911, p. 68).

O autor resgata a possibilidade da ocorrência de fixações em qualquer que seja o período do desenvolvimento humano, assim argumenta que há grandes possibilidades, devido aos sinais emitidos pela tentativa de defender-se contra um desejo homossexual seja a comprovação que o paranoico na sua constituição atravessou a etapa do narcisismo de maneira peculiar, ocorrendo lá alguma fragilização que deixou marca no modo de se relacionar e escolher os objetos de amor.

Assim, segundo essa grande obra que marca o estudo psicanalítico a respeito das psicoses, o sentimento de inveja e perseguição de Caetano possivelmente está relacionado a um desejo homossexual do qual não consegue se defender por meios neuróticos.

Freud (1911) resume a um enunciado ou fórmula essa hipótese a respeito da paranoia: “eu (homem) o amo (outro homem)”. Os delírios seriam os modos de se defender desse desejo com o qual o sujeito não sabe lidar. O combate ao desejo resulta em contradições que retornam no real e podem ser elaboradas de acordo com cada classe de delírio. Por exemplo, os delírios de perseguição em relação aos homens transformam o enunciado em “Eu não o amo – eu o odeio”, todavia tal contradição não pode vir à consciência dessa forma porque o mecanismo de formação do fenômeno exige que os sentimentos internos sejam substituídos por percepções externas, o que recai na lógica do sujeito situar-se fora do simbólico, sem a capacidade de usar dele para expressar-se, submetido à forclusão, a questão inconsciente tem de retornar de fora, advinda do real. Freud utilizou do mecanismo de projeção para explicar a dinâmica paranoica, mas não conseguiu limitar a ela o fenômeno.

Todavia, a conclusão da ideia freudiana a respeito do delírio de perseguição resulta num novo enunciado “ele me odeia/persegue o que me desculpará por odiá-lo” e consequentemente leva ao resultado final “eu não o amo, eu o odeio. E o ódio com motivos, ele me persegue”.

Freud afirma que essa fórmula não deixa dúvidas que a pessoa odiada é alguém que outrora foi muito amado. Na história pregressa de Caetano não fica evidente quem poderia ocupar essa posição de objeto amado/odiado mas algumas menções ao pai deixa margem ao possível pensamento que ele é a figura que origina o sentimento de perseguição que Caetano atribui a todos os outros homens. Ele responsabiliza o pai por não manter a família unida, se sente abandonado mas não culpa a mãe, afinal ela adoeceu e morreu. Por outro lado o pai está vivo, não fez nada no passado para manter os irmãos unidos e promover um lar agradável. O pai veio embora para Porto Velho e entregou os filhos mais jovens aos tios, entre eles estava Caetano.

O ódio pelos perseguidores é facilmente percebido na exaltação que toma conta do paciente quando ele fala das ocasiões que pôde notar a tentativa de depreciação que os outros homens operavam contra ele. O ódio é tão potente que chega a infligir castigos operados por forças superiores. Caetano deixa claro que todos aqueles que tentam contra ele com certeza sofrerão retaliações, mas ele não moverá um dedo. Sua proteção mística se encarregará disso. Certa vez um homem sofreu um acidente e ficou em coma depois de ameaçá-lo de morte.

Dunker (2003) ressalta que a temática edipiana não é exclusividade do mundo neurótico, há algo que pode ser acessado sem que se tenha atravessado o processo

edípico. O que não está inscrito como significante retorna no real e se enuncia como faltoso, colocando-se diante do sujeito, mesmo sem possibilidade de resolução pelos meios mais comuns. “Não é que na paranoia não estejam presentes as figuras e conflitos que caracterizam a passagem edipiana. O que ocorre é que certas operações simbólicas necessárias são realizadas de outra maneira” (DUNKER, 2003, p. 10).

Freud ainda fala de um segundo modo de reação a esses desejos homossexuais, resultando em delírios de ordem erotomaníaca. A contradição se elabora de outra forma: “eu não o amo – eu a amo”. A necessidade de origem externa do conteúdo não simbolizado ainda existe, então advindo do real a mensagem se altera: “Ela me ama”. Assim a conclusão possível nesta segunda espécie de formação paranoica é resumida por “eu não o amo, eu a amo porque ela me ama”.

Freud ainda alerta que os casos de erotomania podem fornecer a impressão que poderiam ser explicados por fixações heterossexuais exageradas, porém ressalta que o que é característico da erotomania e reforça o potencial homossexual obscuro nela é que essa percepção inicia sempre de fora.

Dunker (2003) ainda frisa que o delírio erotomaníaco pode conter também a explicação para o sentimento paranoico de ódio externo, algo que condiz com a descrição de Caetano a respeito das mulheres que o odeiam porque ele não as deseja, assim elas não podem tê-lo.

Muñoz (2005) observa, introduzindo a rediscussão feita por Laca em 1955-56 da fórmula freudiana que na erotomania não há unicamente a projeção. A negação atua como mecanismo, apresentando uma contradição na hipótese da projeção ser o mecanismo da psicose.

Freud (1911) ainda fala da possibilidade que a proposição seja composta da seguinte maneira: “Não amo de modo algum, não amo ninguém”. Porém, tendo a libido que ser direcionada para algum lugar, tal proposição pode ser considerada equivalente a “Eu só amo a mim mesmo”, resultando na megalomania. Freud descreveu a megalomania como “[...] uma *supervalorização sexual do ego*” (FREUD, 1911, p. 73, grifo meu).

Esse outro enunciado pode se apresentar também da seguinte forma – Ele me odeia porque eu possuo alguma coisa de muito preciosa ou sou muito poderoso a ponto de me tornar alvo de seu ódio, por esse poder não amo ninguém só a mim mesmo (Dunker, 2003). Descrição que recai como uma luva aos sentimentos descritos por Caetano em relação aos homens. Caetano ressalta que não tem bens materiais nem

grandes quantias de dinheiro mas não entende porque atraia atenção até dos homens, que costumam implicar ou demonstrar curiosidade por sua pessoa.

Freud (1911) ainda afirma que a megalomania remete à natureza infantil, que em condições normais costuma ser dissolvida conforme o contato social é estabelecido. Caetano evita o contato social, preferiria ser invisível, dialeticamente parece que seu sentimento megalomaníaco permanece intocado, às vezes até intensificado.

Lacan (1955-56) tece uma crítica necessária a construção das origens da paranoia se resumir ao desejo homossexual. Assinala que a assertiva freudiana com certeza teve grande valia e apresentou uma novidade, mas indagou do que tratava a homossexualidade que se fala na paranoia, qual seria o ponto da economia do sujeito que ela interviria e ainda como ela determinaria a psicose. Crer que a psicose especialmente a de caráter paranoico se determinaria exclusivamente devido ao desejo homossexual seria apegar-se a uma teoria ambígua para não continuar vagando no escuro.

Vocês sabem que a psicanálise explica o caso do presidente Schreber, e a paranoia em geral, por um esquema segundo o qual a pulsão inconsciente do sujeito é tão-somente uma tendência homossexual.

Chamar atenção para o conjunto de fatos que se agrupam em torno de uma tal noção foi seguramente uma novidade capital, que mudou profundamente a perspectiva sobre a patogenia da paranoia. Mas, quanto a saber o que é essa homossexualidade, em que ponto da economia do sujeito ela intervém, como ela determina a psicose – creio poder testemunhar que só há esboçado, neste sentido, encaminhamentos os mais imprecisos, e mesmo os mais opostos (LACAN, 1955-56, p. 41).

Lacan toma então as postulações freudianas sobre os enunciados do amar e sua relação com a produção delirante do paranoico e acrescenta algumas outras afirmações e interrogações, tomando como acréscimo a questão do Outro para o psicótico. No sentido de que na psicose o Outro é sem barra, comunica-se diretamente com o sujeito, não tem em si inscrito o significante que dá acesso ao simbólico. Assim a escolha amorosa recai sobre uma encarnação do Outro no semelhante escolhido.

Freud, em 1914, no seu texto sobre o narcisismo concebe que o que está por trás dos delírios de perseguição marcados pela injúria é um ideal de eu instituído pelos pais e sociedade, as ofensas sofridas não passam de repreensões que a criança sofreu quando criança e o eco das expectativas parentais e sociais, prévia do que mais tarde seria apresentado como supereu. Assinalo assim que a compreensão do Outro do psicótico para Lacan relaciona-se com um supereu de imperativo categórico, semelhante ao que

Freud descreve porém não é oriundo da relação dual, mas anterior, caracterizado pelo próprio Outro primordial, e o sujeito é situado como objeto de gozo do Outro.

Assim, Lacan (1955-56) propõe a discussão de apreender quem fala, se fala verdadeiramente e o que fala no delírio psicótico. A sua primeira afirmação é que o psicótico fala com os outros de alguma coisa que lhe falou, alguma coisa tomou forma de palavra falada, podendo ser um ser fantasmagórico ou místico, como as revelações e intuições que Caetano tem.

Lacan ressalta a marca do Outro na fala do psicótico, ressalta que não é como uma distorção simplesmente imaginária do mundo do outro (minúsculo), ou seja, do mundo neurótico. Há a incidência do Outro, assim os psicóticos não são apenas máquinas de fala, mas há uma mensagem no que falam, mensagem essa que não é de origem do sujeito, mas do Outro.

A análise afirma que o que fala no sujeito psicótico é o inconsciente, porém a interrogação vai além, não basta saber quem fala, mas como isso fala, qual a estrutura do discurso paranoico.

É precisamente na medida em que ele lhes fala, que vocês tomam em consideração seu testemunho. A questão é saber qual é a estrutura daquele ser que lhe fala [...]. Qual será a parte, no sujeito, que fala? A análise diz – é o inconsciente. Naturalmente para que a questão tenha sentido, é preciso que vocês tenham admitido que o inconsciente é algo que fala no sujeito, além do sujeito, e mesmo quando o sujeito não o sabe, e diz sobre isso mais do que crê. A análise diz que nas psicoses é isso que fala. Será suficiente? Absolutamente que não, pois toda a questão é a de saber como isso fala, e qual é a estrutura do discurso paranoico (LACAN, 1955-56, p. 54).

Para essa análise resgata a dialética sobre amar e ser amado que Freud apresentou na análise dos escritos de Schreber. Porém a toma a fim de discutir as lacunas. Toma a projeção em primeiro lugar e afirma que a projeção que ocorre na paranoia não é a mesma que pode ser integrada num sintoma neurótico. Diferentemente, o sentimento persecutório, erotomaníaco ou de ciúme no psicótico não para de se inscrever, repetível e inidentificável. No que trata da erotomania, em Lacan o objeto de amor é sempre afastado, distante.

Conclui ressaltando a importância de análise das relações com o Outro no delírio, estando nesta dinâmica dual a verdadeira questão estrutural psicótica assistida nos delírios paranoicos e quanto às dificuldades de ordem homossexual, elas indicam a impossibilidade de situar-se na partilha dos sexos por não ter sido tocado no âmago da constituição de caráter pela norma fálica. Algo que difere de uma definição limitada ao desejo homossexual impossível de aceitar e manejar internamente.

Seria errôneo, segundo ele [Lacan], atribuir uma homossexualidade de base á psicose, esta é apenas uma das consequências possíveis da não inserção do psicótico na partilha sexual. O psicótico prescinde, para Lacan, da norma (fálica) que o situaria na existência como homem ou como mulher. A colocação por Lacan da sexualidade no nível de efeito e não de causa das psicoses é uma retificação conceitual importante. Onde Freud sinaliza a recusa do psicótico em ocupar a posição edípica, podemos com Lacan, ler a impossibilidade deste de se situar na partilha dos sexos (MUÑOZ, 2005, p. 32).

As afirmações de Muñoz desviam a possibilidade de consideração de uma homossexualidade de Caetano para a sua falta de capacidade de situar-se diante da partilha dos sexos.

No discurso de Caetano fica claro que há algo do feminino que se identifica e se sente confortável, conseguindo inclusive ele próprio localizar e nomear esse modo feminino dele de conquistar e amar. Tanto que encontrou o princípio para a solução de seus problemas, amará uma mulher ativa, que toma iniciativa, trabalha, se apresenta perante a sociedade, se impõe diante das dificuldades protegendo a relação – amará uma mulher que adote um posicionamento masculino na relação deles e também nos mais importantes vieses se sua vida.

Muñoz (2005) esclarece se embasando em Lacan (1973) que na psicose não é a escolha de um objeto de amor homossexual, mas uma tendência do sujeito em adotar uma posição feminina. É o que Lacan nomeia de empuxo-à-mulher. O situar-se do psicótico do lado da mulher na partilha do sexual se constitui como um lugar favorecido pois o modo como o significante se inscreve no lado feminino é não-todo, não se faz absoluto, mesmo estando presente, proporcionando alternativas de gozo inacessíveis ao lado masculino.

Caetano depois de seis meses de atendimentos passa a oferecer sua posição feminina para mim. Como o contato com os pacientes é feito por um número de telefone celular que disponibilizo para combinar os horários e avisar sobre imprevistos, o rapaz utiliza desse meio para expressar seu delírio erotomaníaco que agora está direcionado a mim.

Envia mensagens de texto com frequência, apesar de não obedecer a uma regularidade, hora ou data exata para o envio. A primeira mensagem não havia sido de ordem amorosa, dizia “uma família, é minha absoluta prioridade”. No atendimento seguinte a esse episódio Caetano começou o encontro falando do assunto, se desculpando, estava em um dos episódios de seu estado alfa. Depois que constatou que

havia me enviado a mensagem. Falamos sobre o episódio sem muitas delongas e ênfases.

A partir daí quase semanalmente Caetano me envia mensagens com conteúdo amoroso. Foi progressivo. De início deixava entender que eu tinha qualidades excepcionais. Aos poucos, como se justificasse a evolução de seus sentimentos, foi modificando o conteúdo de elogios para a constatação de que eu era a mulher ideal de sua vida e que tudo se revelaria e aconteceria no momento certo. Me respeitaria na condição de terapeuta enquanto os atendimentos ocorressem. Deixando claro que só trataria do assunto quando o vínculo terapêutico se rompesse ou caso eu decidisse tomar a iniciativa. Esclarece que será tudo que eu desejo, nunca um empecilho, sempre uma solução e um esteio. Deixa claro que espera a minha assunção da posição masculina.

Bressanelli (2007) em seu trabalho sobre a erotomania como resposta dos psicóticos aos impasses criados pelo amor propõe a perspectiva de apreensão da erotomania como uma das saídas para as questões da escolha do par amoroso para o psicótico.

A autora citando Abbagnano (1962) descreve a partir dos elementos fundamentais suscitados por Clérambault⁹ que a erotomania consiste na certeza de estar em comunhão amorosa com um personagem eleito, sendo o erotômano convicto que o objeto de amor o ama. O objeto é em geral uma pessoa de status mais elevado, provavelmente responsabilizada pelos primeiros avanços amorosos, é quem ama mais ou ama sozinho na relação. Todavia, mesmo sendo de status mais elevado, o objeto de amor é submisso sexualmente ao sujeito erotômano. É esse o motivo que o torna amável. “Assim, é o objeto, superior social ou intelectualmente, que apaixona-se pelo sujeito, humilde e amado, seguido da convicção de que o universo ‘conspira’ a favor desse romance” (BRESSANELLI, 2007, p.30).

O modo com Caetano a mim se refere nas mensagens de texto deixam claro que se apresenta como obediente e paciente, tal como a descrição anterior. É também perfeitamente associável as características da mulher ideal que Caetano espera e as que o objeto de amor do erotômano comumente possui.

Desta forma, as saídas encontradas pelo rapaz diante do enigma que é o amor para o psicótico, afinal trata de um encontro na linguagem e mais-além para os neuróticos (LACAN, 1972-73), são elaboradas no surgimento de um delírio de ordem

⁹ Psiquiatra francês mestre de Lacan nos seus estudos universitários, um dos primeiros a descreve a erotomania.

erotomaníaca, dirigido às várias mulheres que o amam/perseguem, às grandes mulheres que se relacionou e a mulher ideal que tem projetado no sujeito que ocupa lugar de dupla na análise, a terapeuta.

Dunker (2003) ressalta que a alternatividade que o psicótico tenta elaborar para formar vínculo pode muitas vezes resultar em insucesso. Seus delírios e alucinações podem de fato concretizarem-se no sentido de que é discriminado e perseguido, colocado à margem pela sociedade, especialmente porque os recursos que apresenta no meio social são desconhecidos e diferenciados no meio da maioria neurótica “habitante” de um mundo simbólico.

[...] não é porque o sujeito seja paranoico que os outros não o perseguem. Mais comumente, é exatamente por se sentir perseguido que o sujeito acaba produzindo situações em que a perseguição se realiza no real. É muito fácil ver como o aparato asilar e de saúde mental acaba, muitas vezes, propiciando essa perseguição real que confirma a paranoia do sujeito em um nível discursivo diferente daquela que é própria ao seu delírio (Dunker, 2003, p. 13).

Caetano é um sujeito que se relaciona socialmente. Já esteve em relacionamentos amorosos e, dessa forma, muito provavelmente foi confrontado pela elaboração de laço e estabelecimento de relação amorosa. Se seus laços de fato ocorreram e com qual qualidade eles se deram não é possível inferir, mas suas tentativas de interagir com o outro, mesmo que sem poder reconhecê-lo plenamente, muitas vezes servindo apenas de anunciador e intermediário das mensagens de um Outro primordial, o colocam em condição singular, resguardando-o da exclusão social e solidão a qual o psicótico costuma estar submetido.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A psicose impõe impasses ao sujeito assim estruturado em diversos âmbitos de sua existência devido à essência humana atravessada pela fala, ao defrontamento obrigatório com um contexto majoritariamente organizado de maneira neurótica e instigador do estabelecimento de laço.

São dificuldades de ordem da compreensão subjetiva, da estigmatização social, da funcionalidade moral e prática, da segregação e do estranhamento que emergem como abismos reforçadores dos diferenciais internos inerentes ao modo alternativo de estruturação do sujeito.

Incessantemente o mundo neurótico e suas mensagens organizadas simbolicamente se apresentam criando um desafio intermitente para a existência do psicótico, interrogando-o e por vezes instigando e ao mesmo tempo limitando os modos como ele poderia encontrar maior conforto social e equilíbrio interno.

A estrutura psicótica, a princípio, admite como conforto e amparo um modelo de vinculação fundamentalmente dual e especular, modo correspondente a um amor já vivido e ainda mantido dentro de si como o único modo de vinculação – o assujeitamento a um Outro absoluto, para ilustração, o modo relacional mãe-bebê.

Constata-se que o vislumbrar do outro difere do sentido objetual na psicose. O amor apresenta-se no sentido da busca do amparo completo, configurado pela consistência de um Outro sem barra, submetendo-se ao desejo desse. Marcado por tal molde relacional, o psicótico elabora um modo alternativo de almejar, vivenciar e reagir diante do amor e da sexualidade.

Todavia, no que tange o estabelecimento de vínculo, a realidade neurótica pode ser ilustrada pela obra de arte de Louise Bourgeois datada de 2002, nomeada *Give or Take* (Dar ou Tomar, em português) na qual um mesmo braço em uma extremidade estende uma mão aberta e do outro lado uma mão fechada. Sejam os sujeitos estruturados ou não de forma psicótica, tal realidade promove inúmeros desejos e ao mesmo tempo os interdita de acordo com limitações psíquicas, físicas ou financeiras, regionais, sociais, criando assim uma sociedade de frustrados desejantes de uma fantasia que se constitui de acordo com a história de sua existência.

É aqui posto em destaque a criação cultural do nosso mundo ocidental conhecida como amor romântico e seu estilo de vinculação. Trata-se de um laço marcado pelo

excesso, pela emoção transbordante perseguida, almejada, porém dificilmente manejada, responsável por vidas felizes e também pelas miseráveis.

Apresentado pelo contexto ao sujeito psicótico que se estrutura fora do simbólico provedor de vínculo e, por outro lado tomado por fenômenos desse mesmo registro, o vínculo amoroso se torna desejo, mesmo que concebido de modo alternativo ao corriqueiro neurótico.

Assim, este trabalho intencionou apresentar as perspectivas que emergem do discurso psicótico a respeito do amor e do campo do sexual atrelado à vivência relacional amorosa, as possibilidades, frustrações, interditos e desfechos do encontro do sujeito psicótico com essa espécie de vinculação que implica num reconhecimento do outro.

Tal pesquisa teve como alocação um aparelho da atual rede de saúde mental – o CAPS – de fundamental papel no novo modelo de atenção dirigido ao sofrimento psíquico. Essa instituição possui como prerrogativa viabilizar um espaço de integração social, oferecendo oficinas terapêuticas, atividades ocupacionais, atendimento psicológico de grupo e individual como veículos de promoção de espaço de invenção e reinvenção do sujeito, abolindo a institucionalização radical de outrora.

Sujeito esse repleto de subjetivação, de ordem completamente ímpar à neurótica, é verdade, mas não menos merecedor da nomeação *sujeito*. Calligaris (1989), ao mencionar a questão do ponto de estofo e do significante que atribui sentido à cadeia menciona a questão psicótica e reconhece a singularidade desta estruturação:

Com efeito: se o psicótico não está referido à função paterna, não por isso ele está tomado só entre Imaginário e Real. Mas qual é a sua amarragem simbólica, que tipo de significação subjetiva pode ter? Há outra coisa que não seja uma sustentação Imaginária do sujeito confrontado com o Real? Sim, certamente, porque o psicótico está tomado na linguagem. Mas estaria tomado na linguagem só metonimicamente, como se estivesse errando na linguagem. Portanto, se se tratar de uma metonímia sem nenhuma metáfora, então não haveria significação possível para o sujeito e para os seus percursos. A evidência é que existe significação no sujeito psicótico, mas como esta significação se produz e se mantém eventualmente sem amarragem metafórica? Tudo bem, o psicótico é sujeito, tem uma significação, mas, a medida em que não disporia de uma metáfora fixa, este tipo de significação é perfeitamente singular (não pode ser a mesma para todos os psicóticos) e enigmática (CALLIGARIS, 1989, p. 26).

Entretanto, a criação de atividades que culminam numa situação artificialmente moldada é estritamente dependente da demanda interna de cada usuário dos CAPS, nenhuma atividade cuidadosamente oferecida instiga e inclui sem que haja a implicação do paciente naquela situação. Portanto, de modo indireto e talvez até despropositado – ao

menos no que concerne ao CAPS Madeira-Mamoré, a impressão que me ocorre é de que não há tal intencionalidade – a criação de vínculos acontece, pois o lugar permite e acolhe a manifestação do sujeito em seu modo particular, consentindo que o sujeito atue sem abandonar sua loucura, adotando o CAPS como espaço de convivência social, encontra ali um descanso – mesmo que parcial – em sua própria condição.

Descanso esse no sentido de situar-se naquilo que se é e se tem, obviamente de forma não plena, afinal a condição de existência de significação configura como um engodo independentemente da estruturação do sujeito, mas em especial para os psicóticos esse desconforto e desajustamento, diante do contexto, se apresenta comumente de forma crônica e extremamente intensa, evidência disso é a estigmatização e a internalização desta ilustrada na grande parte dos relatos dos pacientes que são atendidos naquela instituição.

Calligaris (1989) analisa a possibilidade de uma espécie de descanso para o neurótico e para o psicótico a partir da errância pelos caminhos da vida em sujeitos das duas diferentes estruturas de como se situa o saber para eles.

Quanto à errância, toma um caso clínico de um sujeito que tivera diversas experiências na vida e que conseguira atuar em todas elas, mas não apresentava sentido ao tomá-las ou ao deixá-las, uma errância psicótica pois era desprovida de uma significação final, sem objetivo ou algo definido em sua busca, diferentemente disto então, identifica o autor, está a errância neurótica, que também se dá, mas com certa finalidade. Assim o psicótico aquém do desencadear delirante se apresenta como um errante sem rumo. Como falar de descanso neste sentido? Ora, não se situa o psicótico na errância como um modo de existir? Não deixa de ser provido de subjetivação, e é disso que trata o descanso neste sentido, na assunção e atuação do que se é. Eis seu descanso, mesmo que *cansativo*!

Mas ainda isso é diferente do que trata o descanso aqui mencionado, afinal todos os sujeitos desta pesquisa são psicóticos que já viveram episódios de crises, construção delirante. Enfim, fenômenos de ordem psicótica manifesta.

Calligaris (1989) relembra que a questão da estrutura, parâmetro adotado por Lacan em muitas de suas discussões e aqui nesta dissertação tomado como fundamental, trata-se de uma estruturação que se relaciona diretamente com questões de defesa, é sobre o modo de lidar com a demanda do Outro que fala a perspectiva estrutural.

O segundo elemento da discussão a respeito de uma possibilidade de descanso situa-se neste âmbito. Para o neurótico existe “ao menos um” que sabe lidar com a

demanda do outro no patamar simbólico, um sujeito suposto e a questão da defesa na neurose trata de como cada sujeito lida com essa dívida para com esse “um” que sabe e que lhe fornece a significação. Para o psicótico a questão do saber é dada de outra maneira, o saber de defesa é sem sujeito, necessita por si mesmo tecer uma espécie de rede que o proteja da demanda do Outro sem barra.

Uma outra diferença significativa está no lugar onde se situa o saber de defesa. Para o neurótico é um saber suposto ao pai, para o psicótico não pode ser suposto (pois a quem?) e deve ser produzido (pelo menos pelas trilhas da sua errância), mas também só pode ser produzido na superfície da coisa mesma, como um casulo ao redor da coisa mesma. (CALLIGARIS, 1989, p. 18).

Assim, podemos localizar a paixão pelo saber e a certeza psicótica a respeito do que fala. Ele mesmo precisa criar sua defesa, mesmo que seja numa errância eterna e imensa, que leve a vida inteira ou depender da construção delirante e o material para criação de sua defesa, advindo do real. Calligaris (1989) propõe uma construção que relaciona saber e descanso para a psicose.

O psicótico é mesmo "autônomo" (ele não tem um delírio de autonomia, justamente) na tarefa infinita e impossível de sustentar o saber. Daí algumas consequências descritivas e teóricas. Primeiro descritivas. O próprio do neurótico é a possibilidade, pelo menos, de uma grande paixão da ignorância. Para o psicótico, certamente uma paixão do saber, porque o saber todo é a responsabilidade do sujeito e da sua certeza, e com a sua certeza é que ele vai poder sustentá-lo. Do lado neurótico, a possibilidade do descanso, e, do lado do psicótico, a impossibilidade do descanso. A problemática neurótica nem é uma problemática de saber, é fundamentalmente uma problemática de domínio: a questão é como poder referir-se a "ao menos um" que saberia o que fazer, que saberia dominar. A problemática psicótica é autenticamente uma problemática de saber, é como percorrer e construir, mesmo que seja com a errância física, a rede de um saber total. É o que faz com que os neuróticos sejam burros e os psicóticos, não (CALLIGARIS, 1989, p. 25).

Todavia, este trata de um descanso no sentido de consolo, um sentido oposto ao sentido aqui apresentado e impossível para o psicótico, afinal o que é nesta pesquisa apresentado é a possibilidade da insistência do psicótico em sempre atuar em seu modo particular, em sua errância ou modo constitutivo de ponto *capiton* ou ponto de estofo muito único, incomodo, inquieto mas possível e que o torna sujeito, e é neste outro sentido que se fala de descanso nesta pesquisa.

Um descanso muito único, da ordem do situar-se ou repousar *na* loucura, a vivência dela e de uma espécie de amar particular a cada loucura mais particular ainda. Por isso não se adentra nas questões mais amplas do amor romântico, afinal o que há de interessante é um amor estranho ao modo de amar neurótico romantizado. Trata-se aqui o amor da loucura, não a loucura do amor.

Antonieta, Giovanni e Caetano apresentaram em seus discursos ilustrações de como tentam e/ou atuam no âmbito amoroso e ainda demonstram como, de alguma maneira, o CAPS exerce função crucial ou periférica na invenção do vínculo amoroso alternativo.

Os casos suscitam a vivência e aspiração relacional amorosa permeada pela sexualidade em três possibilidades: Como possível fator estabilizante provisório; elemento desencadeador da fenomenologia psicótica por via da linguagem, atuando como desestruturador e ainda como via de criação de laço social.

Antonieta nos apresenta um exemplo em que o amor é recebido apenas como amostra, sem a possibilidade de realizar-se na realidade neurótica apesar de haver para a paciente a adesão à demanda externa de espelhar suas aspirações nas de todos os outros a sua volta. Todavia a expectativa e as construções imaginárias internas formulam modos de atuar no contexto social, laboral e familiar ao qual está inserida e é induzida a se adaptar. Sem deixar de possuir a marca simbólica, o amor para Antonieta também desestabiliza, a expõe ao abismo, o buraco deixado pela inexistência do significante paterno.

Giovanni galga um caminho rumo a um modelo que adota como ideal mas é atravessado pela ordenação singular de seus conteúdos inconscientes, esforça-se visando controle, assertividade e adesão à moralidade e justiça, mas é tomado pela falta de sentido. A possível vivência amorosa é por vezes tida como interdita e por outras como a via para a sonhada paz interna para a solidão e abandono que assola seus planos e anseios. O amor sonhado é aquele de quem cuida, zela e é capaz de responsabilizar-se por um sujeito que não se adéqua a tudo que é considerado normal, essencial e aceitável eticamente. Desenvolve um vínculo transferencial que proporciona uma breve experiência do que pode vir a ser poder falar com outro. Sua fala com Deus tem um significado particular que não supre o vazio que toma seu peito depois de dias, semanas e até meses de enclausuramento.

Caetano mergulha num amor dual, especular e absoluto, imerso na certeza de sua ascendência espiritual, busca para tornar a razão de sua vida e a cura para seus males aquela que corresponde a um algo oposto ao que é – um sujeito que ama como as mulheres, mas tem “gosto” de homem. Exibe um rascunho de adoção de um lado na partilha dos sexos mas por não ter isso inscrito, se orienta no sentido que lhe é conveniente. Adota a busca de um gozo Outro, independente de outros seres, um amor sem participação social, uma dedicação exclusiva ao par destinado para si.

Os recortes analisados foram tomados a partir da perspectiva psicanalítica freudo-lacaniana, considerando as construções que abordaram a psicose de alguma maneira, os conceitos elementares da psicanálise e ainda as interrogações elaboradas neste contexto a respeito dessa alternativa estruturação de personalidade.

Três modos singulares de arriscar-se em algum modo de vinculação amorosa-erótica, por vezes caóticos, mas adequáveis a estrutura desses sujeitos. Descansam em suas loucuras, mesmo quando atormentados, pois independentemente da demanda do meio neurótico desenvolvem um caminho particular de experimentar, almejar e viver um laço.

Mesmo diante da sombra de um Outro que vai mantê-los a sua volta no que diz respeito ao modo de vincular-se, tais sujeitos não reproduzem um simples assujeitamento, ensaiam e arriscam escapadelas e reinventam uma existência marcada por uma estruturação tida como exceção, estranho e desadaptada.

Os constructos lacanianos, especialmente os adotados na primeira clínica – grupo de textos produzidos em período no qual havia como fundamento central as três estruturas possíveis de constituição do sujeito e um clamor pelo retorno às concepções freudianas – são utilizados majoritariamente como fundamentação teórica para a análise dos casos clínicos.

Dunker em um seminário público sobre a obra psicanalítica de Jacques Lacan, em 2010, explanou sobre a hipótese de análise de uma psicopatologia nomeada não-toda, derivada de quatro elaborações lacanianas – a teoria das estruturas, a proposição dos quatro discursos, as formulações sobre a sexualização e a teoria dos três registros. Dessa maneira, adota-se a perspectiva da teoria das estruturas de Lacan e a indispensável construção freudiana em seu legado a respeito da psicose, mesmo que à época considerada impossível de análise a partir dos princípios clínicos de tratamento da neurose.

REFERÊNCIAS

ALTOÉ, S.; LIMA, M. M. e (Orgs.). **Psicanálise, clínica e instituição** (pp. 55-71). Rio de Janeiro: Rios Ambiciosos, 2005.

BASTOS, A; GAMA, V. C. A feminização na psicose: empuxo-à-mulher e erotomania. **Psicol. clin.**, Rio de Janeiro, v.22, n.1, jun. 2010. Disponível em <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-56652010000100009&lng=pt&nrm=iso>. acessos em 23 de outubro de 2011.

BARROS, T. M. S.. Nascimento e morte da tragédia ática segundo Friedrich Nietzsche. **Revista Ítaca**: revista de pós-graduação em filosofia IFCS-UFRJ. Rio de Janeiro, nº 12, p. 122-131, 2009. Disponível em: <http://revistaitaca.org/versoes/vers12-09/121-131.pdf>. Acesso em: 06 de maio 2012.

BONI JUNIOR, Jonas de Oliveira. **O estádio do espelho de Jacques Lacan**: gênese e teoria. 2010. Dissertação (Mestrado em Psicologia Clínica) - Instituto de Psicologia, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2010. Disponível em: <<http://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/47/47133/tde-09022011-123759/>>. Acesso em: 2012-02-29.

BRASIL. **Reforma psiquiátrica e política de saúde mental no Brasil**: Conferência Regional de Reforma dos Serviços de Saúde Mental: 15 anos depois de Caracas. Brasília: Ministério da Saúde, 2005.

BRESSANELLI, Juliana. **A erotomania como resposta psicótica aos impasses do amor**. Dissertação (Mestrado) Pós-Graduação em Psicologia – Universidade Federal de Minas Gerais. Belo Horizonte. UFMG, 2007.

BROUSSE. M-H. A psicose ordinária à luz da teoria lacaniana do discurso. Tradução: LIMA, M.M. **Latusa Digital**, Rio de Janeiro, ano 6, nº 38, setembro de 2009.

BROUSSE, M-H. L'incidence du transfert dans la clinique des psychoses. **La stylistique des psychoses**. Paris: Documents préparatoires de l'ICF, pp 81-88.1999.

CALLIGARIS, C. **Introdução a uma Clínica Diferencial das Psicoses**. Porto Alegre, Artes Médicas, 1989.

CECCARELLI, P. O sofrimento psíquico na perspectiva da psicopatologia fundamental. **Psicologia em Estudo**, Maringá, v. 10, n. 3, p. 471-477, set./dez. 2005.

COSTA, J.F. Narcisismo em Tempos Sombrios. In: FERNANDES, H.R. (org.). **Tempo do Desejo**. São Paulo, Brasiliense, 1988.

CAMPOS, S. Considerações a cerca do transtorno afetivo bipolar. **Almanaque On-line** – Revista Eletrônica do IPSM-MG, ano 2, nº 3. Minas Gerais. 2008. Disponível em: <<http://www.institutopsicanalise-mg.com.br/psicanalise/almanaque/textos/numero3/5.Bipolar%20z.pdf>> Acesso em 4 de agosto de 2011.

DIOGO, D. R. **A construção do laço social na psicose**. Tese de Doutorado, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Instituto de Psicologia, Programa de Pós-Graduação em Teoria Psicanalítica, Rio de Janeiro: UFRJ/IP, 2008.

DOR, J. **Introdução à leitura de Lacan**: O inconsciente estruturado como linguagem. 3. Ed. Porto Alegre: Artes Médicas, 1989.

DUNKER, C. I. L. Sobre a Compreensão Psicanalítica da Paranoia. **Mental (Barbacena)**, Barbacena - MG, v. 1, n. 1, p. 23-38, 2003.

ELIA, L. **Para além da sexualidade**: A psicose na psicanálise. Tese de Doutorado, Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro: – PUC/RJ, 1992.

ELIA, L. A transferência na pesquisa em psicanálise: lugar ou excesso? **Psicol. Reflex. Crit.**, Porto Alegre, v.12, n.3, 1999. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0102-79721999000300015&script=sci_arttext. Acesso em 12 de junho de 2011.

FÉDIDA, P. **A clínica psicanalítica**. São Paulo: Editora Escuta, 1988.

FERRARI, I. F. Melancolia: de Freud a Lacan, a dor de existir. **Latin American Journal of Fundamental Psychopathology online**, v. 6, p. 1, 2006.

FERRARI, I. F. Acerca do amor e algumas de suas particularidades na psicose. **Arquivos Brasileiros de Psicologia**, v.61, n. 3, Rio de Janeiro: 2009.

FRANÇA NETO, O. . Identificação e culpa: questões éticas contemporâneas. **Ágora** (PGTP/UFRJ), Rio de Janeiro, v. VIII, n. Número 1, p. 95-106, 2005.

FREUD, S. **Edição Standard Brasileira das Obras Completas de Sigmund Freud** (ESB). Rio de Janeiro: Imago, 1996.

FREUD, S. (1888). **Histeria**. Edição Standard Brasileira das Obras Completas de Sigmund Freud (ESB), v.I, Rio de Janeiro: Imago, 1996.

FREUD, S. (1894). **As neuropsicoses de defesa**. Edição Standard Brasileira das Obras Completas de Sigmund Freud (ESB), v.III, Rio de Janeiro: Imago, 1996.

FREUD, S. (1895a). **Rascunho G**. Melancolia. Edição Standard Brasileira das Obras Completas de Sigmund Freud (ESB), v.I, Rio de Janeiro: Imago, 1996.

FREUD, S. (1895b). **Rascunho H**. Paranoia. Edição Standard Brasileira das Obras Completas de Sigmund Freud (ESB), v.I, Rio de Janeiro: Imago, 1996.

FREUD, S. (1896). **Observações adicionais sobre as neuropsicoses de defesa**. Edição Standard Brasileira das Obras Completas de Sigmund Freud (ESB), v.III, Rio de Janeiro: Imago, 1996.

FREUD, S. (1899). **Carta 125**. Edição Standard Brasileira das Obras Completas de Sigmund Freud (ESB), v.I, Rio de Janeiro: Imago, 1996.

FREUD, S. (1900-01). **A Interpretação dos sonhos I e II**. Edição Standard Brasileira das Obras Completas de Sigmund Freud (ESB), v.IV e V, Rio de Janeiro: Imago, 1996.

FREUD, S. (1905). **Três Ensaio Sobre a Teoria da Sexualidade**. Edição Standard Brasileira das Obras Completas de Sigmund Freud (ESB), v.VII, Rio de Janeiro: Imago, 1996.

FREUD, S. (1906). **Minha Tese Sobre o Papel da Sexualidade na Etiologia das Neuroses**. Edição Standard Brasileira das Obras Completas de Sigmund Freud (ESB), v.VII, Rio de Janeiro: Imago, 1996.

FREUD, S. (1907). **Delírios e Sonhos na *Gradiva* de Jensen**. Edição Standard Brasileira das Obras Completas de Sigmund Freud (ESB), v. IX, Rio de Janeiro: Imago, 1996.

FREUD, S. (1910). **Um Tipo Especial de Escolha de Objeto Feita Pelos Homens (Contribuições à Psicologia do Amor I)**. Edição Standard Brasileira das Obras Completas de Sigmund Freud (ESB), v. XI, Rio de Janeiro: Imago, 1996.

FREUD, S. (1911). **Notas psicanalíticas sobre um relato autobiográfico de um caso de paranoia (dementia paranoides)**. Edição Standard Brasileira das Obras Completas de Sigmund Freud (ESB), v.XII, Rio de Janeiro: Imago, 1996.

FREUD, S. (1912). **Sobre a Tendência Universal à Depreciação na Esfera do Amor (Contribuições à Psicologia do Amor II)**. Edição Standard Brasileira das Obras Completas de Sigmund Freud (ESB), v. XI, Rio de Janeiro: Imago, 1996.

FREUD, S. (1913). **Totem e Tabu**. Edição Standard Brasileira das Obras Completas de Sigmund Freud (ESB), v.XIII, Rio de Janeiro: Imago, 1996.

FREUD, S. (1914). **Sobre o narcisismo**: Uma introdução. Edição Standard Brasileira das Obras Completas de Sigmund Freud (ESB), v.XIV, Rio de Janeiro: Imago, 1996.

FREUD, S. (1917). **Luto e Melancolia**. Edição Standard Brasileira das Obras Completas de Sigmund Freud (ESB), v.XIV, Rio de Janeiro: Imago, 1996.

FREUD, S. (1920). **Além do princípio do prazer**. Edição Standard Brasileira das Obras Completas de Sigmund Freud (ESB), v.XVIII, Rio de Janeiro: Imago, 1996.

FREUD, S. (1921). **Psicologia de grupo e análise do ego**. Edição Standard Brasileira das Obras Completas de Sigmund Freud (ESB), v.XVIII, Rio de Janeiro: Imago, 1996.

FREUD, S. (1922). **Dois verbetes de enciclopédia**. (A) Psicanálise. Edição Standard Brasileira das Obras Completas de Sigmund Freud (ESB), v.XVIII, Rio de Janeiro: Imago, 1996.

FREUD, S. (1923). **O Ego e o id**. Edição Standard Brasileira das Obras Completas de Sigmund Freud (ESB), v. XIX, Rio de Janeiro: Imago, 1996.

FREUD, S. (1924). **A Dissolução do Complexo de Édipo**. Edição Standard Brasileira das Obras Completas de Sigmund Freud (ESB), v. XIX, Rio de Janeiro: Imago, 1996.

FREUD, S. (1925). **Algumas consequências Psíquicas da Distinção Anatômica Entre os Sexos**. Edição Standard Brasileira das Obras Completas de Sigmund Freud (ESB), v.XIX, Rio de Janeiro: Imago, 1996.

FREUD, S. (1931). **Sexualidade Feminina**. Edição Standard Brasileira das Obras Completas de Sigmund Freud (ESB), v.XXI, Rio de Janeiro: Imago, 1996.

FOUCAULT, M. **História da Loucura**: Na idade clássica. 8. Ed. São Paulo: Perspectiva, 2008.

GUTMAN, G. Amor celeste e amor terrestre: o encontro de Alcibíades e Sócrates em O banquete, de Platão. **Rev. latinoam. psicopatol. fundam.**, São Paulo, v. 12, n. 3, Set. 2009. Disponível em:
<http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1415-47142009000300009>
Acesso em 23 de dezembro de 2012.

KAUFMANN, P. **Dicionário enciclopédico de psicanálise**: O legado de Freud e Lacan. Jorge Zahar Editor, 1996.

LACAN, J. (1949) **O estágio do espelho como formador da função do eu tal como nos é revelada na experiência psicanalítica**. Escritos. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1998.

LACAN, J. (1955-56) **O Seminário, livro 3**: As psicoses. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor.

LACAN, J. (1957) **A psicanálise e seu ensino**. Escritos. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1998.

LACAN, J. (1957-58a) **De uma questão preliminar a todo tratamento possível da psicose**. Escritos. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1998.

LACAN, J. (1957-58b) **O Seminário, livro 5**: As formações do inconsciente, Rio de Janeiro, Jorge Zahar Ed, 1999.

LACAN, J. (1959-60) **O Seminário, livro 7**: A ética da psicanálise, Rio de Janeiro, Jorge Zahar Ed, 1988.

LACAN, J. (1972-73) **O Seminário, livro 20**: Mais, ainda. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1985.

LACAN, J. (1976) **O Seminário, livro 23**: O sinthoma. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2007.

LANDEEN, J. & VOLMAN, L. Uncovering the sexual self in people with schizophrenia. **Journal of Psychiatric and Mental Health Nursing** 14, 411-417. London: UK, 2007.

LAPLANCHE, J. & PONTALIS, J. -B. **Vocabulário de Psicanálise**. 4. Ed. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

LEJARRAGA, A. L. **Fragmentos do discurso amoroso freudiano**. Cadernos de Psicanálise (Sociedade de Psicanálise/RJ), Rio de Janeiro, v. 16, n. número 19, p. 129-147, 2000.

LEJARRAGA, A. L. **Reflexões sobre a Distinção entre Amor e Sexualidade na Primeira Tópica Freudiana**. Physis. Revista de Saúde Coletiva, v. 12, p. 141-164, 2002.

LIMA, W. E. M. **Do impossível da inclusão social à invenção como laço social possível na psicose**. Dissertação (Mestrado) – Programa de Pós-Graduação em Psicanálise. Universidade de Estado do Rio de Janeiro: UERJ. 2010.

MALCHER, F. **Os Impasses do Laço Social na Psicose**. Dissertação (Mestrado em Psicologia) Programa de Pós-Graduação em Teoria Psicanalítica - Universidade Federal do Rio de Janeiro, 2011.

MCCANN, E. The expression of sexuality in people with psychosis: breaking the taboos. **Journal of Advanced Nursing** 32(1), 132-138. London: UK, 2000.

MCCANN, E. Exploring sexual and relationship possibilities for people with psychosis – a review of the literature. **Journal of Psychiatric and Mental Health Nursing** 10, 640-649. London: UK, 2003.

MILLER, J.-A. [et.al.] **La pareja y el amor : Conversaciones clínicas con Jacques-Alain Miller en Barcelona**. Buenos Aires : Paidós, 2003.

MILLER, J.-A. **L'amour dans les psychoses**. Editeur :Seuil. France, 2004.

MUÑOZ, N. M. **Inventar o Amor: Um Desafio na Clínica das Psicoses**. Tese (Doutorado) – Universidade Federal do Rio de Janeiro/ Instituto de Psicologia / Programa de Pós-graduação em Teoria Psicanalítica, 2005.

NASIO, J.-D. **Lições sobre os sete conceitos cruciais da psicanálise**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1997.

NOGUEIRA, L. C. A pesquisa em psicanálise. **Psicol. USP**, São Paulo, v.15, n.1 -2, Junho de 2004. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-65642004000100013. Acesso em 30 Fevereiro de 2011.

QUINET, A. **Teoria e clínica da psicose**. Rio de Janeiro, RJ: Editora Forense Universitária, 2009.

QUEIROZ, E. F. Do Pathos do teatro grego à paixão na contemporaneidade. **Revista Symposium**, Recife, ano 3, Dezembro, p. 79-85, 1999.

RÊGO, R. M. L. **Sou Homem ou Sou Mulher? Sobre a Sexuação na Psicose**. Dissertação (Mestrado em Teoria Psicanalítica) - UFRJ Instituto de Psicologia. Programa de Pós Graduação em teoria Psicanalítica, 2011.

RINALDI, D. L.; BURSZTYN, Daniela Costa. O desafio da clínica na atenção psicossocial. **Arquivos Brasileiros de Psicologia**, v. 60, p. 4, 2008.

ROSA, J. G.. **Grande sertão: Veredas**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1986.

SCHREBER, D. P. **Memórias de um doente dos nervos**. Rio de Janeiro: Paz e terra, 1995.

STENNER, A. S. **Sexuação e modalidades de gozo na clínica com mulheres psicóticas**. Tese (Doutorado) - Universidade Federal do Rio de Janeiro/ Instituto de Psicologia/Programa de Pós-graduação em Teoria Psicanalítica, 2011.

VILELA; A. M. **O enigma da psicose à luz da teoria da forclusão do significante Nome-do-Pai**. Dissertação (Mestrado em Psicologia) – Universidade Federal de Minas Gerais, Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas. Minas Gerais: UFMG, 2001.

Você, você (Canção Edipiana). Francisco Buarque de Holanda. **As cidades**. 1997.

ZANOTELLI, M. L. C. S. **O Lugar do Analista no Tratamento das Psicoses: na perspectiva de Freud e Lacan**. Dissertação (Mestrado em Teoria Psicanalítica) – Universidade Federal do Rio de Janeiro, Instituto de Psicologia. Rio de Janeiro: UFRJ/IP, 2011.

ZENONI, A. (2000) Psicanálise e Instituição: A segunda clínica de Lacan. **Abre campos. Revista de Saúde Mental do Instituto Raul Soares**, ano I, n. 0. Belo Horizonte: RedeFhemig, p. 9-70.